



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

PRÁTICA PEDAGÓGICA E SUPERVISÃO
REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ANEXOS

CÉLIA DA GRAÇA LOPES VARGUES

FARO

2007

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

PRÁTICA PEDAGÓGICA E SUPERVISÃO
REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

ANEXOS

CÉLIA DA GRAÇA LOPES VARGUES

FARO
2007

LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Guião das Entrevistas – Segundo momento do estudo.....	3
Anexo II – Protocolo da Entrevista E1.....	6
Anexo III – Primeiro tratamento da Entrevista E1.....	24
Anexo IV – Pré-categorização da Entrevista E1.....	34
Anexo V – Categorização da informação – Entrevista E1.....	49
Anexo VI – Quadro geral de comparação de dados – Entrevistas E1, E2 e E3.....	58
Anexo VII – Questionário.....	66
Anexo VIII – Tabelas de sistematização dos dados obtidos pela aplicação do Questionário.....	79
Anexo IX – Guião das Entrevistas – Quarto momento do estudo.....	122
Anexo X – Protocolo da Entrevista E4.....	125
Anexo XI – Primeiro tratamento da Entrevista E4.....	135
Anexo XII – Pré-categorização da Entrevista E4.....	142
Anexo XIII – Categorização da informação – Entrevista E4.....	152
Anexo XIV – Quadro geral de comparação de dados – Entrevistas E4, E5 e E6.....	158

ANEXO I

Guião das Entrevistas – Segundo momento do estudo

GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: Representações dos alunos do 4.º ano do Curso do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da Prática Pedagógica.

Objectivo geral: Conhecer as Representações que os alunos do 4.º ano do Curso de Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico possuem acerca da Prática Pedagógica.

Entrevistados: Três alunos do 4.º ano do Curso do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Determinação dos Blocos	Objectivos Específicos	Formulário de Questões	Obs
BLOCO A Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none">• Legitimar a entrevista.• Motivar o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">• Informar os entrevistados acerca do trabalho em curso.• Informar acerca do tema e do objectivo geral da entrevista.• Agradecer a sua colaboração referindo a importância da mesma.• Assegurar a confidencialidade das informações e o anonimato dos entrevistados.• Solicitar autorização para gravar em áudio a entrevista.	Tempo 5mn
BLOCO B Organização, realização e avaliação da Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer as representações dos alunos em relação à organização, realização e avaliação da Prática Pedagógica.	<ul style="list-style-type: none">• Pedir aos entrevistados que caracterizem a Prática Pedagógica relativamente ao modo de:<ul style="list-style-type: none">- organização- realização- avaliação	Tempo 10mn
BLOCO C Aspectos problemáticos da Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none">• Identificar os aspectos que os alunos em situação de Prática Pedagógica consideram problemáticos.	<ul style="list-style-type: none">• Pedir aos entrevistados que refiram os aspectos da Prática Pedagógica que consideram problemáticos.	Tempo 10mn

BLOCO D Estratégias utilizadas para superar dificuldades sentidas na realização da Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as estratégias usadas para superar as dificuldades sentidas na realização da Prática Pedagógica 	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar que identifiquem algumas estratégias usadas para superar dificuldades sentidas. 	Tempo 10mn
BLOCO E Reflexão sobre o ciclo de supervisão	<ul style="list-style-type: none"> • Saber de que forma se reflecte os principais aspectos decorrentes do ciclo de supervisão no desempenho dos alunos, na sua Prática Pedagógica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir aos entrevistados que refiram de que forma reflectem sobre os principais aspectos decorrentes do ciclo de supervisão. 	Tempo 10mn
BLOCO F Efeitos da Prática Pedagógica no desenvolvimento pessoal e profissional	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o que pensam os alunos acerca dos efeitos da Prática Pedagógica em termos do seu desenvolvimento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar que os entrevistados identifiquem os efeitos da Prática Pedagógica em termos do seu desenvolvimento pessoal e profissional. 	Tempo 10mn
BLOCO G Motivos de satisfação e insatisfação face à realização da Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Saber quais os motivos de satisfação e insatisfação que manifestam os alunos face à realização da Prática Pedagógica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir aos entrevistados que refiram quais os motivos de satisfação e insatisfação face à realização da Prática Pedagógica. 	Tempo 10mn

ANEXO II

Protocolo da Entrevista E1

PROTOCOLO DA ENTREVISTA E1

Ent. – Eu sou aluna do curso de Mestrado em Supervisão e vou fazer um trabalho sobre o que pensam os alunos do 4.º ano acerca da Prática Pedagógica, é por isso é que eu solicitei a sua colaboração para me ajudar neste estudo.

Prot. - Certo.

Ent. – Toda a entrevista é anónima e também solicito autorização para que seja gravada.

Prot. – Sim.

Ent. – Então poderemos começar, eu perguntava-lhe de que forma é que está organizada a vossa Prática Pedagógica?

Prot. – Pronto, em termos de número de dias por semana? É essa a ...

Ent. – Em relação à estrutura, em relação à vossa participação?

Prot. – À nossa participação?

Ent. – Sim, se começam logo por participar, se observam primeiro...

Prot. – Exactamente, temos uma semana de observação inicial, depois a semana seguinte costuma ser uma semana cooperativa, em que no nosso caso é um grupo de três elementos, depois nas semanas a seguir é o aluno A, o aluno B e o aluno C. Vai sendo assim sempre sucessivamente. É ... normalmente é essa a organização. Para definir a aluno A, B ou C somos nós que decidimos, não há interferência do professor cooperante nem do professor supervisor.

Ent. – São vocês que escolhem então... quem é que vai intervir primeiro.

Prot. – Nós é que escolhemos a ordem, normalmente é em voto. Fizemos em voto, metemos papelinhos, cada um tira, é o A, B e C, que assim não há problemas.

Ent. – E qual é a calendarização das práticas nas escolas do 1.º ciclo?

Prot. – Ah...começamos em Outubro, depois fomos até ao Natal, temos as férias de Natal igualmente como eles, vamos até Janeiro, até agora à segunda semana de Janeiro, depois entramos de férias de semestre e começa ...em princípio na primeira semana que vai ser ainda no... em Fevereiro no final vai ser cooperativa também, que é a primeira logo após as férias de primeiro semestre. Depois não sei bem até quando porque ainda não temos o... o calendário... mas em princípio será até Maio.

Ent. – Acha que o tempo dedicado à Prática Pedagógica é suficiente para o desempenho futuro da docência?

Prot. – Ah...acho que poderia ser um pouco mais... ah...porque começámos no terceiro ano, não é, só que dois dias é pouco, é pouco tempo de prática, no ano passado... achei pouco tempo, quatro dias acho que é o ideal...mas achava que... porque nós começámos com quatro dias de prática no primeiro semestre e agora no segundo vamos ter dois dias de prática. Eu acho que essa organização devia ser ao contrário porque devíamos conhecer primeiro a turma melhor, condições da escola, todo esse processo, conhecer cada aluno melhor, por isso talvez os dois dias primeiro, depois sim passarmos aos quatro, acho que aí...há um pequeno... acho que deveria ser ao contrário...mas...

Ent. – Portanto, no início da Prática Pedagógica houve um período de observação, ou iniciaram logo uma intervenção directa com os alunos?

Prot. – Fizemos primeiro uma semana de observação, que observámos os alunos...

Ent. – Só de observação?

Prot. – Só, só de observação.

Ent. – Não fizeram qualquer intervenção.

Prot. – Nada, nada, pronto ajudámos assim com... mas isso a pedido mesmo da professora cooperante... às vezes ajudamos aqueles alunos que precisam mais da nossa ajuda... tivemos lá perto deles mas não houve intervenção directa...sim.

Ent. – E nas vossas aulas quando começam já a participar existe uma preparação prévia das aulas com a supervisora cooperante?

Prot. – Inicialmente... a professora sempre nos disse que matéria queria que déssemos, os conteúdos todos, depois normalmente, pensamos em casa em actividades, sozinhos pensamos em actividades, depois voltamos a falar com a professora, mostramos as actividades, se ela achar que... que está correcto... sim.

Ent. – Como planificam essas actividades?

Prot. – Planificamos... normalmente... é sem ajuda de... do professor cooperante, não é? Nós pensamos nas actividades e fazemos as... normalmente tentamos escolher actividades que promovam interesse nas crianças e desenvolvam a aprendizagem.

Ent. – E planificam-nas individualmente ou juntam o vosso grupo, que normalmente... faz a Prática Pedagógica e trabalham em grupo?

Prot. – Na cooperativa normalmente fazemos isso, nas outras geralmente não, umas mostramos sempre, por exemplo, se algum achar que, pronto, a actividade não é a mais correcta ou aí... pronto...altera-se, mas é individual.

Ent. – E os materiais pedagógicos, como é que produzem esses materiais que depois vão utilizar na Prática Pedagógica?

Prot. – No meu caso, ah... faço muita coisa manualmente porque gosto muito de expressão artística... ah...também fizemos alguns materiais em apresentação computador, acetato, também utilizamos, pronto, dentro... é assim... coisas assim.

Ent. – E quem é que os costuma orientar nessa tarefa de preparação de materiais?

Prot. - A preparação do material é individual, não ... não temos...

Ent. – Não têm orientação de... de nenhum professor?

Prot. – Não, não.

Ent. – Sobre a avaliação da...da vossa Prática Pedagógica quem é que deve intervir nessa... nessa avaliação, da prática, quem é que acha que deve intervir na avaliação da prática pedagógica?

Prot. – Especialmente a professora cooperante porque está todo o tempo lá, observa tudo, tudo, tudo e também o professor supervisor... claro, porque também tem acesso à planificação, também se achar que alguma coisa está errada na planificação nos diz, em termos de material ou seja do que for, ele diz-nos sempre se... se acha que alguma coisa deve ser alterada é dito por isso também tem direito à avaliação, e também lá vai.

Ent. – E quando...quando avaliar os alunos?

Prot. – Quando avaliar, quando é que eu acho que se deve avaliar os alunos? Após os conteúdos serem bem desenvolvidos após prática dos conteúdos ai sim acho que o aluno pode ser avaliado com ... claro tem de ser com uma ficha de trabalho, mais que não seja ficha de trabalho, mesmo não só com fichas de trabalho, mesmo participação na aula, o empenho que eles têm a fazer as actividades, que vê-se, não é, se eles estão empenhados ou se estão na brincadeira.

Ent. – Quando é que devem ser avaliados os alunos da Prática Pedagógica?

Prot. – Ah, os alunos da prática, pronto, ah...quando é que devem ser? Acho que semana a semana é bom porque... para termos também uma ideia do que é que falhou, o que é que... o que é que pode ser alterado, normalmente isso é-nos dito especialmente... pronto... ambos nos dizem, o professor supervisor costuma dizer se nós por exemplo em termos de postura ou em termos de... pronto qualquer que seja

...alguma atitude ou forma de dar a aula que ele verifique que não está tão correcta... é-nos dito, isso é... é bom.

Ent. – Quais as funções da avaliação da Prática Pedagógica?

Prot. – Acho que é mesmo isso, é o poder... poder modificar o que está mal e corrigir e melhorar sempre ao longo da prática, acho que essa é a principal função da avaliação.

Ent. – E o que é que acha que deve ser avaliado nos alunos?

Prot. – O que é que deve ser avaliado? Ah... acho que a postura, especialmente se... se planifica actividades que... para promover interesse e... e a aprendizagem dos alunos mas acho que também se deve ter em conta... quer dizer... uma pessoa pode planificar algo que promove interesse ou que pensamos que promove e depois na altura não...não...não tem... (risos) não tem bem a função que pretendíamos, não é? Acho que... acho que é isso.

Ent. – E que critérios devem ser tidos em linha de conta na avaliação dos alunos? Os critérios mais importantes?

Prot. – Ah...que critérios? Ah...pois (risos) deixe-me ver, acho que... especialmente se a pessoa gosta do que está a fazer, que é... é muito importante... se... se planifica de acordo com os alunos que... que tem... acho que é isso.

Ent. – Considera que a avaliação da supervisora cooperante é objectiva ou mais subjectiva?

Prot. – Ah...considero que por vezes é um pouco subjectiva... poderia ser um bocadinho mais objectiva até porque nos ajudaria mais, por vezes se calhar não nos dizem logo, logo, logo o que pensam mas eu acho que deveria ser dito logo porque é preferível assim do que dizer mais tarde por isso acho que deveria ser mais objectiva, por vezes é um pouco subjectiva, ficamos assim... sem...perceber muito, muito bem o que é que falhou mas normalmente, até porque a nossa professora cooperante no final de cada semana, destes quatro dias, tem uma pequena conversa connosco em que... mas

é a tal coisa... normalmente são os nossos colegas é que nos colocam mais...críticas... construtivas são mais por parte dos colegas apesar da professora também... também o fazer.

Ent. – E que aspectos da avaliação da Prática Pedagógica mais... mais valoriza?

Prot. – Os que eu mais valorizo da avaliação... ah...especialmente o gosto por... verificar se há gosto em trabalhar com crianças, especialmente isso, acho que é o mais importante.

Ent. – E aquilo que mais desvaloriza, que aspectos da avaliação da Prática Pedagógica mais desvaloriza?

Prot. – Da avaliação? Ah... o... o mau interpretar... ah... por exemplo quem está de fora por vezes ...ah... observa coisas que não são as reais, não é... e isso para mim é o que é... é o que eu acho que é...mais...ou pelo menos quem lá está a frente não vê as coisas dessa forma, então acho que isso é... o mais prejudicial na avaliação.

Ent. – Como decorreu o primeiro encontro com a supervisora cooperante?

Prot. – Ah... foi... foi sempre muito prestativa... ah...ofereceu-se logo para nos dar material relativo à Escola, porque a primeira coisa que tínhamos que fazer era uma caracterização da Escola e da Turma... foi... normal, foi simpática connosco, não tenho assim nada... a dizer... pôs-nos à vontade, acho que sim.

Ent. – Depois nos outros encontros, com a supervisora cooperante, descrevem a vossa intenção de actuação na Prática Pedagógica?

Prot.– Sim, costumamos... pronto...fazemos sempre um resumo de tudo... de o que pretendíamos e se conseguimos realmente concretizar o que pretendíamos, as conversas são para fazer uma pequena reflexão de como correu a semana.

Ent. – Antes da Prática Pedagógica, nos encontros que têm com a supervisora cooperante, antes da Prática Pedagógica, se descrevem a vossa intenção de actuação?

Prot. – Ah...se descrevemos o que pretendemos fazer, a planificação? Sim, sempre, mostramos sempre, na semana anterior à nossa prática, a planificação com todas as actividades, tudo o que pretendemos fazer e a professora dá a sua opinião.

Ent. - De forma é que depois fundamentam essas intenções?

Prot. - Geralmente é-nos um pouco também imposto, é-nos imposto aquele conteúdo, por isso, normalmente, não há grande fundamentação, só por exemplo, sei lá, escolher trabalhar em grupo, porque se calhar eles aderem melhor e participam mais, é mais assim... dentro dessa...dessa ordem de resto não temos assim que... que justificar.

Ent. – Costumam antecipar possíveis problemas e conversar sobre a sua possível solução?

Prot.– Sim...ah... com a professora cooperante ou...

Ent. – Sim, com a supervisora cooperante.

Prot. – Não muito, não... não é...não é... não... normalmente não costumamos fazer... ter esse tipo de conversa. Por exemplo se ela acha que algo... não corre bem diz-nos logo, mas fazemos um P. I. D., não é, que é o Projecto Individual... de... de Desenvolvimento em que metemos os nossos receios e possíveis formas de resolução, por exemplo, sei lá, a... no dia de Educação Física temos receio que chova, e que não possamos planificar, depois formas de alterar é levar... material auxiliar que nos permita, por exemplo fazer uma aula de Educação Física dentro da sala de aula ou debaixo do alpendre, por exemplo assim essas coisas.

Ent. – Nesses vossos encontros, portanto, antes da Prática Pedagógica antevêm situações de ensino/aprendizagem dos alunos?

Prot. – É a tal coisa, há o acesso à planificação e... pouco mais.... planeamos as actividades e a professora cooperante e até o supervisor porque também... temos... normalmente marcamos reunião com ele, em que o professor também nos diz se acha que vão de acordo... ou não, se promove aprendizagem ou não, porque algumas uma

pessoa às vezes...ah...gosta de fazer joguinho daqui ou joguinho dali, no entanto para a aprendizagem não é tão útil quanto isso.

Ent. - De que forma são definidos os objectivos, as tarefas e as estratégias de actuação?

Prot. - De que formas? Ah...de que formas é que são...ah...é que são definidos os objectivos... ah.... Isso é com a professora cooperante ou... também... normalmente é... é mesmo... é a mesma coisa que tenho estado sempre a referir...é...

Ent. - São vocês que definem os objectivos ou é a supervisora cooperante que diz....

Prot. - A professora não, a professora diz os conteúdos e nós verificamos quais são os objectivos que pretendemos com aquela actividade, até porque temos o programa também para... para verificar isso, nós é que vamos estabelecer os objectivos e as tarefas, portanto para aquele conteúdo e para aquela actividade... em termos de estratégia também, somos nós é que planificamos, em termos de trabalho, se é trabalho individual se é trabalho de grupo, se é trabalho dois a dois, isso é tudo definido por nós.

Ent. - As estratégias também são vocês que as definem?

Prot. - Todas as estratégias, nós é que definimos. Desde que lá esteja incluído o conteúdo que é pretendido, nós é que... é que definimos tudo.

Ent. - Esse trabalho não é feito em conjunto com a supervisora cooperante?

Prot. - Não, não apesar de por vezes ela poder dar uma ideia, de uma actividade que poderíamos fazer, mas isso... já... no início...era logo, por exemplo, na primeira semana, ela deu uma ideia ou outra, agora claro vai deixando de dar, temos de ser nós a... a fazê-lo.

Ent. - No encontro realizado depois da realização da Prática Pedagógica reflectem sobre a actuação dessa Prática Pedagógica?

Prot. – Exactamente, na...no encontro que temos com a professora após a... a semana de prática é reflectido o que correu mal, o que poderia correr melhor.

Ent. – Só vão fazer essa reflexão no final da semana ou fazem diariamente?

Prot. – Não é diariamente, chegámos a fazer logo no início, diariamente mas achou-se que não seria necessário, então é... mesmo só à quinta-feira à tarde.

Ent. – De forma é analisado o nível de congruência entre a programação e a sua consecução?

Prot. – Pois... ah... é a tal coisa, o plano também não é obrigatório ser cumprido, por isso é... se escolhermos bem continuar com aquela actividade ou não, por vezes também acontece ao contrário, nós com medo de não acabar a planificação, apressamos as actividades para conseguir concretizar o plano todo, claro que agora já vamos tendo isso mais em atenção e fazemos actividades com mais calma, se der para cumprir o plano todo melhor, se não der exclui-se uma actividade que achamos que tem menos importância, vá.

Ent. – Costuma reflectir sobre as estratégias de resolução de problemas e a sua eficácia? E de que forma é que fazem?

Prot. – Se costumamos reflectir sobre estratégias... não muito, não costumamos... com a professora cooperante não costumamos reflectir muito sobre isso. Ah...é.... a professora... pode achar que há qualquer coisa mal mas não há assim uma grande reflexão, normalmente se calhar entre nós os três há mais esse tipo de... por exemplo...um exemplo que eu posso dar...é sei lá gerou balbúrdia os alunos irem todos ao mesmo tempo buscar os dossiers, se calhar seria mais proveitoso meter os alunos que fazem distribuição de material irem lá buscar os dossiers e distribuir por todos. Há sempre... há... há soluções para alguns problemas... é... é falado nem todos, mas para alguns sim.

Ent. – De que maneira depois é planificada a acção futura?

Prot. – A planificação seguinte? Pronto...por exemplo, eu sou o aluno C, acabo...a... acabo a minha semana, depois vem o aluno A, normalmente a nossa professora diz-nos logo os conteúdos que pretende logo na semana a seguir para termos tempo de planificar e... é planificado individualmente por nós depois falado com ambos os professores, tanto o cooperante como o supervisor.

Ent – Em que aspectos relacionados com a Prática Pedagógica tem sentido mais dificuldades?

Prot. – Ah... em termos de material a entregar tenho sentido mais dificuldades nas reflexões, no final de cada semana individual... a... e inicialmente tinha alguma dificuldade na escolha de actividades por causa do tempo, da gestão do tempo, foi onde tive mais dificuldade, escolher actividades de acordo com o tempo que tinha, o número e quantidades adequadas... é mais a esse nível.

Ent. – E na intervenção directa com os alunos quais as dificuldades que mais sentiu?

Prot. – Inicialmente tinha receio que não... que não me respeitassem como professora até porque eu não tenho assim uma atitude muito possessiva e nem sou muito... há pessoas que têm uma postura mais... mais séria então isso metia-me um bocado de receio que eles não me respeitassem mas respeitam-me e... pronto... é positivo verificar isso, apesar de não ser muito...

Ent. – Então quais os aspectos... dos que referiu quais os aspectos que acha mais problemáticos?

Prot. – Ah...relativamente à... à sala de aula com os alunos... ah... o que eu acho mais problemático, problemático em termos de prática com os alunos é as actividades que planifico adequarem-se ao que eu pretendo ensinar, isso é a dificuldade que... porque nós às vezes pensamos que sim mas depois o resultado nem sempre é o mais adequado mas temos vindo a melhorar pelo menos no meu caso acho que sim, com a prática vai-se melhorando. É o aspecto mais problemático.

Ent. – Quais as estratégias que utiliza para superar as dificuldades sentidas?

Prot. – Pois é... tento sempre reflectir o que é que correu mal, não é, e depois se acho que uma estratégia correu mal tento seguir outra. Por vezes uma pessoa tem tendência a achar que aquilo é que é certo e tem alguma dificuldade em modificar, mas tento sempre arranjar outra estratégia para tentar superar o que correu mal.

Ent. – A quem costuma solicitar ajuda para resolver problemas relacionados com a Prática Pedagógica?

Prot. – Geralmente... pronto... conversas com a professora cooperante, a... com o professor supervisor também e com os colegas da prática, fora disso não.

Ent. – E com os colegas do grupo?

Prot. – Pronto... é com os colegas de grupo, com os colegas da prática, do grupo, dentro do grupo, de sala não, de grande grupo não, não costumo...

Ent. – Em que momentos costuma reflectir com a supervisora cooperante?

Prot. – Após as intervenções temos uma pequena reflexão, dizer o que correu bem, o que correu mal, o que poderíamos fazer para correr melhor, normalmente a reflexão baseia-se nisso. É reflectir sobre o que poderíamos ter feito melhor e como fazer.

Ent. – E no final da semana também costumam reflectir?

Prot. – É mesmo no final da semana, sempre.

Ent. – Só no final da semana?

Prot. – Só no final da semana, não é diariamente, é ao final de cada intervenção, no final da semana.

Ent. – Quando é feita a reflexão com o supervisor da ESE?

Prot. – É às sextas-feiras, todas as sextas feiras, no seminário de supervisão é feita uma reflexão. Geralmente é feita em grande grupo, porque praticamente temos todos os mesmos... as mesmas barreiras para ultrapassar e então é feita uma reflexão no geral. Quando há problemas mais específicos, normalmente, vamos ao gabinete do professor e ele fala-nos individualmente, mas geralmente os pequenos problemas que temos a ultrapassar são gerais para todos os grupos e então é reflectido em grande grupo.

Ent. – Que documentos são apresentados ao supervisor da ESE relativamente à Prática Pedagógica efectuada?

Prot. – A... o plano de aula, o P. I. D. que é o Projecto Individual de Desenvolvimento e as reflexões semanais, individuais e por vezes cooperativas, sempre. Quando... quando por exemplo sou eu a dar a aula faço a minha reflexão individual mas se for o aluno A, a dar a aula faço cooperativa com outra colega sobre o aluno que deu.

Ent. – Qual a sua opinião acerca da reflexão escrita?

Prot. – Pois a reflexão escrita... (risos) toda a gente... somos muito descritivos. Agora já vai... tem vindo a melhorar pelo que o professor também nos vai dando um *feedback* de como é que está. Relativamente à reflexão... a... é isso... é que normalmente fazemos muita descrição do que fizemos, fizemos isto, fizemos isto, fizemos isto e reflexão crítica, que é o que se pretende, às vezes temos alguma dificuldade em fazer, mas a opinião é que é bom para... se formos sinceros é bom para reflectir o que correu mal, às vezes também... quem vê é mais fácil, por vezes acontecem coisas que se calhar eu não consigo ver que correu mal e correu.

Ent. – E tem muito peso na vossa avaliação essas reflexões escritas?

Prot. – Não, tem algum... mas não tem muito, muito peso. Claro que tem vai haver se calhar uma comparação entre a primeira reflexão e a última, não é, tem que haver progresso.

Ent. – Considera importante o encontro pós-observação, o encontro em que está com a supervisora cooperante ou com o supervisor da ESE, após a Prática Pedagógica?

Prot. – Sim... é importante, mesmo... é mesmo por isso porque há coisas... há aspectos que eu não consigo ver se não me forem referidos e então é bom. Outras vezes também não é assim muito bom (risos) porque... pronto... às vezes há opiniões também que eles têm que se calhar nós não concordamos, não é, porque na altura as coisas não correram como queríamos por isto ou por aquilo, às vezes há razões... quem está de fora também não as consegue ver, é normal, às vezes temos também esses problema, mas é importante porque ajuda a melhorar e isso é bom poder melhorar, dão-nos essa oportunidade, às vezes as coisas é que... pronto... não correm como a gente quer (risos).

Ent. – Considera que a Prática Pedagógica é indispensável num curso de formação de professores?

Prot. – Sim, sem dúvida, porque as disciplinas que temos ao longo do... do ano sim... é bom em termos de preparação mas é necessária a prática para verificar se é mesmo... até mesmo para verificar se é mesmo aquilo que queremos, não é... por que senão seria impossível.

Ent. – A Prática Pedagógica será uma boa preparação para a sua vida futura como docente?

Prot. – Sim, acho que sim, apesar de não é especificamente o meu caso mas acontece a alguns alunos que não... que não se dão bem com a prática, porquê, porque ou não se dão como gostariam, com o professor cooperante ou porque não se identificam com a forma de trabalhar da professora cooperante porque... também há vários métodos e nós temos de nos adaptar aos métodos deles que às vezes, pronto, não é bem o que nós queríamos, não é.

Ent. – Considera que a Prática Pedagógica é um campo de aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos na Escola Superior de Educação?

Prot. – Sim, alguns, mas... acho que não é... não é essencialmente isso, mas acho que sim todas as disciplinas que tivemos contribuíram para isso apesar de eu achar que

gramática e língua portuguesa, especialmente, devia ser mais trabalhado na Universidade. São disciplinas que ficam um bocadinho... assim... (risos)

Ent. – Considera que a teoria referente às aulas teóricas fornece perspectivas e conhecimentos que preparam para a realidade futura?

Prot. – Ah... sim considero que sim... acho que quer dizer relativamente ao primeiro ciclo... ah... eu acho que as disciplinas que são dadas na Universidade realmente elas têm toda importância, tanto psicologia, porque fica-se a conhecer um pouco as crianças porque nos dizem os estádios de desenvolvimento, especialmente é uma das que eu mais... mais gosto é uma temática que também faz bastante falta hoje em dia, os alunos estão especialmente mal a nível do raciocínio, acho eu, na minha opinião...ah... e pronto e é mesmo, só que eu acho que faltava mais era a parte de português, acho que está um bocadinho aquém.

Ent. – De que forma o supervisor da ESE e supervisora cooperante contribuem para o seu desenvolvimento pessoal e profissional?

Prot. – É... referindo os tais erros, as tais críticas construtivas, acho que isso é muito bom...alertando para algumas coisas que... que não conseguimos verificar especialmente quem está à frente da turma não consegue verificar certas coisas, certos pequenos pormenores, às vezes são pequenos pormenores, mas que nos ajudam, em termos de planificação também, de melhorar as actividades pensando mais nos alunos, às vezes porque às vezes, isto é muito giro e não sei o quê, mas às vezes para os alunos não tem assim tanta... pronto não vai valorizar tanto e ser bom.

Ent. – Como caracteriza o relacionamento estabelecido com a supervisora cooperante e com o supervisor da ESE?

Prot. – Relacionamento amigável, penso que são nossos amigos, se nos criticam de forma a ajudar-nos acho que é ser nossos amigos, se não o fizessem é que se calhar não seriam e depois no fim se calhar dissessem: “Ai isto... e isto esteve mal”... aí seria pior, penso eu, acho que... gosto de....

Ent. – Individualmente como caracteriza a supervisora cooperante?

Prot. – Como o caracterizo? A supervisora cooperante... ah... em termos de quê?

Ent. – De relacionamento.

Prot. – De relacionamento, sim... é uma pessoa bastante comunicativa...ah... que diz assim o que tem a dizer, normalmente é o que transparece...é... basicamente é isso, não... pronto está bem...é um bocadinho objectiva, acho que poderia ser um bocadinho mais... é um bocadinho subjectiva, acho que poderia ser um pouco mais objectiva.

Ent. – E o supervisor da ESE?

Prot. – Bastante frontal... ah... diz o que tem a dizer (risos) e não há mais conversa, portanto acho que é o que tenho a dizer dele.

Ent. – Quais as atitudes que considera mais importantes na supervisora cooperante e no supervisor da ESE?

Prot. – As atitudes... ah... a pequena reflexão que faz connosco a professora cooperante, acho que é uma atitude, pronto, prestativa e que é... que é bom para nós...ah... do supervisor é frontalizar-nos com... com o que está mal e sem problema nenhum... é isso que eu acho mais... as atitudes mais correctas.

Ent. – E como caracteriza o relacionamento entre os vários elementos do grupo?

Prot. – Do meu grupo...ah...pronto no meu caso não era o meu grupo do ano passado logo inicialmente estive assim um... um bocadinho de choque... vá do método de trabalhar porque eles normalmente, nas aulas individuais, fazem individualmente, nós não, fazíamos mais em grupo, então isso logo no início, achei um pouco de diferença mas agora já estou habituada e dou-me bem com eles, são pessoas também impecáveis, não tenho nada a dizer.

Ent. – A realização da Prática Pedagógica tem correspondido às suas expectativas?

Prot. – Ah...sim... só que... é... é a tal coisa... temos que nos guiar um pouco por o que eles querem... pronto... por o que a professora cooperante quer, especialmente por o que a professora cooperante quer porque não podemos sair muito da linha que ela quer e às vezes gostávamos de poder fazê-lo, pelo menos eu gostava mas... se não podemos é assim e mais nada é só a única coisa que eu acho que está um bocadinho mais... e é a tal coisa de começarmos com quatro dias e depois passarmos a dois acho que é capaz de quebrar um pouco, devia ser ao contrário, mas se calhar estou errada, também não sei.

Ent. – A Prática Pedagógica tem contribuído para se sentir na “pele” de um professor.

Prot. – Sim (risos) tenho porque... uma pessoa às vezes está a olhar e pensa: “Ei! Então estão a fazer barulho e não os mandei calar!” ou... qualquer coisa assim mas quando se está lá à frente a coisa não é bem assim... é difícil, às vezes é difícil e... e o gritar nem sempre é a melhor forma e por exemplo no meu caso se eu grito não (risos) não serve assim muito porque a minha voz não dá para grandes alterações de tom e às vezes é complicado tem que se arranjar alguma estratégia, sei lá calar-me, mandá-los vir cá para a frente, não é fácil especialmente quando estão na conversa e às vezes também em termos de matéria, não é, a pessoa pensa que é fácil ou vai pensar porquê porque para mim é fácil só que depois às vezes explicar também não é tão fácil quanto isso especialmente a algumas crianças, não é, que têm alguma dificuldade, mas pronto, acho que é isso.

Ent. – Quais os aspectos que lhe têm dado mais satisfação na realização da Prática Pedagógica?

Prot. – Mais satisfação, ah... especialmente é verificar que eles aprenderam é o que me dá mais satisfação é isso e que estão a gostar do que estão a fazer porque vê-se é o que me dá satisfação, claro... que ao contrário (risos) é quando acontece ao contrário dá-me frustração planeiei tudo com tanto cuidado e depois não gostam ou não estão a aprender especialmente é o mais importante.

Ent. – Então quais os motivos de insatisfação face à realização da Prática Pedagógica?

Prot. – Pois é isso é... quando planifico alguma actividade que eu penso que eles vão gostar disto e vão ficar a compreender, assim, depois verifico que não, ou desinteresse quando eu estou a dizer alguma coisa... começam a conversar uns com os outros isso frustra-me um bocado... é mais isso.

Ent. – Muito obrigada pela colaboração prestada.

ANEXO III

Primeiro tratamento da Entrevista E1

1.º TRATAMENTO DA ENTREVISTA E1

[*Estrutura da Prática Pedagógica*] (...) temos uma semana de observação inicial, depois a semana seguinte costuma ser uma semana cooperativa (...) é um grupo de três elementos, depois nas semanas a seguir é o aluno A, o aluno B e o aluno C. Vai sendo assim sempre sucessivamente. (...) Para definir a aluno A, B ou C somos nós que decidimos, não há interferência do professor cooperante nem do professor supervisor. (...)

[*Calendarização das práticas nas escolas do 1.º Ciclo*] Começámos em Outubro, depois fomos até ao Natal (...) vamos até Janeiro, até agora à segunda semana de Janeiro, depois entramos de férias de semestre e começa ...em princípio na primeira semana que vai ser ainda no... em Fevereiro no final vai ser cooperativa também, que é a primeira logo após as férias de primeiro semestre. Depois (...) em princípio será até Maio.

[*Tempo dedicado à Prática Pedagógica*] (...) poderia ser um pouco mais (...) dois dias é pouco, é pouco tempo de prática, quatro dias acho que é o ideal (...) nós começámos com quatro dias de prática no primeiro semestre e agora no segundo vamos ter dois dias de prática. Eu acho que essa organização devia ser ao contrário (...) devíamos conhecer primeiro a turma melhor, condições da escola, todo esse processo, conhecer cada aluno melhor (...) talvez os dois dias primeiro, depois sim passarmos aos quatro, acho que (...) deveria ser ao contrário... (...)

[*Período de observação*] Fizemos primeiro uma semana de observação, que observámos os alunos... (...) ajudámos (...) a pedido mesmo da professora cooperante... às vezes ajudamos aqueles alunos que precisam mais da nossa ajuda... tivemos lá perto deles mas não houve intervenção directa (...)

[*Preparação prévia das aulas com a supervisora cooperante*] (...) a professora sempre nos disse que matéria queria que déssemos, os conteúdos todos, (...) pensamos em casa em actividades, sozinhos (...), depois voltamos a falar com a professora, mostramos as actividades, se ela achar que... que está correcto... sim. [*Planificação das actividades*] Planificamos (...) sem ajuda (...) do professor cooperante (...) nós pensamos nas

actividades e fazemos (...) tentamos escolher actividades que promovam interesse nas crianças e desenvolvam a aprendizagem.

[*Produção de materiais pedagógicos*] (...) faço muita coisa manualmente porque gosto muito de expressão artística... (...) também fizemos alguns materiais em apresentação computador, acetato (...)

[*Orientação na produção de materiais*] A preparação do material é individual (...)

[*Intervenientes na avaliação da Prática Pedagógica*] (...) a professora cooperante porque está todo o tempo lá, observa tudo, tudo, tudo e também o professor supervisor... claro, porque também tem acesso à planificação, também se achar que alguma coisa está errada na planificação nos diz, em termos de material ou seja do que for, ele diz-nos sempre se... se acha que alguma coisa deve ser alterada é dito por isso também tem direito à avaliação, e também lá vai.

[*Momentos da avaliação da Prática Pedagógica*] Acho que semana a semana é bom (...) para termos também uma ideia do que é que falhou (...) o que é que pode ser alterado, normalmente isso é-nos dito (...) ambos nos dizem, o professor supervisor costuma dizer (...) alguma atitude ou forma de dar a aula que ele verifique que não está tão correcta.

[*Funções da avaliação da Prática Pedagógica*] (...) poder modificar o que está mal e corrigir e melhorar sempre ao longo da prática, acho que essa é a principal função da avaliação.

[*Aspectos a serem avaliados nos aluno/-futuros professores*] (...) a postura, especialmente se... se planifica actividades (...) para promover interesse e... e a aprendizagem dos alunos (...) uma pessoa pode planificar algo que promove interesse ou que pensamos que promove e depois na altura (...) não tem bem a função que pretendíamos (...)

[*Critérios de avaliação*] (...) especialmente se a pessoa gosta do que está a fazer (...) é muito importante (...) se planifica de acordo com os alunos (...)

[*Objectividade e/ou subjectividade da avaliação da supervisora cooperante*] (...) considero que por vezes é um pouco subjectiva... poderia ser um bocadinho mais objectiva até porque nos ajudaria mais, por vezes se calhar não nos dizem logo, logo, logo o que pensam mas eu acho que deveria ser dito logo porque é preferível assim do que dizer mais tarde (...) acho que deveria ser mais objectiva, por vezes é um pouco subjectiva, ficamos assim... sem...perceber muito, muito bem o que é que falhou (...) a nossa professora cooperante no final de cada semana, destes quatro dias, tem uma pequena conversa connosco (...) normalmente são os nossos colegas é que nos colocam mais...críticas... construtivas, são mais por parte dos colegas apesar da professora também... também o fazer. (...)

[*Aspectos da avaliação da Prática Pedagógica mais valorizados*] (...) valorizo da avaliação (...) especialmente o gosto por... verificar se há gosto em trabalhar com crianças (...)

[*Aspectos da avaliação da Prática Pedagógica mais desvalorizados*] (...) o mau interpretar (...) quem está de fora por vezes (...) observa coisas que não são as reais (...) quem lá está a frente não vê as coisas dessa forma (...) acho que isso é... o mais prejudicial na avaliação.

[*O primeiro encontro com a supervisora cooperante*] (...) foi sempre muito prestativa... (...) ofereceu-se logo para nos dar material relativo à Escola (...) a primeira coisa que tínhamos que fazer era uma caracterização da Escola e da Turma (...) foi... normal, foi simpática connosco, não tenho assim nada... a dizer... pôs-nos à vontade (...)

[*Intenção de actuação na Prática Pedagógica, nos outros encontros com a supervisora cooperante*] (...) fazemos sempre um resumo de tudo... de o que pretendíamos e se conseguimos realmente concretizar o que pretendíamos, as conversas são para fazer uma pequena reflexão de como correu a semana. (...) descrevemos o que pretendemos fazer (...) mostramos sempre na semana anterior à nossa prática a planificação com todas as actividades, tudo o que pretendemos fazer e a professora dá a sua opinião.

[*De que forma fundamentam as intenções de actuação*] Geralmente é-nos um pouco também imposto, é-nos imposto aquele conteúdo, por isso, normalmente, não há grande fundamentação (...) não temos assim que... que justificar.

[*Antecipar possíveis problemas e conversar sobre a sua possível solução*] (...) normalmente não costumamos (...) ter esse tipo de conversa. (...) se ela acha que algo... não corre bem diz-nos logo, mas fazemos um PID, não é, que é o Projecto Individual... de... de Desenvolvimento em que metemos os nossos receios e possíveis formas de resolução (...)

[*Antever situações de ensino/aprendizagem dos alunos*] (...) há o acesso à planificação e... pouco mais.... (...) planeamos as actividades e a professora cooperante e até o supervisor, (...) normalmente marcamos reunião com ele, (...) o professor também nos diz se acha que (...) promove aprendizagem ou não (...)

[*Definição dos objectivos, das tarefas e das estratégias de actuação*] (...) a professora diz os conteúdos e nós verificamos quais são os objectivos que pretendemos com aquela actividade (...) temos o programa também para... para verificar isso, nós é que vamos estabelecer os objectivos e as tarefas, portanto para aquele conteúdo e para aquela actividade... em termos de estratégia também, somos nós é que planificamos, em termos de trabalho, se é trabalho individual se é trabalho de grupo, se é trabalho dois a dois, isso é tudo definido por nós.

Todas as estratégias nós é que definimos. Desde que lá esteja incluído o conteúdo que é pretendido, nós é que (...) definimos tudo.

(...) apesar de por vezes ela poder dar uma ideia, de uma actividade que poderíamos fazer, mas isso (...) era logo, por exemplo, na primeira semana, ela deu uma ideia ou outra, agora claro vai deixando de dar, temos de ser nós a... a fazê-lo.

[*Reflexão sobre a actuação na Prática Pedagógica*] (...) no encontro que temos com a professora após a... a semana de prática é reflectido o que correu mal, o que poderia correr melhor. Não é diariamente, chegámos a fazer logo no início, diariamente mas achou-se que não seria necessário, então é... mesmo só à quinta-feira à tarde.

[*Nível de congruência entre a programação e a sua consecução*] (...) o plano também não é obrigatório ser cumprido (...) nós com medo de não acabar a planificação, apressamos as actividades para conseguir concretizar o plano todo, claro que agora já vamos tendo isso mais em atenção e fazemos actividades com mais calma, se der para cumprir o plano todo melhor, se não der exclui-se uma actividade que achemos que tem menos importância (...)

[*Reflexão sobre estratégias de resolução de problemas e sua eficácia*] Se costumamos reflectir sobre estratégias... não muito, não costumamos... com a professora cooperante não costumamos reflectir muito sobre isso. (...) a professora... pode achar que há qualquer coisa mal mas não há assim uma grande reflexão, (...) se calhar entre nós os três há mais esse tipo de...(..)

[*Planificação da acção futura*] (...) normalmente a nossa professora diz-nos logo os conteúdos que pretende logo na semana a seguir para termos tempo de planificar ... é planificado individualmente por nós depois falado com ambos os professores, tanto o cooperante como o supervisor.

[*Dificuldades sentidas na Prática Pedagógica*] (...) em termos de material a entregar tenho sentido mais dificuldades nas reflexões, no final de cada semana individual (...) inicialmente tinha alguma dificuldade na escolha de actividades por causa do tempo, da gestão do tempo, foi onde tive mais dificuldade, escolher actividades de acordo com o tempo que tinha, o número e quantidades adequadas... é mais a esse nível.

[*Dificuldades sentidas na intervenção directa com os alunos*] (...) tinha receio que não... que não me respeitassem como professora até porque eu não tenho assim uma atitude muito possessiva (...) há pessoas que têm uma postura mais... mais séria (...) isso metia-me um bocado de receio que eles não me respeitassem mas respeitam-me e... pronto... é positivo verificar isso (...)

[*Aspectos mais problemáticos*] (...) o que eu acho mais problemático, problemático em termos de prática com os alunos é as actividades que planifico adequarem-se ao que eu pretendo ensinar (...) o resultado nem sempre é o mais adequado mas temos vindo a melhorar (...) com a prática vai-se melhorando. (...)

[*Estratégias utilizadas para superar as dificuldades sentidas*] (...) tento sempre reflectir o que é que correu mal (...) se acho que uma estratégia correu mal tento seguir outra. Por vezes uma pessoa tem tendência a achar que aquilo é que é certo e tem alguma dificuldade em modificar, mas tento sempre arranjar outra estratégia para tentar superar o que correu mal.

[*A quem é solicitada ajuda para resolver problemas relacionados com a Prática Pedagógica*] (...) conversas com a professora cooperante (...) com o professor supervisor também e com os colegas da prática, fora disso não.

(...) é com os colegas de grupo, com os colegas da prática, do grupo, dentro do grupo, de sala não, de grande grupo não (...)

[*Momentos de reflexão com a supervisora cooperante*] Após as intervenções temos uma pequena reflexão, dizer o que correu bem, o que correu mal, o que poderíamos fazer para correr melhor, normalmente a reflexão baseia-se nisso. É reflectir sobre o que poderíamos ter feito melhor e como fazer.

É mesmo no final da semana, sempre. Só no final da semana, não é diariamente, é ao final de cada intervenção, no final da semana.

[*Momentos de reflexão com o supervisor da ESE*] É às sextas-feiras, todas as sextas-feiras, no seminário de supervisão é feita uma reflexão. Geralmente é feita em grande grupo, porque praticamente temos todos (...) as mesmas barreiras para ultrapassar e então é feita uma reflexão no geral. Quando há problemas mais específicos, normalmente, vamos ao gabinete do professor e ele fala-nos individualmente, mas geralmente os pequenos problemas que temos a ultrapassar são gerais para todos os grupos e então é reflectido em grande grupo.

[*Documentos apresentados ao supervisor da ESE relativamente à Prática Pedagógica*] (...) o plano de aula, o P. I. D. que é o Projecto Individual de Desenvolvimento e as reflexões semanais, individuais e por vezes cooperativas (...) quando por exemplo sou eu a dar a aula faço a minha reflexão individual mas se for o aluno A, a dar a aula faço cooperativa com outra colega sobre o aluno que deu. (...)

[*Opinião acerca da reflexão escrita*] (...) somos muito descritivos. (...) tem vindo a melhorar pelo que o professor também nos vai dando um *feedback* de como é que está. (...) Normalmente fazemos muita descrição do que fizemos (...) reflexão crítica, que é o que se pretende, às vezes temos alguma dificuldade em fazer, mas a opinião é que é bom (...) se formos sinceros é bom para reflectir o que correu mal, às vezes também... quem vê é mais fácil, por vezes acontecem coisas que se calhar eu não consigo ver que correu mal e correu. (...)

[*Importância do encontro pós-observação*] (...) é importante (...) há aspectos que eu não consigo ver se não me forem referidos e então é bom. Outras vezes também não é assim muito bom (...) às vezes há opiniões também que eles têm [*colegas*] que se calhar nós não concordamos (...) na altura as coisas não correram como queríamos por isto ou por aquilo, às vezes há razões... quem está de fora também não as consegue ver, é normal, às vezes temos também esses problema, mas é importante porque ajuda a melhorar e isso é bom poder melhorar, dão-nos essa oportunidade, às vezes as coisas é que (...) não correm como a gente quer. (...)

[*Sobre se a Prática Pedagógica é indispensável num curso de formação de professores*] Sim, sem dúvida, porque as disciplinas que temos (...) é bom em termos de preparação mas é necessária a prática para verificar (...) se é mesmo aquilo que queremos (...)

[*Sobre se a Prática Pedagógica será uma boa preparação para a vida futura como docente*] Sim, acho que sim (...) acontece a alguns alunos (...) que não se dão bem com a prática (...) não se dão como gostariam, com o professor cooperante ou porque não se identificam com a forma de trabalhar da professora cooperante (...) há vários métodos e nós temos de nos adaptar aos métodos deles que às vezes, pronto, não é bem o que nós queríamos, não é. (...)

[*Prática Pedagógica como campo de aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos na Escola Superior de Educação*] (...) não é essencialmente isso, mas acho que sim todas as disciplinas que tivemos contribuíram para isso apesar de eu achar que Gramática e Língua Portuguesa, especialmente, devia ser mais trabalhado na Universidade.

[*Saber se a teoria referente às aulas teóricas fornece perspectivas e conhecimentos que preparam para a realidade futura*] (...) acho que as disciplinas que são dadas na Universidade realmente elas têm toda importância, tanto psicologia, porque fica-se a conhecer um pouco as crianças porque nos dizem os estádios de desenvolvimento (...) é uma temática que também faz bastante falta hoje em dia, os alunos estão especialmente mal a nível do raciocínio (...) eu acho que faltava mais era a parte de português, acho que está um bocadinho aquém.

[*Contribuição do supervisor da ESE e supervisora cooperante para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos/futuros professores*] (...) referindo os tais erros, as tais críticas construtivas, (...) alertando para algumas coisas (...) quem está à frente da turma não consegue verificar certas coisas, certos pequenos pormenores, às vezes são pequenos pormenores, mas que nos ajudam, em termos de planificação também, de melhorar as actividades pensando mais nos alunos (...)

[*Relacionamento estabelecido com a supervisora cooperante e o supervisor da ESE*] Relacionamento amigável, penso que são nossos amigos, se nos criticam de forma a ajudar-nos acho que é ser nossos amigos (...)

(...) é uma pessoa bastante comunicativa (...) que diz assim o que tem a dizer, normalmente é o que transparece (...) é um bocadinho subjectiva, acho que poderia ser um pouco mais objectiva.

Bastante frontal [*supervisor da ESE*] (...) diz o que tem a dizer e não há mais conversa (...).

[*Atitudes mais importantes na supervisora cooperante e no supervisor da ESE*] (...) a pequena reflexão que faz connosco a professora cooperante, acho que é uma atitude, pronto, prestativa (...) é bom para nós (...) do supervisor é frontalizar-nos com... com o que está mal e sem problema nenhum (...)

[*Relacionamento entre os vários elementos do grupo*] (...) não era o meu grupo do ano passado logo inicialmente estive assim um... um bocadinho de choque (...) eles normalmente, nas aulas individuais, fazem individualmente, nós não, fazíamos mais em

grupo, então isso logo no início, achei um pouco de diferença mas agora já estou habituada e dou-me bem com eles, são pessoas também impecáveis, não tenho nada a dizer.

[Expectativas em relação à realização da Prática Pedagógica] (...) temos que nos guiar um pouco por o que eles querem... pronto... por o que a professora cooperante quer, especialmente por o que a professora cooperante quer porque não podemos sair muito da linha que ela quer e às vezes gostávamos de poder fazê-lo (...) se não podemos é assim e mais nada é só a única coisa que eu acho que está um bocadinho mais... e é a tal coisa de começarmos com quatro dias e depois passarmos a dois acho que é capaz de quebrar um pouco, devia ser ao contrário, mas se calhar estou errada, também não sei.

[Contribuição da Prática Pedagógica para se sentir na “pele” de um professor] (...) uma pessoa às vezes está a olhar e pensa: “Ei! Então estão a fazer barulho e não os mandei calar!” (...) quando se está lá à frente a coisa não é bem assim... é difícil, às vezes é difícil e... e o gritar nem sempre é a melhor forma (...) é complicado tem que se arranjar alguma estratégia (...) especialmente quando estão na conversa e às vezes também em termos de matéria (...) às vezes explicar também não é tão fácil quanto isso especialmente a algumas crianças, não é, que têm alguma dificuldade (...)

[Aspectos de maior satisfação na realização da Prática Pedagógica] (...) especialmente é verificar que eles aprenderam é o que me dá mais satisfação (...) que estão a gostar do que estão a fazer (...)

[Motivos de insatisfação face à realização da Prática Pedagógica] (...) quando planifico alguma actividade que eu penso que eles vão gostar disto e vão ficar a compreender, assim, depois verifico que não, ou desinteresse quando eu estou a dizer alguma coisa... começam a conversar uns com os outros isso frustra-me um bocado (...)

ANEXO IV

Pré-categorização da Entrevista E1

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA E1

1. [*Estrutura da Prática Pedagógica*] (...) temos uma semana de observação, inicial (...)
2. (...) depois a semana seguinte costuma ser uma semana cooperativa (...)
3. (...) é um grupo de três elementos, depois nas semanas a seguir é o aluno A, o aluno B e o aluno C. Vai sendo assim sempre sucessivamente. (...) Para definir a aluno A, B ou C somos nós que decidimos, não há interferência do professor cooperante nem do professor supervisor. (...)
4. [*Calendarização das práticas nas escolas do 1.º Ciclo*] Começámos em Outubro, depois fomos até ao Natal (...) vamos até Janeiro, até agora à segunda semana de Janeiro (...) depois entramos de férias de semestre (...)
5. (...) começa ... em princípio na primeira semana que vai ser ainda (...) em Fevereiro (...) no final vai ser cooperativa também, que é a primeira logo após as férias de primeiro semestre. (...) Depois (...) em princípio será até Maio. (...)
6. [*Tempo dedicado à Prática Pedagógica*] (...) poderia ser um pouco mais (...)
7. (...) dois dias é pouco, é pouco tempo de prática (...)
8. (...) quatro dias acho que é o ideal (...)
9. (...) nós começámos com quatro dias de prática no primeiro semestre (...)
10. (...) agora no segundo [semestre] vamos ter dois dias de prática. (...)
11. (...) Eu acho que essa organização devia ser ao contrário (...) devíamos conhecer primeiro a turma melhor, condições da escola, todo esse processo, conhecer cada aluno melhor (...) talvez os dois dias primeiro, depois sim passarmos aos quatro (...)

12. (...) acho que (...) deveria ser ao contrário... (...)
13. [*Período de observação*] Fizemos primeiro uma semana de observação, que observámos os alunos... (...)
14. (...) ajudámos (...) a pedido mesmo da professora cooperante... (...) às vezes ajudamos aqueles alunos que precisam mais da nossa ajuda...(...)
15. (...) tivemos lá perto deles mas não houve intervenção directa (...)
16. [*Preparação prévia das aulas com a supervisora cooperante*] (...) a professora sempre nos disse que matéria queria que déssemos, os conteúdos todos (...)
17. (...) pensamos em casa em actividades, sozinhos (...)
18. (...) depois voltamos a falar com a professora, mostramos as actividades, se ela achar que... que está correcto... sim. (...)
19. [*Planificação das actividades*] Planificamos (...) sem ajuda (...) do professor cooperante (...) nós pensamos nas actividades e fazemos (...)
20. (...) tentamos escolher actividades que promovam interesse nas crianças e desenvolvam a aprendizagem. (...)
21. [*Produção de materiais pedagógicos*] (...) faço muita coisa manualmente porque gosto muito de expressão artística... (...)
22. (...) também fizemos alguns materiais em apresentação computador (...)
23. (...) acetato (...)
24. [*Orientação na produção de materiais*] A preparação do material é individual (...)

25. [*Intervenientes na avaliação da Prática Pedagógica*] (...) a professora cooperante porque está todo o tempo lá, observa tudo, tudo, tudo (...)
26. (...) e também o professor supervisor... claro, porque também tem acesso à planificação (...) também se achar que alguma coisa está errada na planificação nos diz (...) em termos de material ou seja do que for, ele diz-nos sempre (...)
27. (...) se... se acha que alguma coisa deve ser alterada é dito por isso também tem direito à avaliação, e também lá vai. (...)
28. [*Momentos da avaliação da Prática Pedagógica*] Acho que semana a semana é bom (...) para termos também uma ideia do que é que falhou (...)
29. (...) o que é que pode ser alterado, normalmente isso é-nos dito (...)
30. (...) ambos nos dizem, o professor supervisor costuma dizer (...) alguma atitude ou forma de dar a aula que ele verifique que não está tão correcta. (...)
31. [*Funções da avaliação da Prática Pedagógica*] (...) poder modificar o que está mal e corrigir e melhorar sempre ao longo da prática, acho que essa é a principal função da avaliação. (...)
32. [*Aspectos a serem avaliados nos alunos/futuros professores*] (...) a postura (...)
33. (...) especialmente se... se planifica actividades (...)
34. (...) para promover interesse e... e a aprendizagem dos alunos (...)
35. (...) uma pessoa pode planificar algo que promove interesse ou que pensamos que promove e depois na altura (...) não tem bem a função que pretendíamos (...)
36. [*Critérios de avaliação*] (...) especialmente se a pessoa gosta do que está a fazer (...)

37. (...) é muito importante (...) se planifica de acordo com os alunos (...)
38. [*Objectividade e/ou subjectividade da avaliação da supervisora cooperante*] (...) considero que por vezes é um pouco subjectiva... (...)
39. (...) poderia ser um bocadinho mais objectiva até porque nos ajudaria mais (...)
40. (...) por vezes se calhar não nos dizem logo, logo, logo o que pensam mas eu acho que deveria ser dito logo porque é preferível assim do que dizer mais tarde (...)
41. (...) acho que deveria ser mais objectiva, por vezes é um pouco subjectiva, ficamos assim... sem...perceber muito, muito bem o que é que falhou (...)
42. (...) a nossa professora cooperante no final de cada semana, destes quatro dias, tem uma pequena conversa connosco (...)
43. (...) normalmente são os nossos colegas é que nos colocam mais...críticas... construtivas, são mais por parte dos colegas apesar da professora também... também o fazer. (...)
44. [*Aspectos da avaliação da Prática Pedagógica mais valorizados*] (...) valorizo da avaliação (...) especialmente o gosto por... verificar se há gosto em trabalhar com crianças (...)
45. [*Aspectos da avaliação da Prática Pedagógica mais desvalorizados*] (...) o mau interpretar (...) quem está de fora por vezes (...) observa coisas que não são as reais (...)
46. (...) quem lá está à frente não vê as coisas dessa forma (...) acho que isso é... o mais prejudicial na avaliação. (...)
47. [*O primeiro encontro com a supervisora cooperante*] (...) foi sempre muito prestativa... (...)

48. (...) ofereceu-se logo para nos dar material relativo à Escola (...) a primeira coisa que tínhamos que fazer era uma caracterização da Escola e da Turma (...)

49. (...) foi... normal, foi simpática connosco, não tenho assim nada... a dizer... pôs-nos à-vontade (...)

50. [*Intenção de actuação na Prática Pedagógica, nos outros encontros com a supervisora cooperante*] (...) fazemos sempre um resumo de tudo... de o que pretendíamos e se conseguimos realmente concretizar o que pretendíamos (...)

51. (...) as conversas são para fazer uma pequena reflexão de como correu a semana. (...)

52. (...) descrevemos o que pretendemos fazer (...)

53. (...) mostramos sempre na semana anterior à nossa prática a planificação com todas as actividades, tudo o que pretendemos fazer e a professora dá a sua opinião. (...)

54. [*De que forma fundamentam as intenções de actuação*] Geralmente é-nos um pouco também imposto (...)

55. (...) é-nos imposto aquele conteúdo, por isso, normalmente, não há grande fundamentação (...) não temos assim que... que justificar. (...)

56. [*Antecipar possíveis problemas e conversar sobre a sua possível solução*] (...) normalmente não costumamos (...) ter esse tipo de conversa. (...)

57. (...) se ela acha que algo... não corre bem diz-nos logo (...)

58. (...) mas fazemos um PID, não é, que é o Projecto Individual... de... de Desenvolvimento em que metemos os nossos receios e possíveis formas de resolução (...)

59. [*Antever situações de ensino/aprendizagem dos alunos*] (...) há o acesso à planificação e... pouco mais (...)

60. (...) planeamos as actividades e a professora cooperante e até o supervisor, (...) normalmente marcamos reunião com ele, (...) o professor também nos diz se acha que (...) promove aprendizagem ou não (...)

61. [*Definição dos objectivos, das tarefas e das estratégias de actuação*] (...) a professora diz os conteúdos e nós verificamos quais são os objectivos que pretendemos com aquela actividade (...)

62. (...) temos o programa também para... para verificar isso (...)

63. (...) nós é que vamos estabelecer os objectivos e as tarefas, portanto para aquele conteúdo e para aquela actividade... (...)

64. (...) em termos de estratégia também, somos nós é que planificamos, em termos de trabalho, se é trabalho individual se é trabalho de grupo, se é trabalho dois a dois, isso é tudo definido por nós. (...)

65. (...) Todas as estratégias nós é que definimos. (...)

66. (...) Desde que lá esteja incluído o conteúdo que é pretendido, nós é que (...) definimos tudo. (...)

67. (...) apesar de por vezes ela [supervisora cooperante] poder dar uma ideia, de uma actividade que poderíamos fazer, mas isso (...) era logo, por exemplo, na primeira semana, ela deu uma ideia ou outra agora claro vai deixando de dar, temos de ser nós a... a fazê-lo. (...)

68. [*Reflexão sobre a actuação na Prática Pedagógica*] (...) no encontro que temos com a professora após a... a semana de prática é reflectido o que correu mal, o que poderia correr melhor. (...)

69. (...) Não é diariamente, chegámos a fazer logo no início, diariamente mas achou-se que não seria necessário, então é... mesmo só à quinta-feira à tarde. (...)

70. [*Nível de congruência entre a programação e a sua consecução*] (...) o plano também não é obrigatório ser cumprido (...)

71. (...) nós com medo de não acabar a planificação, apressamos as actividades para conseguir concretizar o plano todo (...)

72. (...) claro que agora já vamos tendo isso mais em atenção e fazemos actividades com mais calma (...)

73. (...) se der para cumprir o plano todo melhor, se não der exclui-se uma actividade que achemos que tem menos importância (...)

74. [*Reflexão sobre estratégias de resolução de problemas e sua eficácia*] Se costumamos reflectir sobre estratégias... não muito, não costumamos... (...)

75. (...) com a professora cooperante não costumamos reflectir muito sobre isso. (...)

76. (...) a professora... pode achar que há qualquer coisa mal mas não há assim uma grande reflexão (...)

77. (...) se calhar entre nós os três há mais esse tipo de...(..)

78. [*Planificação da acção futura*] (...) normalmente a nossa professora diz-nos logo os conteúdos que pretende logo na semana a seguir para termos tempo de planificar ...(...)

79. (...) é planificado individualmente por nós, depois falado com ambos os professores, tanto o cooperante como o supervisor. (...)

80. [*Dificuldades sentidas na Prática Pedagógica*] (...) em termos de material a entregar tenho sentido mais dificuldades nas reflexões, no final de cada semana individual (...)

81. (...) inicialmente tinha alguma dificuldade na escolha de actividades por causa do tempo, da gestão do tempo, foi onde tive mais dificuldade, escolher actividades de acordo com o tempo que tinha, o número e quantidades adequadas... é mais a esse nível. (...)

82. [*Dificuldades sentidas na intervenção directa com os alunos*] (...) tinha receio que não... que não me respeitassem como professora até porque eu não tenho assim uma atitude muito possessiva (...)

83. (...) há pessoas que têm uma postura mais... mais séria (...)

84. (...) isso metia-me um bocado de receio que eles não me respeitassem mas respeitam-me e... pronto... é positivo verificar isso (...)

85. [*Aspectos mais problemáticos*] (...) o que eu acho mais problemático, problemático em termos de prática com os alunos é as actividades que planifico adequarem-se ao que eu pretendo ensinar (...)

86. (...) o resultado nem sempre é o mais adequado mas temos vindo a melhorar (...) com a prática vai-se melhorando. (...)

87. [*Estratégias utilizadas para superar as dificuldades sentidas*] (...) tento sempre reflectir o que é que correu mal (...)

88. (...) se acho que uma estratégia correu mal tento seguir outra. (...) Por vezes uma pessoa tem tendência a achar que aquilo é que é certo e tem alguma dificuldade em modificar, mas tento sempre arranjar outra estratégia para tentar superar o que correu mal. (...)

89. [*A quem é solicitada ajuda para resolver problemas relacionados com a Prática Pedagógica*] (...) conversas com a professora cooperante (...)

90. (...) com o professor supervisor também (...)

91. (...) e com os colegas da prática, fora disso não. (...)
92. (...) é com os colegas de grupo, com os colegas da prática, do grupo, dentro do grupo, de sala não, de grande grupo não (...)
93. [*Momentos de reflexão com a supervisora cooperante*] Após as intervenções temos uma pequena reflexão (...)
94. (...) dizer o que correu bem, o que correu mal, o que poderíamos fazer para correr melhor, normalmente a reflexão baseia-se nisso. (...)
95. (...) É reflectir sobre o que poderíamos ter feito melhor e como fazer. (...)
96. (...) É mesmo no final da semana, sempre. Só no final da semana, não é diariamente, é ao final de cada intervenção, no final da semana. (...)
97. [*Momentos de reflexão com o supervisor da ESE*] É às sextas-feiras, todas as sextas feiras, no seminário de supervisão é feita uma reflexão. (...)
98. (...) Geralmente é feita em grande grupo, porque praticamente temos todos (...) as mesmas barreiras para ultrapassar e então é feita uma reflexão no geral. (...)
99. (...) Quando há problemas mais específicos, normalmente, vamos ao gabinete do professor e ele fala-nos individualmente (...)
100. (...) mas geralmente os pequenos problemas que temos a ultrapassar são gerais para todos os grupos e então é reflectido em grande grupo. (...)
101. [*Documentos apresentados ao supervisor da ESE relativamente à Prática Pedagógica*] (...) o plano de aula, o P. I. D. que é o Projecto Individual de Desenvolvimento e as reflexões semanais, individuais e por vezes cooperativas (...)

102. (...) quando por exemplo sou eu a dar a aula faço a minha reflexão individual mas se for o aluno A, a dar a aula faço cooperativa com outra colega sobre o aluno que deu. (...)

103. [*Opinião acerca da reflexão escrita*] (...) somos muito descritivos. (...)

104. (...) tem vindo a melhorar pelo que o professor também nos vai dando um *feedback* de como é que está. (...)

105. (...) Normalmente fazemos muita descrição do que fizemos (...)

106. (...) reflexão crítica, que é o que se pretende, às vezes temos alguma dificuldade em fazer, mas a opinião é que é bom (...)

107. (...) se formos sinceros é bom para reflectir o que correu mal, às vezes também... quem vê é mais fácil, por vezes acontecem coisas que se calhar eu não consigo ver que correu mal e correu. (...)

108. [*Importância do encontro pós-observação*] (...) é importante (...) há aspectos que eu não consigo ver se não me forem referidos e então é bom. (...)

109. (...) Outras vezes também não é assim muito bom (...) às vezes há opiniões também que eles têm [*colegas*] que se calhar nós não concordamos (...) na altura as coisas não correram como queríamos por isto ou por aquilo, às vezes há razões... (...)

110. (...) quem está de fora também não as consegue ver, é normal, às vezes temos também esses problema, mas é importante porque ajuda a melhorar e isso é bom poder melhorar, dão-nos essa oportunidade, às vezes as coisas é que (...) não correm como a gente quer. (...)

111. [*Sobre se a Prática Pedagógica é indispensável num curso de formação de professores*] Sim, sem dúvida, porque as disciplinas que temos (...) é bom em termos de preparação (...)

112. (...) mas é necessária a prática para verificar (...) se é mesmo aquilo que queremos (...)

113. [*Sobre se a Prática Pedagógica será uma boa preparação para a vida futura como docente*] Sim, acho que sim (...) acontece a alguns alunos (...) que não se dão bem com a prática (...)

114. (...) não se dão como gostariam, com o professor cooperante ou porque não se identificam com a forma de trabalhar da professora cooperante (...)

115. (...) há vários métodos e nós temos de nos adaptar aos métodos deles que às vezes, pronto, não é bem o que nós queríamos, não é. (...)

116. [*Prática Pedagógica como campo de aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos na Escola Superior de Educação*] (...) não é essencialmente isso, mas acho que sim todas as disciplinas que tivemos contribuíram para isso apesar de eu achar que Gramática e Língua Portuguesa, especialmente, devia ser mais trabalhado na Universidade. (...)

117. [*Saber se a teoria referente às aulas teóricas fornece perspectivas e conhecimentos que preparam para a realidade futura*] (...) acho que as disciplinas que são dadas na Universidade realmente elas têm toda importância, tanto psicologia, porque fica-se a conhecer um pouco as crianças porque nos dizem os estádios de desenvolvimento (...) é uma temática que também faz bastante falta hoje em dia, os alunos estão especialmente mal a nível do raciocínio (...)

118. (...) eu acho que faltava mais era a parte de português, acho que está um bocadinho aquém. (...)

119. [*Contribuição do supervisor da ESE e supervisora cooperante para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos/futuros professores*] (...) referindo os tais erros, as tais críticas construtivas (...)

120. (...) alertando para algumas coisas (...)

121. (...) quem está à frente da turma não consegue verificar certas coisas, certos pequenos pormenores, às vezes são pequenos pormenores, mas que nos ajudam, em termos de planificação também, de melhorar as actividades pensando mais nos alunos (...)

122. [*Relacionamento estabelecido com a supervisora cooperante e o supervisor da ESE*] Relacionamento amigável, penso que são nossos amigos, se nos criticam de forma a ajudar-nos acho que é ser nossos amigos (...)

123. (...) é uma pessoa bastante comunicativa (...) que diz assim o que tem a dizer, normalmente é o que transparece (...)

124. (...) é um bocadinho subjectiva, acho que poderia ser um pouco mais objectiva. (...)

125. (...) Bastante frontal [supervisor da ESE] (...) diz o que tem a dizer e não há mais conversa. (...)

126. [*Atitudes mais importantes na supervisora cooperante e no supervisor da ESE*] (...) a pequena reflexão que faz connosco a professora cooperante, acho que é uma atitude, pronto, prestativa (...) é bom para nós (...)

127. (...) do supervisor é frontalizar-nos com... com o que está mal e sem problema nenhum (...)

128. [*Relacionamento entre os vários elementos do grupo*] (...) não era o meu grupo do ano passado, logo inicialmente estive assim um... um bocadinho de choque (...)

129. (...) eles normalmente, nas aulas individuais, fazem individualmente (...)

130. (...) nós não, fazíamos mais em grupo, então isso logo no início, achei um pouco de diferença mas agora já estou habituada e dou-me bem com eles, são pessoas também impecáveis, não tenho nada a dizer. (...)

131. [*Expectativas em relação à realização da Prática Pedagógica*] (...) temos que nos guiar um pouco por o que eles querem... pronto... por o que a professora cooperante quer, especialmente por o que a professora cooperante quer porque não podemos sair muito da linha que ela quer e às vezes gostávamos de poder fazê-lo (...)

132. (...) se não podemos é assim e mais nada é só a única coisa que eu acho que está um bocadinho mais... (...)

133. (...) e é a tal coisa de começarmos com quatro dias e depois passarmos a dois acho que é capaz de quebrar um pouco, devia ser ao contrário, mas se calhar estou errada, também não sei. (...)

134. [*Contribuição da Prática Pedagógica para se sentir na “pele” de um professor*] (...) uma pessoa às vezes está a olhar e pensa: “Ei! Então estão a fazer barulho e não os mandei calar!” (...)

135. (...) quando se está lá à frente a coisa não é bem assim... é difícil, às vezes é difícil e... e o gritar nem sempre é a melhor forma (...)

136. (...) é complicado tem que se arranjar alguma estratégia (...) especialmente quando estão na conversa e às vezes também em termos de matéria (...)

137. (...) às vezes explicar também não é tão fácil quanto isso, especialmente a algumas crianças, não é, que têm alguma dificuldade (...)

138. [*Aspectos de maior satisfação na realização da Prática Pedagógica*] (...) especialmente é verificar que eles aprenderam é o que me dá mais satisfação (...)

139. (...) que estão a gostar do que estão a fazer (...)

140. [*Motivos de insatisfação face à realização da Prática Pedagógica*] (...) quando planifico alguma actividade que eu penso que eles vão gostar disto e vão ficar a compreender, assim, depois verifico que não (...)

141. (...) ou desinteresse quando eu estou a dizer alguma coisa... começam a conversar uns com os outros isso frustra-me um bocado (...)

ANEXO V

Categorização da informação – Entrevista E1

**GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO
(ENTREVISTA E1)**

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
1. Organização da Prática Pedagógica	1.1. Estrutura		(...) temos uma semana de observação inicial (...) (1) (...) depois a semana seguinte costuma ser uma semana cooperativa (...) (2) (...) é um grupo de três elementos, depois nas semanas a seguir é o aluno A, o aluno B e o aluno C. Vai sendo assim sempre sucessivamente. (...) Para definir a aluno A, B ou C somos nós que decidimos, não há interferência do professor cooperante nem do professor supervisor. (...) (3) (...) poderia ser um pouco mais (...) (6) (...) dois dias é pouco, é pouco tempo de prática (...) (7) (...) quatro dias acho que é o ideal (...) (8) (...) nós começámos com quatro dias de prática no primeiro semestre (...) (9) (...) agora no segundo [semestre] vamos ter dois dias de prática. (...) (10) (...) Eu acho que essa organização devia ser ao contrário (...) devíamos conhecer primeiro a turma melhor, condições da escola, todo esse processo, conhecer cada aluno melhor (...) talvez os dois dias primeiro, depois sim, passarmos aos quatro (...) (11) (...) acho que (...) deveria ser ao contrário... (...) (12)
	1.2. Processo		(...) Começámos em Outubro, depois fomos até ao Natal (...) vamos até Janeiro, até agora à segunda semana de Janeiro (...) depois entramos de férias de semestre (...) (4) (...) começa ...em princípio na primeira semana que vai ser ainda (...) em Fevereiro (...) no final vai ser cooperativa também, que é a primeira logo após as férias de primeiro semestre. (...) Depois (...) em princípio será até Maio. (5) (...) Fizemos primeiro uma semana de observação, que observámos os alunos... (...) (13) (...) ajudámos (...) a pedido mesmo da professora cooperante... (...) às vezes ajudamos aqueles alunos que precisam mais da nossa ajuda... (...) (14) (...) tivemos lá perto deles mas não houve intervenção directa (...) (15)
	1.3. Apreciação crítica	1.3.1. Do processo	(...) Sim, sem dúvida, porque as disciplinas que temos (...) é bom em termos de preparação (...) (111) (...) mas é necessária a prática para verificar (...) se é mesmo aquilo que queremos (...) (112)

			<p>(...) Sim, acho que sim (...) acontece a alguns alunos (...) que não se dão bem com a prática (...) (113)</p> <p>(...) há vários métodos e nós temos de nos adaptar aos métodos deles que às vezes, pronto, não é bem o que nós queríamos, não é. (...) (115)</p> <p>(...) não é essencialmente isso, mas acho que sim todas as disciplinas que tivemos contribuíram para isso apesar de eu achar que Gramática e Língua Portuguesa, especialmente, devia ser mais trabalhado na Universidade. (...) (116)</p> <p>(...) acho que as disciplinas que são dadas na Universidade realmente elas têm todas importância, tanto psicologia, porque fica-se a conhecer um pouco as crianças porque nos dizem os estádios de desenvolvimento (...) é uma temática que também faz bastante falta hoje em dia, os alunos estão especialmente mal a nível do raciocínio (...) (117)</p> <p>(...) eu acho que faltava mais era a parte de português, acho que está um bocadinho aquém. (...) (118)</p>
		1.3.2. Da supervisora cooperante	<p>(...) foi sempre muito prestativa... (...) (47)</p> <p>(...) ofereceu-se logo para nos dar material relativo à Escola (...) a primeira coisa que tínhamos que fazer era uma caracterização da Escola e da Turma (...) (48)</p> <p>(...) foi... normal, foi simpática connosco, não tenho assim nada... a dizer... pôs-nos à-vontade (...) (49)</p> <p>(...) não se dão como gostariam, com o professor cooperante ou porque não se identificam com a forma de trabalhar da professora cooperante (...) (114)</p>
2. Ciclo de supervisão	2.1. Pré-observação	2.1.1. Planificação	<p>(...) a professora sempre nos disse que matéria queria que déssemos, os conteúdos todos (...) (16)</p> <p>(...) pensamos em casa em actividades, sozinhos (...) (17)</p> <p>(...) depois voltamos a falar com a professora, mostramos as actividades, se ela achar que... que está correcto... sim. (...) (18)</p> <p>(...)Planificamos (...) sem ajuda (...) do professor cooperante (...) nós pensamos nas actividades e fazemos (...) (19)</p> <p>(...) tentamos escolher actividades que promovam interesse nas crianças e desenvolvam a aprendizagem. (...) (20)</p> <p>(...) Geralmente é-nos um pouco também imposto (...) (54)</p> <p>(...) é-nos imposto aquele conteúdo, por isso, normalmente, não há grande fundamentação (...) não temos assim que... que justificar. (55)</p> <p>(...) normalmente não costumamos (...) ter esse tipo de conversa. (...) (56)</p> <p>(...) se ela acha que algo... não corre bem diz-nos logo (...) (57)</p> <p>(...) mas fazemos um PID, não é, que é o Projecto Individual... de... de</p>

			<p>Desenvolvimento em que metemos os nossos receios e possíveis formas de resolução (...) (58)</p> <p>(...) há o acesso à planificação e... pouco mais (...) (59)</p> <p>(...) planeamos as actividades e a professora cooperante e até o supervisor, (...) normalmente marcamos reunião com ele, (...) o professor também nos diz se acha que (...) promove aprendizagem ou não(...) (60)</p> <p>(...) a professora diz os conteúdos e nós verificamos quais são os objectivos que pretendemos com aquela actividade (...) (61)</p> <p>(...) temos o programa também para... para verificar isso (...) (62)</p> <p>(...) nós é que vamos estabelecer os objectivos e as tarefas, portanto para aquele conteúdo e para aquela actividade... (...) (63)</p> <p>(...) em termos de estratégia também, somos nós é que planificamos, em termos de trabalho, se é trabalho individual se é trabalho de grupo, se é trabalho dois a dois, isso é tudo definido por nós. (...) (64)</p> <p>(...) Todas as estratégias nós é que definimos. (...) (65)</p> <p>(...) Desde que lá esteja incluído o conteúdo que é pretendido, nós é que (...) definimos tudo. (...) (66)</p> <p>(...) apesar de por vezes ela [supervisora cooperante] poder dar uma ideia, de uma actividade que poderíamos fazer, mas isso (...) era logo, por exemplo, na primeira semana, ela deu uma ideia ou outra agora claro vai deixando de dar, temos de ser nós a... a fazê-lo. (...) (67)</p> <p>(...) normalmente a nossa professora diz-nos logo os conteúdos que pretende logo na semana a seguir para termos tempo de planificar ...(...) (78)</p> <p>(...) é planificado individualmente por nós depois falado com ambos os professores, tanto o cooperante como o supervisor. (...) (79)</p>
		2.1.2. Produção de materiais	<p>(...) faço muita coisa manualmente porque gosto muito de expressão artística... (...) (21)</p> <p>(...) também fizemos alguns materiais em apresentação computador (22)</p> <p>(...) acetato (...) (23)</p> <p>(...) A preparação do material é individual (...) (24)</p>
	2.2. Pós-observação	2.2.1. Reflexão com a supervisora cooperante	<p>(...) no encontro que temos com a professora após a... a semana de prática é reflectido o que correu mal, o que poderia correr melhor. (...) (68)</p> <p>(...) Não é diariamente, chegámos a fazer logo no início, diariamente mas achou-se que não seria necessário, então é... mesmo só à quinta-feira à tarde. (...) (69)</p> <p>(...) Se costumamos reflectir sobre estratégias... não muito, não costumamos... (...) (74)</p> <p>(...) com a professora cooperante não costumamos reflectir muito sobre isso.</p>

		<p>(...) (75)</p> <p>(...) a professora... pode achar que há qualquer coisa mal mas não há assim uma grande reflexão (...) (76)</p> <p>(...) se calhar entre nós os três há mais esse tipo de...(77)</p> <p>(...) Após as intervenções temos uma pequena reflexão (...) (94)</p> <p>(...) dizer o que correu bem, o que correu mal, o que poderíamos fazer para correr melhor, normalmente a reflexão baseia-se nisso. (...) (94)</p> <p>(...) É reflectir sobre o que poderíamos ter feito melhor e como fazer. (...) (95)</p> <p>(...) É mesmo no final da semana, sempre. Só no final da semana, não é diariamente, é ao final de cada intervenção, no final da semana. (...) (96)</p>
	2.2.2. Reflexão com o supervisor da ESE	<p>(...) É às sextas-feiras, todas as sextas feiras, no seminário de supervisão é feita uma reflexão. (...) (97)</p> <p>(...) Geralmente é feita em grande grupo, porque praticamente temos todos (...) as mesmas barreiras para ultrapassar e então é feita uma reflexão no geral. (...) (98)</p> <p>(...) Quando há problemas mais específicos, normalmente, vamos ao gabinete do professor e ele fala-nos individualmente (...) (99)</p> <p>(...) mas geralmente os pequenos problemas que temos a ultrapassar são gerais para todos os grupos e então é reflectido em grande grupo. (...) (100)</p> <p>(...) o plano de aula, o P. I. D. que é o Projecto Individual de Desenvolvimento e as reflexões semanais, individuais e por vezes cooperativas (...) (101)</p> <p>(...) quando por exemplo sou eu a dar a aula faço a minha reflexão individual mas se for o aluno A, a dar a aula faço cooperativa com outra colega sobre o aluno que deu. (...) (102)</p>
	2.2.3. Atitude do aluno/futuro professor	<p>(...) fazemos sempre um resumo de tudo... de o que pretendíamos e se conseguimos realmente concretizar o que pretendíamos (...) (50)</p> <p>(...) as conversas são para fazer uma pequena reflexão de como correu a semana. (...) (51)</p> <p>(...) descrevemos o que pretendemos fazer (...) (52)</p> <p>(...) mostramos sempre na semana anterior à nossa prática a planificação com todas as actividades, tudo o que pretendemos fazer e a professora dá a sua opinião. (...) (53)</p> <p>(...) o plano também não é obrigatório ser cumprido (...) (70)</p> <p>(...) nós com medo de não acabar a planificação, apressamos as actividades para conseguir concretizar o plano todo (...) (71)</p> <p>(...) claro que agora já vamos tendo isso mais em atenção e fazemos actividades com mais calma (...) (72)</p> <p>(...) se der para cumprir o plano todo melhor, se não der exclui-se uma</p>

			<p>actividade que achemos que tem menos importância (...) (73)</p> <p>(...) somos muito descritivos. (...) (103)</p> <p>(...) tem vindo a melhorar pelo que o professor também nos vai dando um <i>feedback</i> de como é que está. (...) (104)</p> <p>(...) Normalmente fazemos muita descrição do que fizemos (...) (105)</p> <p>(...) reflexão crítica, que é o que se pretende, às vezes temos alguma dificuldade em fazer, mas a opinião é que é bom (...) (106)</p> <p>(...) se formos sinceros é bom para reflectir o que correu mal, às vezes também... quem vê é mais fácil, por vezes acontecem coisas que se calhar eu não consigo ver que correu mal e correu. (107)</p> <p>(...) é importante (...) há aspectos que eu não consigo ver se não me forem referidos e então é bom. (...) (108)</p> <p>(...) Outras vezes também não é assim muito bom (...) às vezes há opiniões também que eles têm [<i>colegas</i>] que se calhar nós não concordamos (...) na altura as coisas não correram como queríamos por isto ou por aquilo, às vezes há razões... (...) (109)</p> <p>(...) quem está de fora também não as consegue ver, é normal, às vezes temos também esses problema, mas é importante porque ajuda a melhorar e isso é bom poder melhorar, dão-nos essa oportunidade, às vezes as coisas é que (...) não correm como a gente quer. (...) (110)</p>
3. Avaliação da Prática Pedagógica	3.1. Intervenientes		<p>(...) a professora cooperante porque está todo o tempo lá, observa tudo, tudo, tudo (...) (25)</p> <p>(...) e também o professor supervisor... claro, porque também tem acesso à planificação (...) também se achar que alguma coisa está errada na planificação nos diz (...) em termos de material ou seja do que for, ele diz-nos sempre (...) (26)</p> <p>(...) se... se acha que alguma coisa deve ser alterada é dito, por isso, também tem direito à avaliação, e também lá vai. (...) (27)</p>
	3.2. Processo		<p>(...) Acho que semana a semana é bom (...) para termos também uma ideia do que é que falhou (...) (28)</p> <p>(...) o que é que pode ser alterado, normalmente isso é-nos dito (...) (29)</p> <p>(...) ambos nos dizem, o professor supervisor costuma dizer (...) alguma atitude ou forma de dar a aula que ele verifique que não está tão correcta. (...) (30)</p> <p>(...) especialmente se a pessoa gosta do que está a fazer (...) (36)</p> <p>(...) é muito importante (...) se planifica de acordo com os alunos (...) (37)</p>
	3.3. Finalidades		<p>(...) poder modificar o que está mal e corrigir e melhorar sempre ao longo da prática, acho que essa é a principal função da avaliação. (...) (31)</p>

	3.4. Objecto		(...) a postura (...) (32) (...) especialmente se... se planifica actividades (...) (33) (...) para promover interesse e... e a aprendizagem dos alunos (...) (34) (...) uma pessoa pode planificar algo que promove interesse ou que pensamos que promove e depois na altura (...) não tem bem a função que pretendíamos (...) (35) (...) o mau interpretar (...) quem está de fora por vezes (...) observa coisas que não são as reais (...) (45) (...) quem lá está a frente não vê as coisas dessa forma (...) acho que isso é... o mais prejudicial na avaliação. (46)
	3.5. Apreciação crítica		(...) considero que por vezes é um pouco subjectiva... (...) (38) (...) poderia ser um bocadinho mais objectiva até porque nos ajudaria mais, (...) (39) (...) por vezes se calhar não nos dizem logo, logo, logo o que pensam mas eu acho que deveria ser dito logo porque é preferível assim do que dizer mais tarde (...) (40) (...) acho que deveria ser mais objectiva, por vezes é um pouco subjectiva, ficamos assim... sem... perceber muito, muito bem o que é que falhou (...) (41) (...) a nossa professora cooperante no final de cada semana, destes quatro dias, tem uma pequena conversa connosco (...) (42) (...) normalmente são os nossos colegas é que nos colocam mais... críticas... construtivas, são mais por parte dos colegas apesar da professora também... também o fazer. (...) (43) (...) valorizo da avaliação (...) especialmente o gosto por... verificar se há gosto em trabalhar com crianças (...) (44)
4. Aspectos problemáticos	4.1. Dificuldades sentidas	4.1.1. Em termos organizativos	(...) em termos de material a entregar tenho sentido mais dificuldades nas reflexões, no final de cada semana individual (...) (80) (...) inicialmente tinha alguma dificuldade na escolha de actividades por causa do tempo, da gestão do tempo, foi onde tive mais dificuldade, escolher actividades de acordo com o tempo que tinha, o número e quantidades adequadas... é mais a esse nível. (...) (81)
		4.1.2. No plano da acção	(...) tinha receio que não... que não me respeitassem como professora até porque eu não tenho assim uma atitude muito possessiva (...) (82) (...) há pessoas que têm uma postura mais... mais séria (...) (83) (...) isso metia-me um bocado de receio que eles não me respeitassem mas respeitam-me e... pronto... é positivo verificar isso (...) (84) (...) o que eu acho mais problemático, problemático em termos de prática com os alunos é as actividades que planifico adequarem-se ao que eu pretendo

			ensinar (...) (85) (...) o resultado nem sempre é o mais adequado mas temos vindo a melhorar (...) com a prática vai-se melhorando. (...) (86)
	4.2. Estratégias de superação das dificuldades		(...) tento sempre reflectir o que é que correu mal (...) (87) (...) se acho que uma estratégia correu mal tento seguir outra. (...) Por vezes uma pessoa tem tendência a achar que aquilo é que é certo e tem alguma dificuldade em modificar, mas tento sempre arranjar outra estratégia para tentar superar o que correu mal. (...) (88)
	4.3. Ajudas solicitadas		(...) conversas com a professora cooperante (...) (89) (...) com o professor supervisor também e com os colegas da prática, fora disso não. (...) (90) (...) é com os colegas de grupo, com os colegas da prática, do grupo, dentro do grupo, de sala não, de grande grupo não (...) (91)
5. Contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional do aluno/futuro professor	5.1. Dos supervisores		(...) referindo os tais erros, as tais críticas construtivas (...) (119) (...) alertando para algumas coisas (...) (120) (...) quem está à frente da turma não consegue verificar certas coisas, certos pequenos pormenores, às vezes são pequenos pormenores, mas que nos ajudam, em termos de planificação também, de melhorar as actividades pensando mais nos alunos (...) (121) (...) Relacionamento amigável, penso que são nossos amigos, se nos criticam de forma a ajudar-nos acho que é ser nossos amigos (...) (122) (...) é uma pessoa bastante comunicativa (...) que diz assim o que tem a dizer, normalmente é o que transparece (...) (123) (...) é um bocadinho subjectiva, acho que poderia ser um pouco mais objectiva. (...) (124) (...) Bastante frontal [supervisor da ESE] (...) diz o que tem a dizer e não há mais conversa (...) (125) (...) a pequena reflexão que faz connosco a professora cooperante, acho que é uma atitude, pronto, prestativa (...) é bom para nós (...) (126) (...) do supervisor é frontalizar-nos com... com o que está mal e sem problema nenhum (...) (127)
	5.2. Dos colegas		(...) não era o meu grupo do ano passado, logo inicialmente estive assim um... um bocadinho de choque (...) (128) (...) eles normalmente, nas aulas individuais, fazem individualmente (...) (129) (...) nós não, fazíamos mais em grupo, então isso logo no início, achei um pouco de diferença mas agora já estou habituada e dou-me bem com eles, são pessoas também impecáveis, não tenho nada a dizer. (...) (130)

6. Atitude do formando	6.1. Expectativas	<p>(...) temos que nos guiar um pouco por o que eles querem... pronto... por o que a professora cooperante quer, especialmente por o que a professora cooperante quer porque não podemos sair muito da linha que ela quer e às vezes gostávamos de poder fazê-lo (...) (131)</p> <p>(...) se não podemos é assim e mais nada é só a única coisa que eu acho que está um bocadinho mais... (...) (132)</p> <p>(...) e é a tal coisa de começarmos com quatro dias e depois passarmos a dois acho que é capaz de quebrar um pouco, devia ser ao contrário, mas se calhar estou errada, também não sei. (...) (133)</p>
	6.2. Satisfação	<p>(...) uma pessoa às vezes está a olhar e pensa: “Ei! Então estão a fazer barulho e não os mandei calar!” (...) (134)</p> <p>(...) quando se está lá à frente a coisa não é bem assim... é difícil, às vezes é difícil e... e o gritar nem sempre é a melhor forma (...) (135)</p> <p>(...) é complicado tem que se arranjar alguma estratégia (...) especialmente quando estão na conversa e às vezes também em termos de matéria (...) (136)</p> <p>(...) às vezes explicar também não é tão fácil quanto isso especialmente a algumas crianças, não é, que têm alguma dificuldade (...) (137)</p> <p>(...) especialmente é verificar que eles aprenderam é o que me dá mais satisfação (...) (138)</p> <p>(...) que estão a gostar do que estão a fazer (...) (139)</p>
	6.3. Insatisfação	<p>(...) quando planifico alguma actividade que eu penso que eles vão gostar disto e vão ficar a compreender, assim, depois verifico que não (...) (140)</p> <p>(...) ou desinteresse quando eu estou a dizer alguma coisa... começam a conversar uns com os outros isso frustra-me um bocado (...) (141)</p>

ANEXO VI

**Quadro geral de comparação de dados
Entrevistas E1, E2 e E3**

ANÁLISE DE CONTEÚDO (QUADRO GERAL DE COMPARAÇÃO DE DADOS)

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TRAÇOS CARACTERIZADORES	E1	E2	E3	TOTAL 1	TOTAL 2	
1. Organização da Prática Pedagógica	1.1. Estrutura		A Prática Pedagógica está organizada em “semanas”		1	1	2	2	
			São grupos de três elementos, alunos A, B e C distribuídos pelas diferentes semanas	1	1		2	2	
			O semestre iniciou-se com quatro dias de Prática Pedagógica, de segunda a quinta-feira	1	1	2	4	3	
			No segundo semestre são dois dias de prática	1	2	1	4	3	
			Dois dias é pouco, é pouco tempo de prática	1	1		2	2	
			Devia começar por dois dias de prática no 1.º semestre e quatro no 2.º semestre	2		2	4	2	
			No segundo semestre deveria ser também quatro dias de prática	2		1	3	2	
			Começa-se com semanas de observação inicial	1	1	2	4	3	
			A semana seguinte costuma ser cooperativa	1	1		2	2	
			Nas aulas cooperativas cada aluno desenvolve uma actividade ou os três em conjunto desenvolvem actividades		1	1	2	2	
			As semanas seguintes são individuais: é o aluno A, o aluno B e o aluno C		1	1	2	2	
			A prática pedagógica tem um Seminário de acompanhamento			3	3	1	
	1.2. Processo			Iniciou-se em Outubro, logo no início do ano lectivo	1	1	1	3	3
				Vai terminar no final do ano lectivo	1	1	1	3	3
				Foi feita a caracterização da escola e da turma na semana de observação		1		1	1
				Foi apenas de observação, do trabalho da supervisora cooperante e das reacções dos alunos	1	1		2	2
				Foram observados os alunos e ajudados aqueles que mais precisavam, a pedido da supervisora cooperante	1			1	1
				Não houve intervenção directa com os alunos	1			1	1
				Há um excesso de informação nessa semana de observação			1	1	1
	1.3. Apreciação crítica	1.3.1. Do processo		A Prática Pedagógica é mesmo indispensável	3	2	2	7	3
				É uma preparação muito boa, com menos receio de começar uma carreira como professor		1		1	1

			Haveria uma melhor preparação se a Prática Pedagógica fosse durante mais tempo			1	1	1
			Algumas disciplinas teóricas foram essenciais para uma boa acção educativa	3	2	2	7	3
			A maior parte das disciplinas teóricas não faziam a interligação entre os conteúdos e a profissão docente		1	1	2	2
			Um bom professor não é aquele que é avaliado unicamente através dos conhecimentos, mas sim da acção			1	1	1
			As crianças não podem ser meros depósitos de conhecimentos			1	1	1
			Há vários métodos de ensino e é necessária uma adaptação	1			1	1
		1.3.2. Da supervisora cooperante	Foi sempre muito prestativa	2			2	1
			Têm sido muito impecáveis		1		1	1
			Foram sempre pessoas muito abertas		1		1	1
			Foi simpática, pôs-nos à vontade	1			1	1
			É excelente, tem imensa experiência			1	1	1
			O acompanhamento foi bom			2	2	1
			Alguns alunos/futuros professores não se identificaram com a forma de trabalhar da supervisora cooperante	1			1	1
2. Ciclo de supervisão	2.1. Pré-observação	2.1.1. Planificação	A supervisora cooperante dá os conteúdos a serem trabalhados	4	1	1	6	3
			A planificação é feita pelos alunos/futuros professores	3	2		5	2
			A planificação é um guião, não é necessário seguir à risca			1	1	1
			Por vezes é necessária espontaneidade para resolver situações inesperadas			1	1	1
			São pensados individualmente os objectivos e as actividades a realizar	3	1	2	6	3
			As estratégias são definidas pelos alunos/futuros professores	3	1	1	5	3
			As actividades devem promover o interesse das crianças e desenvolver aprendizagens	1		2	3	2
			É pedida a opinião da supervisora cooperante e do supervisor da ESE	3	2	3	8	3
			Se algo não está bem a supervisora cooperante diz logo	1			1	1
			O Currículo Nacional e o Programa são utilizados nas planificações		1	1	2	2
			A supervisora cooperante facultou um documento com as competências específicas.		1		1	1
			A supervisora cooperante por vezes ajuda na planificação	1	1	2	4	3

			A preparação das aulas é feita com duas semanas de antecedência		1	1	2	2	
			A supervisora cooperante e o supervisor da ESE orientam sempre a acção futura		2	2	4	2	
			É feito um Projecto Individual de Desenvolvimento	1	1	1	3	3	
		2.1.2. Produção e materiais	Os materiais são elaborados manualmente pelos alunos/futuros professores	1	1	1	3	3	
			A preparação dos materiais é individual	1		1	2	2	
			Os supervisores orientaram a produção dos materiais			1	1	1	
			Há apresentação de materiais no computador	1		1	2	2	
			São também utilizados acetatos	1		1	2	2	
			Houve disciplinas teóricas sobre materiais didácticos - Didácticas		1		1	1	
	2.2. Pós-observação	2.2.1. Reflexão com a supervisora cooperante	Após as intervenções há uma pequena reflexão	1	1	3	5	3	
				Após a semana de prática é feita a reflexão	4	3		7	2
				Não é feita uma grande reflexão	1			1	1
				Não se reflecte sobre estratégias	2			2	1
				A reflexão baseia-se em dizer o que correu bem e o que correu mal	2	2	2	6	3
				A fundamentação tem como base os conhecimentos adquiridos no Seminário de Supervisão		1		1	1
				Trata-se de assuntos que surgem na Prática Pedagógica		3		3	1
			2.2.2. Reflexão com o supervisor da ESE	No Seminário de Supervisão é feita uma reflexão em grande grupo	2	1	4	7	3
				Reflecte-se sobre o Projecto Individual de Desenvolvimento, os planos de aula e as reflexões semanais individuais ou cooperativas	2	1	2	5	3
				O supervisor da ESE fala sobre as reflexões que foram feitas e as aulas que observou	1			1	1
				Quando há problemas mais específicos é feito o atendimento individualizado no gabinete do supervisor da ESE	1			1	1
				No final da Prática é feita uma reflexão final			1	1	1
			2.2.3. Atitude do aluno/futuro professor	No início a supervisora cooperante ajudava muito		1		1	1
				Os supervisores explicaram sempre o que pretendiam		1	4	5	2
				É necessário ter sempre alguém para orientar			1	1	1
				A planificação é vista pela supervisora cooperante na semana anterior à acção educativa	1	1		2	2
				A planificação é baseada em vários factores			3	3	1

			A planificação é uma previsão		2		2	1
			Não é obrigatório cumprir o plano	2			2	1
			A planificação tem sido cumprida		2		2	1
			As actividades são apressadas para conseguir concretizar o plano	1			1	1
			Posteriormente as actividades são desenvolvidas com mais calma	2			2	2
			É feito sempre o resumo de tudo o que se pretendia e do que foi feito	1			1	1
			É feita muita descrição da acção educativa	3	3		6	2
			Há dificuldade em reflectir criticamente	1			1	1
			É bom reflectir de forma sincera	1	1	1	3	3
			Quem observa tem uma percepção diferente da pessoa que está na acção	3		1	4	2
			Por vezes há opiniões sobre a prática que não se concorda	1			1	1
			A prática sem os encontros com os supervisores não tinha sentido		1		1	1
3. Avaliação da Prática Pedagógica	3.1. Intervenientes		A supervisora cooperante observa tudo	1	1	1	3	3
			O supervisor da ESE também observa, quando assiste às aulas	2	1	1	4	3
			Os colegas do grupo de prática também observam e tecem críticas construtivas		1		1	1
	3.2. Processo		Semana a semana é feita uma avaliação da acção produzida	2		1	3	2
			Tudo o que se faz deve ser constantemente avaliado		1	3	4	2
			Os supervisores observam as aulas e avaliam as planificações e as reflexões	1		1	2	2
			Deverá ser avaliada a criatividade		3		3	1
			Mostrar competência psicológica, cognitiva e afectiva			1	1	1
			Revelar gosto pela prática	1			1	1
	3.3. Finalidades		Modificar o que está mal, corrigir e melhorar sempre	1			1	1
			Provocar no início um pouco de ansiedade		1		1	1
			Classificar os professores com apenas um número		1		1	1
			Avaliar os alunos/futuros professores devido à sua responsabilidade futura			1	1	1
			Promover a reflexão			1	1	1
	3.4. Objecto		A postura	1			1	1
			Capacidade de planificação das actividades	1	2		3	2
			Promoção do interesse e da aprendizagem dos alunos	2			2	1

			Interpretação de acontecimentos	1			1	1
			Observação de aulas dos colegas	1			1	1
			Disponibilidade no trabalho		1		1	1
			Dedicação e empenho na acção educativa		1		1	1
			Importância atribuída a todo o processo			2	2	1
	3.5. Apreciação crítica		A avaliação por vezes é um pouco subjectiva	1			1	1
			Ajudaria mais se a avaliação fosse mais objectiva	2			2	1
			A avaliação é objectiva		1	1	2	2
			A avaliação do supervisor da ESE é muito mais objectiva do que a da supervisora cooperante			1	1	1
			Por vezes não nos dizem logo o que pensam	1			1	1
			Verificar se se gosta de trabalhar com crianças	1			1	1
			É importante reflectir antes, durante e depois da acção		2		2	1
			A supervisora cooperante no final de cada semana tem uma conversa com os alunos/futuros professores	1			1	1
			Os colegas de grupo colocam mais críticas construtivas embora a supervisora cooperante também o faça	1			1	1
			A supervisora cooperante está todos os dias e observa tudo		1		1	1
			O peso da avaliação do supervisor da ESE é maior do que o da supervisora cooperante		1		1	1
			A supervisora cooperante tem mais elementos de avaliação do que o supervisor da ESE			1	1	1
			O supervisor da ESE segue de forma mais rígida os parâmetros da avaliação			1	1	1
			O mais importante é a interligação entre a teoria e a prática			2	2	1
4. Aspectos problemáticos	4.1. Dificuldades sentidas	4.1.1. Em termos organizativos	Gestão do tempo	1			1	1
			Conciliação entre o que está planificado e a acção produzida			1	1	1
			Adequação de estratégias às necessidades dos alunos		1		1	1
			Reflexões escritas no final das semanas individuais	1			1	1
		4.1.2. No plano da acção	Receio de não ser respeitada como professora	2			2	1
			Postura pouco firme	1			1	1
			Saber as preferências dos alunos		1		1	1
			Adequação das actividades aos conteúdos	1			1	1
			Adequação entre o que está planificado e o que os alunos aprendem			1	1	1
			Alcançar bons resultados com os alunos	1		1	2	2
			Conseguir a confiança dos alunos		3		3	1

			Indisciplina dos alunos		1	1	2	1	
			Controlo dos alunos			1	1	1	
	4.2. Estratégias de superação de dificuldades		Reflectir sobre o que correu mal	1			1	1	
			Procurar ajuda junto da supervisora cooperante e supervisor da ESE		1		1	1	
			Definir novas estratégias	1			1	1	
			Utilizar estratégias que cativem os alunos			2	2	1	
	4.3. Ajudas solicitadas		Conversar com a supervisora cooperante, o supervisor da ESE e as colegas do grupo	3		1	4	2	
			Pedir ajuda ao supervisor da ESE e à supervisora cooperante na definição de estratégias		1	1	2	2	
5. Contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional do aluno/futuro professor	5.1 Dos supervisores		Assinalam os erros e fazem críticas construtivas	1			1	1	
			Alertam para alguns factos	1			1	1	
			Observam o desempenho dos alunos/futuros professores e reflectem sobre a forma como decorreu a aula	2			2	1	
			Mostram um relacionamento amigável	1	1		2	2	
			São pessoas comunicativas	1	1		2	2	
			Revelam frontalidade	1			1	1	
			São prestativos	1			1	1	
			São excelentes a nível profissional e pessoal			2	2	1	
			São profissionais experientes			2	2	1	
			A supervisora cooperante é um bocadinho subjectiva	1			1	1	
			Proporcionam estímulos diversos aos alunos/futuros professores		2		2	1	
			Estimulam a curiosidade e o gosto pela pesquisa		3		3	1	
			Causam ansiedade quando observam as aulas		1		1	1	
		Devem sempre avaliar a exigência e a competência			1	1	1		
		Existe maior à-vontade com a supervisora cooperante do que com o supervisor da ESE			3	3	1		
		5.2. Dos colegas		Inicialmente foi um choque o novo grupo	1			1	1
				Nas aulas individuais trabalha-se individualmente	1			1	1
				O relacionamento com o grupo é bom	1	1		2	2
				Existe diálogo entre os elementos do grupo			2	2	1
				O trabalho em grupo é essencial, embora neste ano os elementos do grupo sejam mais autónomos		1		1	1
			Podia ainda haver mais trabalho de grupo		1		1	1	
			Observam o desempenho dos colegas e reflectem em conjunto como decorreu a aula			1	1	1	

6. Atitude do formando	6.1. Expectativas		O grupo está a fazer um bom trabalho			2	2	1
			Os supervisores estão satisfeitos			1	1	1
			Na prática Pedagógica temos desenvolvido actividades diversificadas			1	1	1
			O trabalho é guiado pelas necessidades dos alunos e pela supervisora cooperante	1			1	1
			Não se pode sair muita da linha que a supervisora cooperante quer	1			1	1
			Poderá constituir uma quebra o facto da Prática Pedagogia passar a ser de só dois dias no 2.º semestre	1			1	1
			Através da crítica pode ser melhorado o desempenho		3		3	1
			Vai-se dissipando o medo dos pais dos alunos		1		1	1
			Existe o medo de errar e estar a prejudicar os alunos		1		1	1
			As expectativas são sempre muito maiores do que aquilo que acontece		1		1	1
	6.2. Satisfação		Controlo da turma	2			2	1
			Postura frente à turma, mais solta e desinibida ao longo das aulas		2		2	1
			Circular com mais à-vontade na turma		2		2	1
			Definição de estratégias adequadas	1			1	1
			Conseguir explicar os conteúdos	1			1	1
			Verificar que os alunos aprenderam as matérias	1		1	2	2
			Constatar que os alunos estão motivados e a gostar das actividades	1	1	2	4	3
			Interagir com os alunos			1	1	1
			Quando tudo corre bem e os alunos ficam muito contentes		1		1	1
			Ver que os alunos dão valor aos alunos/futuros professores			2	2	1
	6.3. Insatisfação		Quando é planificada uma actividade e os alunos não gostaram e/ou não compreenderam	1			1	1
			Desinteresse dos alunos quando se está a expor um tema	1			1	1
			Quando são cometidos erros, embora não sejam muito graves		2		2	1
			Descontentamento por não conseguir promover práticas diferentes		2		2	1
			Atitudes pouco correctas, de certos pais dos alunos			1	1	1

Total 1 – Número de Respostas

Total 2 – Número de Entrevistados

ANEXO VII

Questionário



Universidade do Algarve

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Escola Superior de Educação

Mestrado em Supervisão

QUESTIONÁRIO

(A preencher pelos alunos/futuros professores)



Nas páginas seguintes encontrará uma série de questões acerca da Prática Pedagógica.

As suas respostas, conjuntamente com as de outros alunos/futuros professores, vão permitir conhecer as Representações dos alunos do 4.º ano do Curso de Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da Prática Pedagógica.

Tente responder o mais sinceramente possível, considerando o facto deste questionário ser anónimo e estar garantida a confidencialidade dos dados.

Passa à folha seguinte e assinala as respostas que considere oportunas.

Antes de mais, muito obrigado pela sua colaboração.

Entregue em ____/____/____

Recebido em ____/____/____

1. Dados do(a) aluno(a):

1.1. Idade

_____ Anos

1.2. Sexo

Masculino

Feminino

2. Considera a duração total da Prática Pedagógica II:

(Assinale uma resposta com um X)

Inadequada	
Pouco adequada	
Adequada	
Muito adequada	

Justifique _____

3. O período inicial (no primeiro semestre) da Prática Pedagógica II destinado à observação:

Cada item tem uma escala de 1 a 4 que deve interpretar-se da seguinte forma:

1 - Discordo Totalmente 2 - Discordo 3 - Concordo 4 - Concordo Totalmente

(Solicita-se o preenchimento rodeando o número correspondente)

É um período de (re)conhecimento e de integração.	1 2 3 4
É desnecessário e uma perda de tempo.	1 2 3 4
É muito importante para um maior conhecimento da turma.	1 2 3 4
Deveria ser durante mais tempo.	1 2 3 4
É insuficiente para uma boa integração na turma.	1 2 3 4
É essencial a um bom desempenho futuro da Prática Pedagógica.	1 2 3 4

4. Quem costuma colaborar com o aluno/futuro professor na preparação das aulas?

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Supervisor da ESE	
Supervisora Cooperante	
Outros professores da ESE	
Colegas do grupo	
Outros colegas da turma	

Outros Quais? _____

5. Na planificação da actividade lectiva a desenvolver, que aspectos considera mais problemáticos:

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Seleção /elaboração de recursos e meios.	
Seleção de conteúdos.	
Definição de competências.	
Definição de objectivos.	
Definição de estratégias.	

6. Na sua opinião, dos aspectos enunciados, quais os que considera mais problemáticos relativamente à sua intervenção no processo de ensino-aprendizagem:

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Gestão de conteúdos.	
Operacionalização das competências.	
Adequação dos objectivos.	
Adequação de estratégias.	
Motivação dos alunos.	
Formas de comunicação.	
Utilização/gestão de recursos materiais.	
Gestão do tempo.	
Gestão do espaço.	
Construção da planificação.	
Resolução de problemas/conflitos.	
Promoção da disciplina.	
Relacionamento com os alunos.	
Relacionamento com a supervisora cooperante.	
Relacionamento com o supervisor da ESE.	
Relacionamento com os colegas de grupo.	
Avaliação dos alunos.	

7. Estratégias utilizadas para superar dificuldades sentidas.

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Conhecer melhor os alunos.	
Avaliar as reais dificuldades dos alunos.	
Limitar o número de actividades de acordo com o ritmo da turma de modo a permitir uma boa gestão do tempo.	
Explorar materiais e técnicas diversificadas.	
Consultar bibliografia sobre os temas em estudo.	
Conhecer o Programa do 1.º Ciclo e o Currículo Nacional.	
Ter em conta as orientações do supervisor cooperante e do supervisor da ESE.	
Falar com a supervisora cooperante.	
Falar com o supervisor da ESE.	
Falar com os colegas do grupo.	
Falar com os colegas da turma.	
Falar com os outros professores.	
Reflectir sobre todo o processo com os professores e os colegas.	
Pedir a opinião dos professores e dos colegas.	

8. Avaliação da Prática Pedagógica II

8.1. Em sua opinião quais os intervenientes necessários na avaliação da Prática Pedagógica II.

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Supervisor da ESE	
Supervisora cooperante	
O próprio aluno/futuro professor	
Outros professores da ESE	
Colegas do grupo	
Outros colegas da turma	
Encarregados de Educação dos alunos do 1.º ciclo	

Outros Quais? _____

8.2. Finalidades da avaliação.

Cada item tem uma escala de 1 a 4 que deve interpretar-se da seguinte forma:

1 - Discordo Totalmente 2 - Discordo 3 - Concordo 4 - Concordo Totalmente

(Solicita-se o preenchimento rodeando o número correspondente)

Garantir a qualidade dos professores.	1 2 3 4
Classificar.	1 2 3 4
Seleccionar com vista à colocação profissional.	1 2 3 4
Regular e ajudar a aprendizagem.	1 2 3 4
Controlar os resultados.	1 2 3 4
Prestar contas.	1 2 3 4
Promover o desenvolvimento.	1 2 3 4
Corrigir o processo.	1 2 3 4

8.3. Estratégias, técnicas e instrumentos de avaliação da Prática Pedagógica II

Cada item tem uma escala de 1 a 4 que deve interpretar-se da seguinte forma:

1- Nada importante 2 – Pouco importante 3- Importante 4 – Muito importante

(Solicita-se o preenchimento rodeando o número correspondente)

Reflexão oral.	1 2 3 4
Reflexão escrita individual.	1 2 3 4
Autoavaliação.	1 2 3 4
Planificação das aulas.	1 2 3 4
Materiais produzidos/instrumentos de trabalho desenvolvidos.	1 2 3 4
Dossier/ <i>portfolio</i> de grupo.	1 2 3 4
Observação de aulas.	1 2 3 4
Utilização de estratégias diversificadas.	1 2 3 4
Reflexão final.	1 2 3 4
Caracterização do Ambiente Educativo.	1 2 3 4
Projectos Individuais de Desenvolvimento.	1 2 3 4
Relacionamento com os alunos do 1.º ciclo.	1 2 3 4
Relacionamento com os colegas do grupo.	1 2 3 4

8.4. Quais os momentos que considera mais importantes na avaliação da Prática Pedagógica?

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Pontualmente.	
No final de cada dia de aulas.	
Só no final da semana, no Seminário.	
No final do semestre.	
No final do Curso.	

9. Reflexão sobre a Prática Pedagógica

9.1. Momentos de reflexão com a supervisora cooperante.

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Durante a acção educativa.	
No intervalo.	
No final do dia.	
No final da semana.	
No final da Prática Pedagógica.	

9.2. Momentos de reflexão com o supervisor da ESE.

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Durante a acção educativa.	
No intervalo.	
No final do dia.	
No final da semana (seminário).	
No final da Prática Pedagógica.	

9.3. Intervenientes nos encontros pós-observação com a supervisora cooperante.

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Aluno/futuro professor	
Supervisor da ESE	
Colegas de grupo	
Outros professores da escola	
Alunos	

9.4. Intervenientes nos encontros pós-observação com o supervisor da ESE.

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Aluno/futuro professor	
Supervisora cooperante	
Colegas de grupo	
Outros colegas da turma	
Outros professores da ESE	

9.5. Aspectos que considera mais relevantes nas reflexões que produz acerca do desempenho da Prática Pedagógica II.

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Aspectos de nível pessoal: sentimentos, seguranças, inseguranças, estabilidade pessoal...	
Organização do processo de ensino: processo de ensino e de aprendizagem, gestão do espaço, do tempo, dos recursos...	
Os alunos e as suas aprendizagens: relacionamento, adequação dos materiais, das estratégias, das actividades, indisciplina, avaliação de aprendizagens dos alunos...	
Colaboração entre a comunidade educativa: relacionamento e situações de colaboração e partilha existentes com os colegas de grupo, supervisora cooperante, supervisor da ESE, restantes professores e outro pessoal da escola...	

10. Assinale a sua opinião acerca das seguintes afirmações sobre toda a Prática Pedagógica do seu Curso:

Cada item tem uma escala de 1 a 4 que deve interpretar-se da seguinte forma:

1 - Discordo Totalmente 2 - Discordo 3 - Concordo 4 - Concordo Totalmente

(Solicita-se o preenchimento rodeando o número correspondente)

A Prática Pedagógica é uma boa preparação para a profissão de docente.	1 2 3 4
A Prática Pedagógica é uma oportunidade de aplicação da teoria adquirida na ESE.	1 2 3 4
A teoria aprendida nas disciplinas teóricas fornece perspectivas e conhecimentos que preparam para a realidade da Prática.	1 2 3 4
A Prática Pedagógica é indispensável num curso de formação de professores.	1 2 3 4
A Prática Pedagógica é útil se for acompanhada de momentos de reflexão.	1 2 3 4
A avaliação condiciona o processo de desenvolvimento do aluno em Prática Pedagógica.	1 2 3 4

11. Qual a importância que atribui aos seguintes aspectos de todos os momentos da Prática Pedagógica realizada (3.º e 4.º anos):

Cada item tem uma escala de 1 a 4 que deve interpretar-se da seguinte forma:

1- nada importante 2- pouco importante 3- importante 4 - muito importante

(Solicita-se o preenchimento rodeando o número correspondente)

Apoio prestado pela supervisora cooperante.	1 2 3 4
Papel desempenhado pelo supervisor da ESE.	1 2 3 4
Sugestões da supervisora cooperante.	1 2 3 4
Atendimento realizado pelo supervisor da ESE.	1 2 3 4
Observação das aulas realizada pelo supervisor da ESE.	1 2 3 4
Contacto com a realidade educativa.	1 2 3 4
Capacidade de resolução de situações imprevistas.	1 2 3 4
Capacidade de resolução de problemas com os alunos.	1 2 3 4
Tomada de decisões.	1 2 3 4
Desenvolvimento da autonomia.	1 2 3 4
Questionamento permanente.	1 2 3 4
Abertura a novas ideias.	1 2 3 4
Teste das próprias capacidades.	1 2 3 4
Pequena reflexão realizada logo após a acção educativa com a supervisora cooperante.	1 2 3 4
Encontro de reflexão com os diversos grupos e o supervisor da ESE.	1 2 3 4
Críticas dos colegas de grupo.	1 2 3 4
Críticas da supervisora cooperante.	1 2 3 4
Críticas do supervisor da ESE.	1 2 3 4
Auto-avaliação.	1 2 3 4
Reflexões escritas.	1 2 3 4

12. De uma maneira geral, considera que está satisfeito com a Prática Pedagógica realizada no seu Curso?

Sim Não

Justifique _____

13. Como contribui a Prática Pedagógica, realizada ao longo do curso, para o seu desenvolvimento pessoal e profissional?

14. Situações no âmbito da Prática Pedagógica que causam ansiedade aos alunos/futuros professores: expectativas, receios, fragilidades e virtualidades.

(Assinale uma ou mais respostas com um X)

Ser observado pela supervisora cooperante.	
Ser observado pelo supervisor da ESE.	
Adequar as actividades ao nível dos alunos.	
Planificar de forma adequada.	
Seleccionar conteúdos adequados para cada aula.	
Saber se o meu desempenho é satisfatório.	
Saber se estou ou não a explorar os materiais adequadamente.	
Controlar a turma.	
Controlar o nível de ruído na aula.	
Saber gerir possíveis conflitos entre alunos.	
Resolver os problemas da aula.	
Dar atenção a cada criança.	
Perceber se as minhas estratégias são ou não adequadas.	
Realizar todo o trabalho no tempo previsto.	
Manter um bom relacionamento com a supervisora cooperante, alunos e colegas de grupo.	
Cooperar com o pessoal da escola.	
Saber qual vai ser a avaliação da supervisora cooperante e do supervisor da ESE.	

15. O que lhe parece que podia ser feito para melhorar tanto a Prática Pedagógica I como a Prática pedagógica II?

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO.

ANEXO VIII

**Tabelas de sistematização dos dados obtidos pela aplicação do
Questionário**

Idade dos Alunos/futuros professores

Alunos/futuros professores	Idade
1	21
2	23
3	22
4	24
5	23
6	22
7	26
8	23
9	22
10	21
11	22
12	21
13	21
14	23
15	27
16	22
17	27
18	23
19	22
20	21
21	27
22	23
23	22
24	22
25	28
26	23
27	23
28	23
29	23
30	23
31	28
32	25
33	24
34	24
35	22

Idade	Frequência	%
21	5	14,29
22	9	25,71
23	11	31,43
24	3	8,57
25	1	2,86
26	1	2,86
27	3	8,57
28	2	5,71
TOTAL	35	100,00

Género dos alunos/futuros professores

Alunos/futuros professores	Masculino	Feminino
1		X
2		X
3		X
4		X
5		X
6		X
7		X
8		X
9		X
10		X
11		X
12		X
13		X
14		X
15		X
16		X
17		X
18		X
19		X
20		X
21	X	
22		X
23		X
24		X
25	X	
26		X
27		X
28		X
29		X
30		X
31		X
32		X
33		X
34		X
35	X	
TOTAL	3	32

Género	Frequência	%
Feminino	32	91,43
Masculino	3	8,57
TOTAL	35	100,00

Duração total da Prática Pedagógica II

Alunos/ futuros professores	Inadequada	Pouco adequada	Adequada	Muito adequada	Justifique a sua resposta
1		X			Pelo facto de ser pouco tempo de contacto com a realidade, creio que deveria ser um período mais longo.
2		X			Considero que no 2.º semestre a Prática não devia ser só dois dias, porque no 1.º semestre temos quatro dias de Prática e depois passamos a ter dois. Visto já conhecermos os alunos e já estarmos mais à vontade acho que o 2.º semestre devia ter mais horas.
3			X		Julgo que a duração total da Prática Pedagógica II é adequada, contudo deveria ser mais parcial tanto no 1.º semestre como no 2.º semestre, por exemplo três dias no primeiro e três no segundo.
4			X		O número de horas total de Prática Pedagógica é adequado para o currículo actual do curso de formação que temos. No entanto, a distribuição do horário não é totalmente adequado, poderia ser muito adequado, se por exemplo, o tempo estipulado para o 1.º semestre fosse no 2.º semestre.
5		X			Acho que o tempo que passamos em Prática no segundo semestre é insuficiente e vem quebrar o trabalho do primeiro. Além disso, durante o segundo semestre a dedicação à Prática também não pode ser total porque temos imensos trabalhos nas outras disciplinas.
6			X		Considero a duração adequada, mas penso que no 2.º semestre deveria continuar a ser quatro dias por semana, como acontece no 1.º semestre.
7			X		É adequada. No entanto deveria ser ao contrário no 4.º ano, isto é, deveriam ser dois dias no 1.º semestre e quatro dias no 2.º semestre.
8			X		Penso que a duração é adequada, no entanto, no 4.º ano, no 1.º semestre deveriam ser dois dias de Prática Pedagógica II e no 2.º semestre é que deveriam ser quatro dias de Prática.
9		X			A Prática Pedagógica II deveria ser melhor distribuída, com mais tempo de prática.
10			X		Considero que a duração da Prática Pedagógica é adequada, uma vez que temos bastante tempo para evoluirmos e para reflectirmos sobre as estratégias

					que aplicamos na sala de aula.
11			X		Penso que a Prática Pedagógica II deveria ser durante mais tempo.
12		X			O 2.º semestre do 4.º ano deveria ter Prática Pedagógica quatro dias por semana.
13		X			Penso que por aluno deviam ser mais horas de Prática Pedagógica.
14			X		Poderia ser mais adequada se fosse invertida a ordem, ou seja, deveríamos ter mais dias de Prática Pedagógica no 2.º semestre.
15		X			Considero que o 1.º semestre deveria contemplar três dias por semana e o 2.º semestre três dias também.
16			X		Na minha opinião, a Prática do 2.º semestre não deveria ser de apenas dois dias.
17		X			A Prática pedagógica devia ter uma maior duração.
18			X		A duração total da Prática Pedagógica foi suficiente para desenvolvermos as competências básicas para se ser professor do 1.º ciclo. Agora com as futuras práticas iremos melhorar o nosso desenvolvimento.
19			X		Porque deveria haver os mesmos dias de Prática Pedagógica ao longo dos semestres.
20				X	Na minha opinião, o tempo destinado à Prática Pedagógica II é suficiente para o desenvolvimento a nível pessoal, isto é, para a preparação do futuro.
21				X	Permite uma boa percepção da realidade vivida nas escolas do 1.º ciclo.
22			X		Penso que o tempo é suficiente, no entanto poderia estar distribuído de outra forma.
23			X		Penso que a duração da Prática Pedagógica II é adequada às nossas necessidades, apenas considero que o tempo de observação deveria ser alargado.
24			X		Na minha opinião penso que o tempo que passamos na Prática é o necessário para as aprendizagens que temos de fazer. Embora considere que só no 2.º semestre é que devíamos ter quatro dias de prática e não no 1.º semestre.
25				X	<i>Não justifica.</i>
26			X		Visto que no 1.º semestre não temos mais nenhuma disciplina para além do Seminário de Supervisão e da Prática Pedagógica considero adequada a carga horária, os quatro dias de Prática permitem-nos desenvolver muitas

					competências e aprendizagens. Já no 2.º semestre, visto que temos disciplinas que exigem bastantes trabalhos, apesar de serem apenas dois dias de Prática, considero que se torna muito trabalhoso, talvez fosse mais produtivo se o 4.º ano fosse quase exclusivamente dedicado à Prática.
27			X		Penso que esta deveria ter finalizado uma semana antes das aulas terminarem, desta forma permitia um maior envolvimento nos trabalhos e apresentações finais.
28			X		Penso que no 2.º semestre deveriam ser mais dias de Prática Pedagógica II e algumas disciplinas deste ano passariam para o 2.º ou 3.º ano.
29			X		Penso que não se justifica a existência de uma maior ou menor disponibilidade de tempo.
30			X		A Prática Pedagógica tem a duração de quatro dias por semana durante todo o ano lectivo.
31			X		<i>Não justifica.</i>
32			X		Acho que durante a Prática Pedagógica II passámos mais tempo do que na Prática Pedagógica I, logo temos mais tempo para desenvolver os nossos conhecimentos.
33			X		Considero adequados dois anos de curso teórico e os outros dois mais práticos.
34			X		Penso apenas que o tempo do 2.º semestre deveria ser realizado no 1.º semestre (os dois dias) e vice-versa, ou seja, no 1.º semestre termos dois dias por semana e no 2.º semestre quatro dias. Quanto ao tempo total penso que é suficiente.
35			X		Penso que é apenas adequada porque deveria, na minha opinião, iniciar mais cedo no decorrer da formação inicial, ainda que tivesse um carácter adaptativo e tivesse uma menor duração.

Duração Total da Prática Pedagógica	Frequência	%
Inadequada	0	0,00
Pouco adequada	8	22,86
Adequada	24	68,57
Muito adequada	3	8,57
TOTAL	35	100,00

Duração total da Prática Pedagógica II

CATEGORIAS	TRAÇOS CARACTERIZADORES	Unidades de sentido	%
Pouco adequada	A Prática Pedagógica II deveria ter uma maior duração	3	7,14
	O 2.º semestre devia ter quatro dias de Prática Pedagógica por semana	6	14,28
	O tempo de Prática no segundo semestre é insuficiente	1	2,38
	A Prática Pedagógica II deveria ser melhor distribuída, dois dias no 1.º semestre e quatro dias no 2.º semestre	8	19,04
	Por aluno deviam ser mais horas de Prática Pedagógica	1	2,38
	A Prática pedagógica II deveria ser de três dias no 1.º e no 2.º semestres	3	7,14
	A Prática pedagógica II deveria ser de quatro dias no 1.º e no 2.º semestre	1	2,38
Adequada	A duração total da Prática Pedagógica II é adequada	15	35,71
	O tempo de observação deveria ser alargado	1	2,38
	O 4.º ano deveria ser exclusivamente dedicado à Prática Pedagógica	1	2,38
Muito adequada	O tempo destinado à Prática Pedagógica II é suficiente para o desenvolvimento a nível pessoal e para a preparação do futuro	1	2,38
	Permite uma boa percepção da realidade vivida nas escolas do 1.º ciclo	1	2,38
TOTAL		42	100,00

Período inicial (no primeiro semestre) da Prática Pedagógica II destinado à observação

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	Média	
É um período de (re)conhecimento e de integração	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	4	3	3	4	3	4	4	4	4	3	4	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	3	3	3,63
É desnecessário e uma perda de tempo	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	2	2	1	1	1	2	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1,17
É muito importante para um maior conhecimento da turma	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	3	3	4	3	3	4	3	4	4	4	4	3	4	3	4	3	4	4	4	3	4	4	4	3	3	4	3,63
É insuficiente para uma boa integração na turma	4	2	4	4	2	3	2	4	2	4	2	4	3	2	2	3	2	1	2	3	3	4	3	2	3	2	2	3	2	3	3	3	3	3	2	1	2,69
Deveria ser durante mais tempo	4	1	3	3	2	3	2	2	2	3	4	2	2	2	2	3	2	3	2	2	3	3	3	3	2	3	2	3	2	3	3	2	2	2	2	2,49	
É essencial a um bom desempenho futuro da Prática Pedagógica	3	4	3	2	4	4	3	3	3	3	3	4	4	3	3	4	3	4	3	4	4	3	4	4	4	2	3	2	3	4	3	4	3	3	4	3,34	

Período inicial (no primeiro semestre) da Prática Pedagógica II destinado à observação	1- Discordo Totalmente	2- Discordo	3-Concordo	4 - Concordo Totalmente	Total	Média
É um período de (re)conhecimento e de integração	0	0	13	22	127	3,63
É desnecessário e uma perda de tempo	29	6	0	0	41	1,17
É muito importante para um maior conhecimento da turma	0	0	13	22	127	3,63
É insuficiente para uma boa integração na turma	2	14	12	7	94	2,69
Deveria ser durante mais tempo	1	18	14	2	87	2,49
É essencial a um bom desempenho futuro da Prática Pedagógica	0	3	17	15	117	3,34
TOTAL	32	41	69	68	593	2,82

Colaboração com o aluno/futuro professor na preparação das aulas

Alunos/ futuros professores	Supervisor da ESE	Supervisora Cooperante	Outros professores da ESE	Colegas do grupo	Outros colegas da turma	Outros
1	X	X	X	X	X	
2	X		X	X	X	
3	X	X	X			
4		X		X		
5		X		X		
6	X		X	X	X	
7	X	X		X		
8	X	X		X		
9	X	X	X	X		
10	X			X		
11				X		
12	X	X	X	X	X	
13	X	X		X		
14	X	X		X		
15	X	X		X		
16	X	X		X		
17	X	X	X	X		
18	X	X	X	X	X	
19	X	X	X	X	X	
20	X	X		X		
21		X				
22	X			X		
23	X	X	X	X		
24	X	X	X	X		
25	X	X		X		
26	X	X		X		
27	X	X	X	X		
28	X	X	X	X		
29	X			X		
30				X		
31	X	X	X			
32	X	X	X	X	X	
33	X			X		
34	X	X				
35	X	X	X	X	X	
TOTAL	30	26	16	31	8	0

Colaboração com o aluno/futuro professor na preparação das aulas	Frequência	%
Supervisor da ESE	30	27,03
Supervisora Cooperante	26	23,42
Outros Professores da ESE	16	14,41
Colegas do grupo	31	27,93
Outros colegas da turma	8	7,21
Outros	0	0,00
TOTAL	111	100,00

Aspectos mais problemáticos na planificação da actividade lectiva

Alunos/ futuros professores	Seleção/elaboração de recursos e meios	Seleção de conteúdos	Definição de competências	Definição de objectivos	Definição de estratégias
1					X
2			X		
3					X
4	X				
5	X				
6				X	
7					X
8					X
9	X				X
10	X				X
11	X				
12	X				X
13		X			
14	X				X
15	X				X
16	X	X		X	
17	X	X	X	X	
18	X				X
19	X				
20	X			X	X
21	X		X		
22	X				X
23		X	X	X	X
24	X				X
25		X		X	
26		X			
27	X		X	X	X
28			X		X
29	X				X
30	X				
31				X	X
32		X	X		
33			X	X	X
34				X	
35			X	X	X
TOTAL	19	7	9	11	20

Aspectos mais problemáticos na planificação da actividade lectiva	Frequência	%
Seleção/elaboração de recursos e meios	19	28,79
Seleção de conteúdos	7	10,61
Definição de competências	9	13,64
Definição de objectivos	11	16,67
Definição de estratégias	20	30,30
TOTAL	66	100,00

Aspectos problemáticos relativos à intervenção no processo de ensino/aprendizagem

Alunos/ futuros profes- sores	Gestão de conteú- dos	Operaciona- lização das compe- tências	Adequação dos objectivos	Ade- quação de Estraté- gias	Motivação Dos alunos	Formas de comuni- cação	Utilização/ gestão de recursos materiais	Gestão do tempo	Gestão do espaço	Construção da planificação	Resolução de problemas/ conflitos	Promoção da disciplina	Relacio- namento com os alunos	Relacio- namento com a Superv. coop.	Relacio- namento com o Sup. da Ese	Relacio- namento com os colegas de grupo	Aval. dos alunos
1								X	X		X						X
2	X																X
3				X		X		X				X					
4						X											
5		X					X	X			X						
6			X	X	X						X	X					
7								X									
8								X			X						
9				X	X			X			X						
10				X	X	X					X						X
11											X						
12				X			X			X	X	X					X
13				X	X			X			X						X
14				X				X			X						X
15		X									X	X					
16								X									
17				X	X			X									X
18											X						X
19	X				X			X	X		X			X			X
20				X	X			X			X						X
21								X									X
22				X			X							X			
23		X						X			X						X
24				X	X	X		X									
25																	X
26		X									X						X
27		X	X	X			X	X	X	X				X			X
28	X	X			X									X			
29								X	X		X	X		X			
30					X		X	X				X					
31				X	X			X									
32		X						X									
33					X			X			X			X			X
34				X													X
35								X	X		X						X
TOTAL	3	7	4	12	11	4	5	22	5	2	19	6	0	6	0	0	18

Aspectos problemáticos relativos à intervenção no processo de ensino/aprendizagem	Frequência	%
Gestão de conteúdos	3	2,42
Operacionalização das competências	7	5,65
Adequação dos objectivos	4	3,23
Adequação de estratégias	12	9,68
Motivação dos alunos	11	8,87
Formas de comunicação	4	3,23
Utilização/Gestão de recursos Materiais	5	4,03
Gestão do Tempo	22	17,74
Gestão do espaço	5	4,03
Construção da planificação	2	1,61
Resolução de problemas/conflitos	19	15,32
Promoção da disciplina	6	4,84
Relacionamento com os alunos	0	0,00
Relacionamento com o supervisor cooperante	6	4,84
Relacionamento com o supervisor da ESE	0	0,00
Relacionamento com os colegas de grupo	0	0,00
Avaliação dos alunos	18	14,52
TOTAL	124	100,00

Estratégias utilizadas para superar dificuldades sentidas

Alunos/ futuros professores	Conhecer melhor os alunos	Avaliar as reais dificuldades dos alunos	Limitar o número de actividades de acordo com o ritmo da turma de modo a permitir uma boa gestão do tempo	Explorar materiais e técnicas diversificadas	Consultar bibliografia sobre os temas em estudo	Conhecer o Programa do 1.º Ciclo e o Currículo Nacional	Ter em conta as orientações da sup. cooperante e do sup. da ESE	Falar com a superv. cooperante	Falar com o superv. da ESE	Falar com os colegas do grupo	Falar com os colegas da turma	Falar com os outros professores	Reflectir sobre todo o processo com os professores e os colegas	Pedir a opinião dos professores e dos colegas
1			X				X						X	X
2		X	X						X	X				
3			X	X	X	X			X			X		X
4													X	X
5		X	X	X		X	X							X
6		X	X	X	X		X	X	X	X			X	X
7			X											X
8				X	X				X	X	X			
9		X	X							X		X	X	
10	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	
11			X											
12	X		X	X		X				X			X	X
13	X		X	X									X	X
14	X	X					X		X	X				X
15	X		X	X			X							
16		X	X	X			X	X	X	X	X		X	
17	X	X	X	X	X		X	X		X		X	X	X
18		X	X		X	X			X	X			X	X
19	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
20	X	X	X	X	X		X						X	X
21		X					X							
22		X		X					X	X			X	
23	X	X	X	X				X		X		X	X	X
24	X	X		X	X		X	X		X		X		X
25	X					X	X	X	X				X	
26								X		X			X	
27	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X
28			X	X	X				X					X
29			X					X				X	X	X
30			X	X	X									X
31		X	X							X		X		
32	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
33	X	X	X	X			X	X	X	X			X	
34		X			X	X			X			X		X
35		X			X	X			X			X		X
TOTAL	14	21	25	20	15	11	16	13	17	19	5	12	20	23

Estratégias utilizadas para superar dificuldades sentidas	Frequência	%
Conhecer melhor os alunos	14	6,06
Avaliar as reais dificuldades dos alunos	21	9,09
Limitar o número de actividades de acordo com o ritmo da turma de modo a permitir uma boa gestão do tempo	25	10,83
Explorar materiais e técnicas diversificadas	20	8,66
Consultar bibliografia sobre os temas em estudo	15	6,49
Conhecer o Programa do 1.º Ciclo e o Currículo Nacional	11	4,76
Ter em conta as orientações do supervisor cooperante e do supervisor da ESE	16	6,93
Falar com a supervisora cooperante	13	5,63
Falar com o supervisor da ESE	17	7,36
Falar com os colegas do grupo	19	8,23
Falar com os colegas da turma	5	2,16
Falar com os outros professores	12	5,19
Reflectir sobre todo o processo com os professores e os colegas	20	8,66
Pedir a opinião dos professores e dos colegas	23	9,96
TOTAL	231	100,00

Avaliação da Prática pedagógica II

- Intervenientes necessários na avaliação da Prática Pedagógica

Alunos/ futuros professores	Supervisor da ESE	Supervisora cooperante	O próprio aluno/ futuro professor	Outros professores da ESE	Colegas do grupo	Outros colegas da turma	Enc. de Ed. dos alunos do 1.º Ciclo	Outros
1	X	X	X		X			
2	X	X	X		X			
3	X	X	X		X			
4	X	X	X	X	X			
5	X	X	X					
6	X	X	X		X			
7	X	X			X			
8	X	X						
9	X	X	X		X			
10	X	X	X		X	X		
11					X			
12	X	X	X		X			
13	X	X	X	X	X	X	X	
14	X	X	X					
15	X	X	X		X			
16	X	X	X		X			
17	X	X	X		X			
18	X	X	X		X			
19	X	X	X		X			
20	X	X	X		X	X		
21	X	X	X					
22	X		X	X				
23	X	X	X		X			Alunos do 1.º Ciclo
24	X	X	X	X				
25	X	X	X					
26	X	X	X					
27	X	X	X		X			Alunos do 1.º Ciclo
28	X	X	X		X			
29	X	X	X		X			Alunos com que se trabalhou.
30	X	X	X					
31	X	X	X		X		X	
32	X	X	X		X			
33	X	X	X		X			
34	X	X	X	X				
35	X	X	X	X	X			
TOTAL	34	33	32	6	25	3	2	3

Intervenientes necessários na avaliação da Prática Pedagógica	Frequência	%
Supervisor da ESE	34	24,64
Supervisora cooperante	33	23,91
O próprio aluno/futuro professor	32	23,19
Outros professores da ESE	6	4,35
Colegas do grupo	25	18,12
Outros colegas da turma	3	2,17
Enc. de Educação dos alunos do 1.º ciclo	2	1,45
Alunos do 1.º Ciclo	3	2,17
TOTAL	138	100,00

- Finalidades da avaliação

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	Média	
Garantir a qualidade dos professores	3	3	3	4	2	4	3	3	3	3	3	2	3	3	2	4	3	4	3	4	4	1	4	4	4	2	2	3	2	4	4	3	4	3	3	3,11	
Classificar	1	2	2	3	4	1	2	2	1	2	3	4	2	3	3	2	3	2	3	3	3	3	2	3	2	2	3	3	2	4	4	4	4	3	3	3	2,63
Seleccionar com vista à colocação profissional	4	2	3	2	2	2	2	2	2	2	3	3	2	3	3	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	4	4	4	2	3	4	2,74
Regular e ajudar a aprendizagem	4	4	3	3	2	4	3	4	3	4	4	2	4	2	3	4	2	3	3	4	3	2	3	3	4	3	3	2	3	4	3	3	4	3	3	3,17	
Controlar os resultados	3	2	2	2	2	3	2	3	2	2	3	3	1	2	3	2	2	3	3	1	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3	3	3	3	2	2	3	2,49
Prestar contas	3	1	1	2	2	1	2	2	1	2	1	1	1	2	2	1	3	3	3	1	2	3	1	3	2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	1	1	1,86
Promover o desenvolvimento	4	4	2	4	2	4	3	3	4	4	3	2	4	2	3	4	3	4	3	4	4	2	3	3	4	3	3	4	4	3	3	4	4	3	4	3,31	
Corrigir o processo	3	4	2	3	3	3	2	3	3	3	4	2	3	2	2	4	2	4	3	4	4	2	3	4	3	3	3	3	4	4	3	3	4	1	3	3,03	

Finalidades da avaliação	1- Discordo Totalmente	2- Discordo	3-Concordo	4 - Concordo Totalmente	Total	Média
Garantir a qualidade dos professores	1	6	16	12	109	3,11
Classificar	3	12	15	5	92	2,63
Seleccionar com vista à colocação profissional	1	11	19	4	96	2,74
Regular e ajudar a aprendizagem	0	6	17	12	111	3,17
Controlar os resultados	2	14	19	0	87	2,49
Prestar contas	12	16	7	0	65	1,86
Promover o desenvolvimento	0	5	14	16	116	3,31
Corrigir o processo	1	7	17	10	106	3,03
TOTAL	20	77	121	59	773	2,79

- Estratégias, técnicas e instrumentos de avaliação da Prática Pedagógica II

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	Média		
Reflexão oral.	4	4	4	4	3	4	3	3	4	4	4	4	4	3	2	4	2	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	3	2	4	3	3	4	3	4	3,57
Reflexão escrita individual.	4	3	3	4	3	3	3	3	4	4	3	3	4	3	2	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	4	3	4	2	4	4	4	3,54	
Autoavaliação.	4	4	4	4	4	3	3	3	4	3	4	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	2	4	4	3	4	3	3	4	3	4	3	3	4	3,46		
Planificação das aulas.	4	4	3	4	4	3	4	3	3	3	4	3	3	4	3	3	4	3	4	4	4	3	3	4	4	4	3	3	3	4	3	4	3	4	4	3,51		
Materiais produzidos/instru. de trabalho desenvolvidos.	2	4	4	3	4	3	3	4	4	3	4	3	3	3	4	3	4	3	4	4	4	3	3	4	3	4	2	3	3	3	3	4	2	4	4	3,37		
Dossier/portolio de grupo.	4	3	4	4	4	3	4	4	4	3	4	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	3	4	3	2	3	2	3	3	3	3	3	3	2	4	4	3,37	
Observação de aulas.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	4	3	3	3	3	4	3	4	4	4	4	4	3	4	3	4	3	3	3	4	4	2	4	4	3,60		
Utilização de estratégias diversificadas.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	4	3	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3	3	4	4	4	4	4	3,74	
Reflexão final.	4	4	3	3	4	3	3	3	4	4	4	3	4	2	3	3	4	4	4	4	3	4	3	3	4	3	4	3	4	3	3	4	3	4	4	4	3,49	
Caracterização do ambiente educativo.	3	4	3	4	4	2	3	3	3	3	3	3	4	3	3	3	3	4	3	4	3	2	2	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	2	4	4	3,14	
Projectos Ind. de Desenvolvimento.	2	3	3	3	2	2	3	3	4	3	4	3	3	2	3	3	3	4	3	4	3	1	3	4	3	3	3	3	3	4	2	3	2	3	4	2,97		
Relacionamento com os alunos do 1.º Ciclo.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	3	3	3	4	4	4	4	4	4	4	3,83	
Relacionamento com os colegas do grupo.	4	4	2	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	2	4	4	4	4	3	3	3	4	4	4	4	4	4	3,74	

Estratégias, técnicas e instrumentos de avaliação da Prática Pedagógica II	1 – Nada Importante	2 – Pouco Importante	3 - Importante	4 – Muito Importante	Total	Média
Reflexão oral	0	3	9	23	125	3,57
Reflexão escrita individual	0	2	12	21	124	3,54
Autoavaliação	0	1	17	17	121	3,46
Planificação das aulas	0	0	17	18	123	3,51
Materiais produzidos/instrumentos de trabalho desenvolvidos	0	3	16	16	118	3,37
Dossier/ <i>portolio</i> de grupo	0	3	16	16	118	3,37
Observação de aulas	0	1	12	22	126	3,60
Utilização de estratégias diversificadas	0	0	9	26	131	3,74
Reflexão final	0	1	16	18	122	3,49
Caracterização do ambiente educativo	0	4	22	9	110	3,14
Projectos Individuais de Desenvolvimento	1	6	21	7	104	2,97
Relacionamento com os alunos do 1.º Ciclo	0	0	6	29	134	3,83
Relacionamento com os colegas do grupo	0	2	5	28	131	3,74
TOTAL	1	26	178	250	1587	3,49

- Momentos mais importantes na avaliação da Prática Pedagógica

Alunos/ futuros professores	Pontualmente	No final de cada dia de aulas	Só no final da semana, no Seminário	No final do semestre	No final do Curso
1	X	X			
2		X			
3		X			
4			X	X	X
5		X			
6		X	X	X	
7		X			
8	X	X			
9		X	X	X	
10		X		X	X
11	X				
12	X	X	X		
13	X				
14	X	X	X		
15	X	X			
16	X	X			
17	X	X	X		X
18	X	X	X	X	X
19	X		X	X	
20		X			
21		X	X		
22		X	X		
23	X	X	X	X	X
24	X	X	X	X	X
25		X	X		
26	X	X			
27		X		X	X
28		X	X	X	
29	X	X			
30		X			
31			X		
32	X				
33		X	X		
34		X	X		
35	X		X	X	X
TOTAL	16	28	18	11	8

Momentos mais importantes na avaliação da Prática Pedagógica	Frequência	%
Pontualmente	16	19,75
No final de cada dia de aulas	28	34,57
Só no final da semana, no Seminário	18	22,22
No final do semestre	11	13,58
No final do curso	8	9,88
TOTAL	81	100,00

Reflexão sobre a Prática Pedagógica

- Momentos de reflexão com a supervisora cooperante

Alunos/ futuros professores	Durante a acção educativa	No intervalo	No final do dia	No final da semana	No final da Prática Pedagógica
1	X	X	X	X	X
2			X		
3				X	
4			X		X
5	X		X		
6	X		X		X
7			X		
8		X	X		
9				X	
10				X	
11				X	
12			X	X	X
13			X		
14			X	X	X
15	X		X		
16			X		
17	X		X		X
18			X		
19			X	X	
20		X	X	X	X
21	X		X		
22				X	
23	X	X	X	X	X
24	X		X	X	X
25	X		X		
26			X	X	
27		X	X		
28					X
29	X				
30			X		
31			X		
32	X	X	X	X	X
33	X		X		
34	X	X	X		
35	X	X	X	X	X
TOTAL	14	8	28	15	12

Momentos de reflexão com a supervisora cooperante	Frequência	%
Durante a acção educativa	14	18,18
No intervalo	8	10,39
No final do dia	28	36,36
No final da semana	15	19,48
No final da Prática Pedagógica	12	15,58
TOTAL	77	100,00

- Momentos de reflexão com o supervisor da ESE

Alunos/ futuros professores	Durante a acção educativa	No intervalo	No final do dia	No final da semana (Seminário)	No final da Prática Pedagógica
1				X	
2				X	
3				X	
4				X	X
5				X	
6	X		X	X	X
7				X	
8				X	
9				X	
10				X	X
11				X	
12			X	X	X
13				X	
14				X	X
15				X	
16				X	
17	X			X	X
18				X	X
19				X	X
20		X	X	X	X
21	X		X	X	
22			X	X	X
23			X	X	X
24			X	X	X
25			X	X	
26		X		X	X
27		X	X	X	
28		X		X	
29				X	
30				X	
31				X	
32		X	X	X	X
33			X	X	
34	X			X	
35		X		X	X
TOTAL	4	6	11	35	15

Momentos de reflexão com a supervisora da ESE	Frequência	%
Durante a acção educativa	4	5,63
No intervalo	6	8,45
No final do dia	11	15,49
No final da semana (Seminário)	35	49,30
No final da Prática Pedagógica	15	21,13
TOTAL	71	100,00

- Intervenientes nos encontros pós-observação com a supervisora cooperante

Alunos/ futuros professores	Aluno/futuro professor	Supervisor da ESE	Colegas de grupo	Outros professores da escola	Alunos
1	X	X	X		
2	X		X		
3	X		X		
4	X		X		
5	X		X		
6	X		X		
7	X		X		
8	X		X		
9	X		X		
10	X		X		
11	X		X		
12	X		X		
13	X		X		
14	X		X		
15	X	X	X		X
16	X		X		
17	X	X	X		
18	X		X		
19	X		X		
20	X		X		
21	X	X	X		
22	X		X		
23	X	X	X		
24	X	X	X	X	X
25	X	X			
26	X	X	X		
27	X	X	X		
28	X		X		
29	X	X	X		
30	X	X	X		
31	X	X	X		
32	X	X	X		
33	X	X	X		
34	X		X		
35	X	X	X		
TOTAL	35	15	34	1	2

Intervenientes nos encontros pós-observação com a supervisora cooperante	Frequência	%
Aluno/futuro professor	35	40,23
Supervisor da ESE	15	17,24
Colegas de grupo	34	39,08
Outros professores da escola	1	1,15
Alunos	2	2,30
TOTAL	87	100,00

- Intervenientes nos encontros pós-observação com o supervisor da ESE

Alunos/ futuros professores	Aluno/futuro professor	Supervisora Cooperante	Colegas de grupo	Outros colegas da turma	Outros professores da ESE
1	X	X	X		
2	X		X		
3	X	X	X		
4	X		X	X	
5	X		X	X	
6	X		X	X	
7	X		X	X	
8	X		X	X	
9	X		X	X	
10	X		X	X	
11	X		X	X	
12	X		X		
13	X				
14	X		X	X	
15	X	X	X		
16	X		X		
17	X	X	X		
18	X		X	X	
19	X		X	X	
20	X		X	X	
21	X	X	X	X	
22	X		X	X	
23	X		X		
24	X	X	X	X	X
25	X	X			
26	X		X	X	
27	X	X	X		
28	X		X		
29	X		X	X	
30	X	X	X		
31	X	X	X		
32	X		X	X	
33	X	X	X		
34	X		X	X	
35	X	X	X	X	
TOTAL	35	12	32	20	1

Intervenientes nos encontros pós-observação com o supervisor da ESE	Frequência	%
Aluno/futuro professor	35	35,00
Supervisora cooperante	12	12,00
Colegas de grupo	32	32,00
Outros colegas da turma	20	20,00
Outros professores da ESE	1	1,00
TOTAL	100	100,00

Aspectos mais relevantes nas reflexões produzidas acerca do desempenho da Prática Pedagógica II

Alunos/ futuros professores	Aspectos de nível pessoal: sentimentos, seguranças, inseguranças, estabilidade pessoal...	Organização do processo de ensino: processo de ensino e de aprendizagem, gestão do espaço, do tempo, dos recursos...	Os alunos e as suas aprendizagens: relacionamento, adequação de materiais, estratégias, actividades, indisciplina, avaliação de aprendizagens dos alunos...	Colaboração entre a comunidade educativa: relacionamento e situações de colaboração e partilha existentes com os colegas de grupo, supervisora cooperante, supervisor da ESE, restantes professores e outro pessoal da escola...
1	X	X	X	
2	X		X	X
3	X	X	X	
4	X	X	X	
5	X	X	X	
6	X	X	X	
7	X	X	X	X
8	X		X	
9	X		X	
10	X	X	X	
11			X	
12	X		X	
13		X	X	
14	X		X	X
15	X		X	
16	X		X	
17	X	X	X	X
18	X	X	X	
19	X	X	X	X
20	X	X	X	
21		X	X	X
22	X		X	
23	X	X	X	
24	X	X	X	X
25		X	X	
26		X	X	
27	X	X	X	X
28		X	X	
29	X		X	
30	X		X	
31		X	X	
32	X	X	X	X
33	X	X	X	
34	X	X	X	X
35	X	X	X	X
TOTAL	27	24	35	11

Aspectos mais relevantes nas reflexões produzidas acerca do desempenho da Prática Pedagógica II.	Frequência	%
Aspectos de nível pessoal: sentimentos, seguranças, inseguranças, estabilidade pessoal...	27	27,84
Organização do processo de ensino: processo de ensino e de aprendizagem, gestão do espaço, do tempo, dos recursos...	24	24,74
Os alunos e as suas aprendizagens: relacionamento, adequação dos materiais, das estratégias e das actividades, indisciplina, avaliação de aprendizagens dos alunos...	35	36,08
Colaboração entre a comunidade educativa: relacionamento e situações de colaboração e partilha existentes com os colegas de grupo, supervisora cooperante, supervisores da ESE, com os restantes professores e outro pessoal da escola...	11	11,34
TOTAL	97	100,00

Opinião sobre a Prática Pedagógica

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	Média
A Prática Pedagógica é uma boa preparação para a profissão de docente	4	4	4	4	4	4	3	3	3	4	4	4	3	3	3	4	4	4	4	3	4	2	3	3	4	4	4	4	3	4	3	3	3	3	4	3,51
A Prática Pedagógica é uma oportunidade de aplicação da teoria adquirida na ESE	4	3	3	3	4	3	3	3	3	3	4	1	3	3	3	3	3	3	4	3	4	2	2	3	4	3	3	4	2	4	3	3	3	3	4	3,11
A teoria aprendida nas disciplinas teóricas fornece perspectivas e conhecimentos que preparam para a realidade da Prática	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	4	2	2	2	2	3	3	3	3	3	2	2	3	4	3	2	3	2	2	2	3	4	3	3	2,77
A Prática Pedagógica é indispensável num curso de formação de professores	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	2	3	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3,86
A Prática Pedagógica é útil se for acompanhada de momentos de reflexão	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	3	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3,89
A avaliação condiciona o processo de desenvolvimento do aluno em Prática Pedagógica	3	3	2	2	3	2	1	2	4	3	2	4	4	3	3	2	3	3	3	3	3	4	3	1	3	3	2	2	3	3	2	3	4	2	2	2,71

Opinião sobre a Prática Pedagógica	1- Discordo Totalmente	2- Discordo	3-Concordo	4 - Concordo Totalmente	Total	Média
A Prática Pedagógica é uma boa preparação para a profissão de docente	0	1	15	19	123	3,51
A Prática Pedagógica é uma oportunidade de aplicação da teoria adquirida na ESE	1	3	22	9	109	3,11
A teoria aprendida nas disciplinas teóricas fornece perspectivas e conhecimentos que preparam para a realidade da Prática	0	11	21	3	97	2,77
A Prática Pedagógica é indispensável num curso de formação de professores	0	1	3	31	135	3,86
A Prática Pedagógica é útil se for acompanhada de momentos de reflexão	0	0	4	31	136	3,89
A avaliação condiciona o processo de desenvolvimento do aluno em Prática Pedagógica	2	11	17	5	95	2,71
TOTAL	3	27	82	98	695	3,30

Importância atribuída a alguns aspectos da Prática Pedagógica

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	Média		
Apoio prestado pela supervisora cooperante	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	3	4	3	3	4	4	3	4	4	4	1	3	4	4	4	2	2	4	4	4	4	4	4	3	3	3,54	
Papel desempenhado pelo supervisor da ESE	4	4	4	3	4	3	4	4	4	3	3	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3	3,71	
Sugestões da supervisora cooperante	3	3	3	3	4	4	3	4	4	3	3	4	3	2	3	4	4	3	4	3	4	2	3	4	3	4	3	2	3	3	4	4	3	3	4	4	3,31	
Atendimento realizado pelo supervisor da ESE	3	4	3	3	4	4	4	4	4	3	3	4	3	3	2	4	4	4	4	4	4	4	2	4	3	3	4	4	3	3	4	4	3	3	4	4	3,51	
Observação das aulas realizada pelo supervisor da ESE	3	4	4	3	3	3	3	4	4	3	3	4	4	2	3	4	4	3	4	4	3	4	3	4	4	3	4	3	3	3	4	4	3	3	4	4	3,46	
Contacto com a realidade educativa	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	3,91
Capacidade de resolução de situações imprevistas	4	3	4	3	4	4	3	3	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3,77
Capacidade de resolução de problemas com os alunos	4	4	4	3	4	4	3	3	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3,80
Tomada de decisões	4	4	4	3	4	4	3	4	4	3	4	4	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4	3,71
Desenvolvimento da autonomia	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3,86
Questionamento permanente	4	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3	3	3	4	4	4	4	4	3	3	3	4	4	3	4	4	4	4	4	3	4	4	3	4	4	3,69
Abertura a novas ideias	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3	4	3	4	4	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	3	4	4	4	3	4	4	3,74
Teste das próprias capacidades	4	3	3	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3	4	3	3	4	3	4	4	3	4	4	4	4	3	4	4	3	3	3	4	4	4	3	4	4	3,63
Pequena reflexão realizada logo após a acção educativa com a supervisora cooperante	4	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	2	3	4	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	2	4	4	4	4	3	3	3	4	4	3,66	
Encontro de reflexão com os diversos grupos e o supervisor da ESE	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	4	4	3	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3	3	3	3	3	3	4	4	3,69	
Críticas dos colegas de grupo	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	3	3	3	4	3	4	4	4	3	4	4	4	3	3	3	4	4	3,66
Críticas da supervisora cooperante	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	2	3	4	4	3	4	4	4	2	4	4	3	4	2	3	3	4	4	4	3	3	3	4	4	3,57
Críticas do supervisor da ESE	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	3	3	4	4	3,80
Autoavaliação	4	4	3	3	4	3	3	3	4	3	3	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	3	4	3	3	4	3	3	4	4	3	3	4	4	3	4	4	3,54
Reflexões escritas	4	4	3	3	4	3	3	3	4	4	3	4	3	3	3	4	4	4	4	3	3	4	3	4	3	3	4	4	3	4	4	3	3	4	4	4	3,51	

Importância atribuída a alguns aspectos da Prática Pedagógica	1 – Nada Importante	2 – Pouco Importante	3 - Importante	4 – Muito Importante	Total	Média
Apoio prestado pela supervisora cooperante	1	2	9	23	124	3,54
Papel desempenhado pelo supervisor da ESE	0	0	10	25	130	3,71
Sugestões da supervisora cooperante	0	3	18	14	116	3,31
Atendimento realizado pelo supervisor da ESE	0	2	13	20	123	3,51
Observação das aulas realizada pelo supervisor da ESE	0	1	17	17	121	3,46
Contacto com a realidade educativa	0	0	3	32	137	3,91
Capacidade de resolução de situações imprevistas	0	0	8	27	132	3,77
Capacidade de resolução de problemas com os alunos	0	0	7	28	133	3,80
Tomada de decisões	0	0	10	25	130	3,71
Desenvolvimento da autonomia	0	0	5	30	135	3,86
Questionamento permanente	0	0	11	24	129	3,69
Abertura a novas ideias	0	0	9	26	131	3,74
Teste das próprias capacidades	0	0	13	22	127	3,63
Pequena reflexão realizada logo após a acção educativa com a supervisora cooperante	0	3	6	26	128	3,66
Encontro de reflexão com os diversos grupos e o supervisor da ESE	0	0	11	24	129	3,69
Críticas dos colegas de grupo	0	0	12	23	128	3,66
Críticas da supervisora cooperante	0	3	9	23	125	3,57
Críticas do supervisor da ESE	0	0	7	28	133	3,80
Autoavaliação	0	0	16	19	124	3,54
Reflexões escritas	0	0	17	18	123	3,51
TOTAL	1	14	191	474	2498	3,67

Satisfação com a realização da Prática Pedagógica

Alunos/ futuros professores	Sim	Não	Justifique
1	X		Estou satisfeita com a Prática Pedagógica no geral, se bem que creio que deveria ser dada a oportunidade de efectuar a Prática Pedagógica nos quatro anos de curso e tomando contacto com todos os anos de escolaridade (para os quais se está a ter formação). Creio que também deveria haver mais tempo de observação de vários ambientes educativos. Mas mesmo assim estou satisfeita porque me foi concedida a oportunidade de contactar com algumas realidades, o que já me prepara minimamente para a profissão.
2		X	Considero que no 2.º semestre deviam existir mais horas e também considero que devia existir uma melhor escolha dos professores cooperantes.
3	X		Porque sinto que aprendi muito, se não fosse o contacto com a escola, os alunos e a comunidade educativa, nunca saberia o que sei hoje. Porém pude constatar que muita da teoria que se aprende na ESE não se adequa à realidade. É bastante proveitoso e favorável passarmos por todo o tipo de experiências para ficarmos com um conhecimento mais amplo, foi o que aconteceu.
4	X		De uma maneira geral sinto-me satisfeita pela forma como se estende a Prática Pedagógica no meu curso. Embora não concorde com o horário estabelecido no 2.º ano de Prática. Por outro lado, sinto satisfação por tudo o que aprendi e na preparação que levo daqui. Há determinados aspectos que penso que ajudariam a melhorar a formação dos alunos/futuros professores. Entre os quais: a colaboração/presença de professores das disciplinas Didácticas; alteração no horário de distribuição da prática Pedagógica II, melhor selecção dos professores cooperantes; mais disponibilidade de materiais na Universidade; permitir que todos os grupos em estágio passem por um 1.º ano.
5	X		No entanto o tempo de prática no segundo semestre é reduzido. Deveria ser todo o ano. Deveria ser todo o ano quatro dias de Prática ou dois dias no primeiro semestre e os quatro dias no segundo. Para que não exista uma quebra tão grande no trabalho.
6	X		Estou satisfeita com a Prática Pedagógica realizada no meu curso porque só a partir do momento em que iniciei a Prática Pedagógica é que soube realmente o que é ser professor e conheci tudo o que está inerente a esta profissão. A Prática Pedagógica pode ser considerada uma boa iniciação à profissão onde estamos sempre a aprender e evoluir devido ao apoio dos professores e dos colegas.
7	X		Estou satisfeita com a Prática Pedagógica porque tive a oportunidade de estagiar em anos lectivos diferentes (3.º e 1.º anos) e em meios também diferentes. Deste modo foi possível passar por experiências muito diversificadas que certamente me irão auxiliar no futuro.
8	X		De uma maneira geral estou satisfeita com a Prática Pedagógica realizada no meu curso. O único aspecto que considero que não é o mais adequado tem a ver com o facto de no 1.º semestre a Prática realizar-se durante quatro dias lectivos e no 2.º semestre ser apenas durante dois dias lectivos. Penso que deveria seria ser ao contrário.
9	X		De uma maneira geral estou satisfeita com a Prática Pedagógica, pois cresci imenso nestes dois anos de Prática e sinto-me um pouco mais preparada para enfrentar a realidade que nos espera na escola. Penso que existem muitos aspectos que devem ser melhorados, como a selecção dos professores cooperantes, o tempo de prática e o acompanhamento e reflexão com o professor supervisor da ESE.

10	X		Sim, considero que estou satisfeita, uma vez que foi com a Prática que pude conhecer parte da realidade educativa; estar em contacto directo com as crianças; experienciar; aplicar estratégias que considerava adequadas e que por vezes eram e por outras não; aperceber-me que toda a teoria que aprendemos na ESE, toda ela se encontra relacionada com a realidade da escola. Para além disso, penso que foi tudo um processo de novas aprendizagens.
11		X	Não me encontro muito satisfeita porque me parece que não houve uma selecção conveniente dos supervisores cooperantes.
12	X		Estou satisfeita com a Prática Pedagógica, uma vez que considero que foi um processo de crescimento e enriquecimento pessoal e profissional muito positivo, que vai, sem dúvida, ser a base de toda a minha profissionalização.
13	X		De uma maneira geral estou satisfeita, mas mudaria muita coisa. Fazia uma redução no número de elementos de cada grupo, de três passava para dois, para pudermos dar aulas mais vezes. E mudava a distribuição dos dias da Prática Pedagógica II, não tem muita lógica serem dois dias no 2.º semestre e quatro dias no primeiro, invertia, ou então, três dias por semana e nos dois semestres para que as outras disciplinas se pudessem distribuir e não fosse tão sobrecarregado.
14	X		Pois permite-nos ter um conhecimento sobre a realidade de uma escola. Permite-nos também aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos. E também por ser uma boa maneira de iniciarmos a nossa vida profissional com o apoio de colegas e professores.
15	X		Considero que nos têm proporcionado boas condições na Prática Pedagógica, apesar de considerar que deveríamos ter mais ajudas, nomeadamente ao nível de materiais. Por outro lado penso que deveríamos realizar a Prática Pedagógica nos quatro anos de escolaridade, ou seja, em cada semestre passaríamos por um ano de escolaridade.
16	X		Considero que tivemos oportunidade de nos desenvolver enquanto profissionais. Durante a Prática Pedagógica deparámo-nos com muitas realidades da escola do 1.º Ciclo.
17	X		No entanto considero que a Prática Pedagógica deveria ter uma maior duração. Por exemplo, no quarto ano a Prática deveria ser quatro dias semanais no ano lectivo todo.
18	X		Contudo, considero que os supervisores cooperantes deveriam possuir formação para exercer essas funções.
19	X		Porque ajudou-me no meu desenvolvimento pessoal e profissional e revelou-se uma forma muito eficaz de contactar com a realidade. Foi uma experiência muito gratificante.
20		X	Teria sido mais enriquecedor se não tivesse leccionado o mesmo ano nos dois anos de Prática Pedagógica.
21	X		Sim, mas apresento outra sugestão – Prática Pedagógica I (1.º semestre) turma do 1.º ano do 1.º ciclo, (2.º semestre) turma do 2.º ano do 1.º ciclo. Prática Pedagógica II (1.º semestre) 3.º ano do 1.º ciclo, (2.º semestre) 4.º ano do 1.º Ciclo. Desta forma seria possível uma melhor percepção da realidade escolar do 1.º Ciclo.
22		X	Penso que temos pouca autonomia e pouca liberdade. Os professores cooperantes condicionam e muito a forma como decorre a Prática. Isto deixa-nos pouco espaço para estagiar e muito espaço para “representar”.
23	X		Penso que a Prática Pedagógica está bem organizada, apenas considero que o tempo de observação deveria ser alargado e que deveria haver um maior <i>feedback</i> por parte do supervisor da Universidade.
24	X		De um modo geral penso que as aprendizagens que efectuei ao longo do curso foram as necessárias para uma boa Prática Pedagógica. No entanto, considero que algumas disciplinas deviam ser menos teorias e mais direccionadas para a nossa futura profissão.
25	X		Penso que o tempo de Prática é adequado e que os supervisores com que efectuei a Prática são bastante competentes. Deveria, no entanto, haver maior cuidado na selecção dos professores cooperantes.

26	X		Sim. Considero que evolui ao longo da Prática Pedagógica II e posso agradecer a cooperação desenvolvida com os professores supervisores e cooperantes que bastante contribuíram para que terminasse este percurso com satisfação.
27	X		Aprendi muito, mas penso que deveria haver uma selecção mais apropriada para a escolha dos professores cooperantes para que o contributo deles seja mais proveitoso para nós e possam dar mais e melhores sugestões ou “dicas” para melhorara nossa prática e o nosso desempenho na prática.
28	X		Por um lado, devido aos professores supervisores da ESE que orientaram a Prática Pedagógica. Contribuíram para que tomasse conhecimento de aspectos que não tinham sido considerados anteriormente. Por outro lado, permitiu-me “crescer” muito, como nunca imaginaria, tanto a nível pessoal como a nível profissional. Fez-me ver que é impossível haver uma rotina nesta profissão e que, para que seja uma boa professora é necessário agarrar-me de corpo e alma. Ser um professor é vivê-lo 24 horas.
29		X	Muitas vezes os professores cooperantes não são os mais adequados, tendo em vista o que se pretende desenvolver com a Prática Pedagógica.
30	X		Apesar do pouco apoio e orientação dos supervisores cooperantes, no geral, penso que o processo de Prática Pedagógica está razoavelmente organizado. As reflexões semanais, os encontros nas aulas de seminário e a planificação das aulas têm extrema importância na formação dos professores do 1.º ciclo.
31		X	Penso que as relações estabelecidas com os professores cooperantes, por vezes, não são muito propícias ao bom desenvolvimento do aluno/futuro professor.
32	X		Acho que ao longo da Prática Pedagógica observamos muitas situações que mais tarde se poderão repetir. O facto de estar inserida numa turma, mesmo como estagiária dá para termos noção de como podemos resolver as coisas.
33	X		Foi importante para o desenvolvimento profissional!
34	X		Acho que foi uma importante preparação para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Considero, contudo, que deveria existir um maior acompanhamento pelo supervisor da ESE em relação ao trabalho desenvolvido pelo formando no próprio contexto educativo.
35	X		Penso que é um meio insubstituível para cada um de nós experimentar na realidade como é trabalhar com crianças e com os Pais e Encarregados de Educação das mesmas. Para além disso, a Prática Pedagógica é essencial para tomarmos conhecimento do modo de funcionamento da administração escolar e do sistema educativo em geral.
TOTAL	29	6	

Satisfação com a realização da Prática Pedagógica	Frequência	%
Sim	29	82,86
Não	6	17,14
TOTAL	35	100,00

Satisfação com a realização da Prática Pedagógica (Razões aduzidas)

CATEGORIAS	TRAÇOS CARACTERIZADORES	Unidades de Sentido	%
1. Organização	A Prática Pedagógica está bem organizada	2	4,08
	A Prática Pedagógica está razoavelmente organizada	1	2,04
2. Duração da Prática Pedagógica	O tempo de Prática é adequado	1	2,04
3. Corpo Docente	Os supervisores são bastante competentes	2	4,08
	Boa cooperação com os supervisores	1	2,04
4. Conhecimento da realidade educativa	Oportunidade de contactar com algumas realidades profissionais	5	10,20
	A Prática Pedagógica permite realmente saber o que é ser professor	1	2,04
	Oportunidade de “estagiar” em anos lectivos diferentes e em meios também diferentes	1	2,04
	A Prática Pedagógica permite ter conhecimento acerca da realidade de uma escola	4	8,16
5. Desenvolvimento pessoal e profissional	Satisfação por tudo o que se aprende e na preparação que se leva da Universidade	10	20,41
	Processo de novas aprendizagens	4	2,04
	É bastante proveitoso e favorável passar por todo o tipo de experiências	1	2,04
	A Prática Pedagógica é uma boa iniciação à profissão	3	6,12
	A Prática Pedagógica foi um processo de crescimento e enriquecimento pessoal e profissional muito positivo	7	8,16
	Vai, sem dúvida, ser a base de toda a profissionalização	2	4,08
6. Teoria/prática	Toda a teoria que se aprende na ESE está relacionada com a realidade da escola	1	2,04
	As aprendizagens que foram efectuadas ao longo do curso foram as necessárias para uma boa Prática Pedagógica	2	2,04
7. Reflexão	As reflexões foram de extrema importância na formação	1	2,04
TOTAL		49	100,00

Insatisfação com a realização da Prática Pedagógica (Razões aduzidas)

CATEGORIAS	TRAÇOS CARACTERIZADORES	Unidades de Sentido	%
1. Organização	Deveria haver Prática Pedagógica nos quatro anos de curso	1	2,70
	Deveria ser realizada a Prática Pedagógica nos quatro anos de escolaridade	1	2,70
	Deveria permitir que todos os grupos passassem por um 1.º ano	1	2,70
	Teria sido mais enriquecedor se não tivesse leccionado o mesmo ano, nos dois anos de Prática Pedagógica	1	2,70
	Deveria haver mais tempo de observação de vários ambientes educativos	2	5,41
	O número de elementos de cada grupo deveria ser reduzido	1	2,70
2. Duração da Prática Pedagógica	No 2.º semestre deviam existir mais horas de Prática Pedagógica	5	2,70
	Deveria ser todo o ano quatro dias de prática	4	10,81
3. Docentes	Melhor selecção das supervisoras cooperantes	7	18,92
	Inexistência de colaboração/presença de professores das disciplinas das Didácticas	1	2,70
	Deveria existir um maior acompanhamento pelo supervisor da ESE	2	5,41
	As supervisoras cooperantes deveriam possuir formação para exercer essas funções	1	2,70
	As supervisoras cooperantes condicionam e muito a forma como decorre a Prática	1	2,70
	Pouco apoio e orientação das supervisoras cooperantes	1	2,70
4. Materiais	Mais disponibilidade de materiais na Universidade	1	2,70
	Mais ajudas ao nível dos materiais	1	2,70
5. Autonomia	Pouca autonomia e pouca liberdade	1	2,70
6. Teoria /Prática	Grande parte da teoria que se aprende na ESE não se adequa à realidade	1	2,70
	Algumas disciplinas deviam ser menos teóricas e mais direccionadas para a profissão docente	1	2,70
7. Reflexão	Deveria ser melhorada a reflexão com o supervisor da ESE	2	5,41
8. Relacionamento	As relações estabelecidas com as supervisoras cooperantes, por vezes, não são muito propícias ao bom desenvolvimento do aluno/futuro professor	1	2,70
TOTAL		37	100,00

Contribuição da Prática Pedagógica, realizada ao longo do curso, para o desenvolvimento pessoal e profissional

Alunos/ futuros professores	
1	A Prática Pedagógica realiza-se apenas nos dois últimos anos do curso e contribui em grande medida para a minha formação e desenvolvimento pessoal e profissional. Isto porque dá-me algumas bases e segurança para o futuro. Em grande parte com a Prática Pedagógica apercebi-me de certas características da minha personalidade que têm grande influência no meu desempenho.
2	A Prática Pedagógica contribuiu muito para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, pois observei como era a realidade educativa, aprendi a planificar e a gerir o tempo que no futuro é muito importante. Trabalhei com os alunos e vi a grande diversidade de culturas que existe e que cada aluno é um aluno e devemos respeitar o seu ritmo de trabalho, utilizar estratégias diversificadas e apropriadas ao nível de cada aluno. O trabalho em equipa também foi muito importante, pois há troca de ideias, há reflexões.
3	A Prática Pedagógica contribuiu para o meu desenvolvimento a todos os níveis. Pude crescer como pessoa, contactar com novos e diferentes realidades, dificuldades e problemas. Cresci muito, mas sei que continuo a crescer e vou estar sempre a aprender.
4	Contribui na medida em que é o primeiro contacto com a realidade educativa, a desempenhar o papel que nos compete o futuro profissional. Desta forma, o que se aprende a nível da preparação para a profissão docente é sem dúvida uma necessidade na nossa formação. É com a Prática Pedagógica que traçamos o nosso primeiro projecto e perfil profissional e nos avaliamos relativamente à nossa capacidade e desenvolvimento.
5	A Prática Pedagógica é muito importante para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos. A teoria e a prática são muito diferentes e este contacto com as crianças é indispensável para conhecer a realidade da profissão.
6	Contribui para o meu desenvolvimento pessoal e profissional na, medida em que todos os que me rodeiam estão dispostos a ajudar-me, criticar-me e apoiar-me, levando-me a evoluir e a corrigir determinados aspectos.
7	A Prática Pedagógica contribui muito para o desenvolvimento pessoal e profissional porque nela vivenciamos e temos contacto várias situações e temos contacto com várias realidades que não era possível de outra forma. Considero também de extrema importância as reflexões com os colegas, não só de grupo, mas com toda a turma. Desta forma é possível conhecermos outras realidades assim como partilhar todas as coisas positivas e negativas e encontrar estratégias (soluções) para melhorar as negativas.
8	Eu penso que a Prática Pedagógica contribuiu muito para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, pois foi só a partir do momento em que comecei a ir para a sala de aula que percebi o que realmente é ser professor e a responsabilidade que nós temos enquanto professores. Para além disso foi também só nesta altura que pude aplicar muito daquilo que aprendi ao longo do curso.
9	Contribui imenso para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, visto que é um momento indispensável na formação de professores. A Prática Pedagógica teve um papel muito importante, pois tornou-se um incentivo, visto que levámos algum tempo a receber teoria e necessitávamos de conhecer a prática e a realidade. Esta Prática Pedagógica enriqueceu-me muito na medida em que me tornei mais consciente e fiquei mais alerta para os problemas e para as dificuldades que existem numa escola do 1.º Ciclo.
10	Penso que a Prática contribui em muito para o meu desenvolvimento pessoal porque permitiu-me amadurecer, ter mais confiança em mim, acreditar que irei ser capaz de desempenhar o papel de professor, com sucesso. Ao longo da Prática apenas pude observar e vivenciar uma pequena parte do que é a realidade educativa, do que é

	ensinar, mas penso que isso já irá ajudar bastante na minha futura vida profissional.
11	Contribuí bastante porque nos permite conhecer melhor a realidade das escolas do 1.º ciclo e nos ajuda na nossa formação profissional.
12	A Prática Pedagógica contribui para o meu desenvolvimento pessoal e profissional porque ao longo de todo este processo há um grande crescimento do aluno-estagiário, o em termos pedagógicos, o que vai influenciar toda a minha Prática Pedagógica.
13	Contribuí sempre pela positiva independentemente se tenhamos considerado uma boa ou má Prática. Todas estas experiências enriquecem-nos e fazem-nos sentir melhor preparados do que estamos, claro que ainda há muito para aprender e não me sinto totalmente preparada, mas foi positiva e contribuiu para o meu desenvolvimento, tanto a nível pessoal como profissional.
14	A Prática Pedagógica contribuiu para que adquirisse maior capacidade de resolver problemas inesperados para que tivesse um maior à-vontade na exposição.
15	Do meu ponto de vista a Prática Pedagógica proporcionou-me um contacto com uma realidade que eu só tinha vivenciado como aluna, agora há uma troca de papéis que me fizeram amadurecer e me tornar mais crítica. Apesar de considerar pouco tempo de Prática Pedagógica já me possibilita um melhor desempenho na minha futura profissão.
16	Ao longo da Prática tive a oportunidade de trabalhar com diferentes anos lectivos, assim como em escolas bastante diferentes. Este facto permitiu-me conhecer diferentes realidades e também consegui ganhar uma maior auto-confiança, sentindo que neste momento consegui desenvolver um bom trabalho com uma turma. Na minha opinião, vai-se aprendendo com os erros e foi isso que aconteceu ao longo da Prática e que vai continuar a acontecer.
17	Dar uma ideia do que vou enfrentar durante a minha profissionalização e algumas orientações quanto a comportamentos, estratégias, actividades, resolução de conflitos, pedagogia diferenciada, etc..
18	Foi um momento de prática educativa e reflexão constante.
19	Através das experiências vivenciadas, das reflexões, das críticas, da auto-avaliação, etc..
20	A Prática Pedagógica contribuiu para o contacto com a realidade escolar. Apesar de ter leccionado o mesmo ano nos dois anos de Prática Pedagógica esta foi benéfica em termos de desenvolvimento pessoal e profissional. Foi benéfico para o meu crescimento a nível de planificações e de estratégias para promover a aprendizagem dos alunos
21	Foi bastante enriquecedora a nível pessoal e profissional pelas experiências vividas.
22	Contribuí pouco na medida que nunca pude pôr em prática as minhas próprias ideias.
23	É uma experiência muito importante e indispensável à nossa formação como professores do 1.º Ciclo e à aquisição de competências indispensáveis ao exercício da profissão.
24	Ao longo do curso penso ter aprendido/adquiridos os conhecimentos necessários para o meu crescimento a nível pessoal e profissional. Penso que o curso contribuiu para a aquisição das competências necessárias para uma Prática consciente e eficiente.
25	Foi decisiva para o meu desenvolvimento de uma forma geral. No entanto, penso que o contacto com a realidade do 1.º ciclo se deverá iniciar mais cedo através da observação apenas.
26	Evoluí bastante em ambos os níveis, no desenvolvimento pessoal em especial evoluí em termos de amadurecimento, sinto que estou muito melhor preparada para enfrentar todas as dificuldades com que me irei deparar. Quanto ao nível profissional, considero que também evoluí muito em especial na elaboração das planificações e gestão da turma. Acho que as minhas planificações são sempre muito bem pensadas e adequadas ao contexto e relativamente à monitorização da turma também evoluí bastante, agradeço em especial à professora supervisora que sempre referiu que é necessário definir e distribuir regras pelos alunos.
27	O facto de ter aprendido a reflectir sobre as acções realizadas foi muito importante, pois permitiu ver aquilo que eu não realizava correctamente e agir da melhor forma. Desenvolvi o meu espírito crítico e pude crescer como pessoa e profissional.
28	É imprescindível. Como é que num curso deste tipo poderia deixar de haver Prática Pedagógica? Seria impossível ocorrer um desenvolvimento pessoal e profissional de algo sem o vivermos em pleno.

29	Contribuiu enormemente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional na medida em que me permitiu contactar com Práticas Pedagógicas que pela positiva ou pela negativa contribuíram bastante para o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca de aspectos (in)dispensáveis ao meu desempenho.
30	A Prática Pedagógica permite uma reflexão sobre os erros cometidos sobre o que é preciso melhorar no desempenho como professor estagiário e de que forma este contribui para o desenvolvimento dos alunos. Permite-nos ainda conhecermo-nos interiormente, levando-nos a reflectir e a evoluir como pessoas e profissionais de ensino.
31	A Prática Pedagógica contribuiu bastante para o meu desenvolvimento pois proporcionou o primeiro contacto com a escola e todo o meio que a envolve e penso que é uma experiência que nos enriquece bastante, tanto ao nível profissional como ao nível pessoal.
32	Contribuiu de uma forma bastante positiva. Acho que somente com o estágio podemos ter noção da realidade que mais tarde iremos enfrentar.
33	Ajudou-me a desenvolver aprendizagens ao nível do processo ensino/aprendizagem.
34	É um instrumento muito importante e realizador que possibilitou o crescimento e preparação para a vida profissional.
35	A Prática Pedagógica ao longo do curso contribuiu para o meu desenvolvimento quer pessoal, quer profissional na medida em que tenho oportunidade de experimentar estratégias, situações reais de gestão de tempo, espaço, conflitos, indisciplina, enfim uma quantidade de situações infundáveis que de um modo ou de outro contribuem para que haja, de facto, mudança/evolução ao nível do desempenho enquanto futuros professores.

Contribuição da Prática Pedagógica, realizada ao longo do curso, para o desenvolvimento pessoal e profissional

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TRAÇOS CATEGORIZADORES	Unidades de Sentido	%	
1. Desenvolvimento Pessoal	1.1. Desenvolvimento de atitudes	A Prática Pedagógica permitiu o crescimento como pessoa	7	10,45	
		Todos estão dispostos a ajudar, a criticar e a apoiar, levando à evolução e à correcção de determinados aspectos	1	1,49	
		A Prática Pedagógica foi decisiva para o desenvolvimento dos alunos/futuros professores	1	1,49	
		Todas estas experiências enriquecem e fazem sentir uma melhor preparação	3	4,48	
		Consegue-se ganhar uma maior auto-confiança	1	1,49	
		Desenvolve-se um espírito crítico	1	1,49	
	1.2. Desenvolvimento de capacidades/competências	A Prática Pedagógica contribuiu para que se adquira maior capacidade de resolver problemas inesperados	1	1,49	
		O curso contribuiu para a aquisição das competências necessárias para uma Prática consciente e eficiente	2	2,99	
		Permitiu o conhecimento interior como pessoas e profissionais do ensino	2	2,99	
		Proporcionou o amadurecimento, a confiança e o acreditar na capacidade de desempenhar com sucesso o papel de professor	1	1,49	
		Permitiu a constatação da grande diversidade de culturas que existe	1	1,49	
	2. Desenvolvimento Profissional	2.1. Dimensão formativa	A Prática Pedagógica contribui em grande medida para a formação dos alunos/futuros professores	3	4,48
			A Prática Pedagógica é um momento indispensável na formação de professores	2	2,99
2.2. Dimensão experiencial		Só a partir do momento em que se começa a ir para a sala de aula é que se percebe o que realmente é ser professor e a responsabilidade que se tem enquanto professores	2	2,99	
		Foi bastante enriquecedor a nível pessoal e profissional pelas experiências vividas	1	1,49	
3. Dimensão organizativa	3.1. Contacto/ conhecimento da realidade educativa	Observação/vivência da realidade educativa	7	8,96	
		Contacto com novas e diferentes realidades, dificuldades e problemas	6	8,96	
		Maior consciência dos problemas e das dificuldades existentes	1	1,49	
		Oportunidade de trabalhar com diferentes anos lectivos em escolas bastante diferentes	1	1,49	
	3.2. Preparação para a profissão	Permite obter algumas bases e segurança para o futuro	1	1,49	
		É uma experiência muito importante e indispensável à formação como professores	1	1,49	
	3.3. Reflexão sobre a acção	Foi um momento de prática educativa e reflexão constante	2	2,99	
		Aprender a reflectir sobre as acções realizadas	4	5,97	

		foi muito importante		
		As reflexões com os colegas, não só de grupo, mas com toda a turma, são de extrema importância	2	2,99
	3.4. Gestão do tempo	Aprende-se a gerir o tempo	2	2,99
	3.5. Estratégias	Sentir a necessidade de utilizar estratégias diversificadas	3	4,48
		Encontrar estratégias (soluções) para melhorar aspectos negativos	1	1,49
	3.6. Planificação da acção educativa	Aprende-se a planificar	3	4,48
	3.7. Relação Teoria/Prática	Só na prática se pode aplicar muito daquilo que se aprende ao longo do curso	3	4,48
4. Dimensão avaliativa	4.1. Avaliação do aluno/futuro professor	Traça-se o primeiro projecto e perfil profissional do aluno/futuro professor	1	1,49
TOTAL			67	100,00

Situações no âmbito da Prática Pedagógica que causam ansiedade aos alunos/futuros professores: expectativas, receios, fragilidades e virtualidades

Alunos/ futuros professores	Ser observado pela supervisora cooperante	Ser observado pelo supervisor da ESE	Adequar as actividades ao nível dos alunos	Planificar de forma adequada	Seleccionar conteúdos adequados para cada aula	Saber se o meu desempenho é satisfatório	Saber se estou ou não a explorar os materiais adequada- mente	Controlar a turma	Controlar o nível de ruído a aula	Saber gerir possíveis conlitos entre alunos	Resolver os problemas da aula	Dar atenção a cada criança	Perceber se as minhas estratégias são ou não adequadas	Realizar todo o trabalho no tempo previsto	Manter um bom relaciona- mento com a supervisora cooperante, alunos e colegas de grupo	Cooperar com o pessoal da escola	Saber qual vai ser a avaliação da supervisora cooperante e do supervisor da ESE
1			X	X				X	X	X		X	X				X
2			X	X				X					X				
3					X	X		X		X	X	X	X	X	X		X
4						X			X								
5						X	X	X					X				
6			X	X	X	X		X	X	X		X	X				
7		X				X	X		X								
8				X	X	X		X	X	X		X					
9				X		X	X			X					X		X
10						X	X	X	X	X	X	X	X				X
11						X			X								
12		X	X	X			X			X		X	X		X		X
13										X			X				
14		X	X			X	X			X	X	X	X				X
15		X				X				X	X	X	X				X
16						X				X							
17		X	X	X		X	X	X					X	X			X
18		X				X			X	X					X		X
19		X				X	X	X	X	X	X		X	X			X
20		X				X	X	X	X	X	X		X	X	X		
21		X												X			
22			X							X			X				
23		X						X	X	X				X			
24	X	X	X			X	X										X
25		X							X	X		X					
26		X				X				X							X
27		X		X		X		X	X		X		X	X			
28		X		X						X			X		X		
29		X						X	X	X	X						X
30	X	X						X	X	X				X			X
31		X				X		X				X	X		X		X
32	X	X				X	X	X				X					
33		X		X				X		X				X			
34			X	X		X	X		X	X							
35	X	X	X			X								X			X
TOTAL	4	21	10	11	3	23	12	17	16	23	8	12	17	10	7	0	16

Situações no âmbito da Prática Pedagógica que causam ansiedade aos alunos/futuros professores: expectativas, receios, fragilidades e virtualidades	Frequência	%
Ser observado pela supervisora cooperante	4	1,90
Ser observado pelo supervisor da ESE	21	10,00
Adequar as actividades ao nível dos alunos	10	4,76
Planificar de forma adequada	11	5,24
Seleccionar conteúdos adequados para cada aula	3	1,43
Saber se o meu desempenho é satisfatório	23	10,95
Saber se estou ou não a explorar os materiais adequadamente	12	5,71
Controlar a turma	17	8,10
Controlar o nível de ruído a aula	16	7,62
Saber gerir possíveis conflitos entre alunos	23	10,95
Resolver os problemas da aula	8	3,81
Dar atenção a cada criança	12	5,71
Perceber se as minhas estratégias são ou não adequadas	17	8,10
Realizar todo o trabalho no tempo previsto	10	4,76
Manter um bom relacionamento com a supervisora cooperante, alunos e colegas de grupo	7	3,33
Cooperar com o pessoal da escola	0	0,00
Saber qual vai ser a avaliação da supervisora cooperante e do supervisor da ESE	16	7,62
TOTAL	210	100,00

O que poderia ser feito para melhorar tanto a Prática pedagógica I como a Prática Pedagógica II

Alunos/ futuros professores	
1	Acho que deveria haver mais tempo de observação, contacto com todos os anos de escolaridade e que deveria ser um período mais longo de Prática Pedagógica.
2	Haver mais horas para a prática. Melhor selecção dos professores cooperantes.
3	Escolher melhor os professores cooperantes e reduzir o número de horas das outras aulas na ESE, de forma a ficarmos com mais tempo livre para a Prática Pedagógica.
4	Haver uma disciplina/accompanhamento de um docente especializado na colocação de voz, na área das expressões e também de outros professores da ESE.
5	Acho que muitas vezes o maior problema é a falta de cooperação dos professores, quer o supervisor quer o cooperante. É mais vulgar acontecer esta falta de cooperação com o professor cooperante. Acho que devia haver mais rigor na selecção dos professores cooperantes.
6	Para melhorar tanto a Prática Pedagógica I como a Prática Pedagógica II deveriam aumentar o tempo de prática no 2.º semestre do 4.º ano e deveriam incentivar os professores cooperantes a realizarem mais momentos de reflexão connosco.
7	Penso que no 2.º ano do curso, deveria existir um tempo para a observação em situação de sala de aula. A Prática Pedagógica no 3.º ano deveria ter mais dias, pois um dia no 1.º semestre não é suficiente. Penso que no 4.º ano de curso deveriam ser os dois dias no 1.º semestre e os quatro dias no 2.º semestre, era mais enriquecedor para nós e para os alunos. Penso também, que cada grupo de estágio deveria passar pelo 1.º ano de escolaridade.
8	Penso que deveria ser reformulada a carga horária do 1.º e 2.º semestres do 4.º ano, no que diz respeito à Prática Pedagógica II.
9	Poderia ter havido mais momentos de reflexão e de crítica construtiva de parte dos cooperantes e dos supervisores da ESE.
10	Penso que o que poderia ser feito era ter mais critérios de escolha para os professores cooperantes, visto que alguns não são muito acessíveis nem disponíveis.
11	Podia haver uma melhor selecção dos professores cooperantes e um maior diálogo entre os estagiários e todos os intervenientes na Prática Pedagógica, de forma a facilitar o “crescimento” e a permitir maiores aprendizagens dos estagiários.
12	Alterar a carga horária, passando de 2 para 4 dias de Prática Pedagógica II, no 2.º semestre.
13	Como já referi, diminuir os grupos, aumentar as semanas de observação no início da Prática Pedagógica II, penso que uma semana é muito pouco, para se começar a dar aula na semana seguinte, distribuir as semanas de prática entre o 1.º semestre e o 2.º semestre de forma coerente.
14	A Prática Pedagógica I e II deveriam ter mais tempo de duração. Não deveríamos ter tantas horas semanais das outras disciplinas para que tivéssemos mais tempo para preparar as aulas.
15	Considero que deveria existir uma melhor selecção dos professores cooperantes.
16	A Prática Pedagógica II não deveria ser só de dois dias no 2.º semestre. Penso que faria mais sentido serem os dois dias no 1.º semestre e os quatro no 2.º semestre.
17	Um aspecto a melhorar seria fazer os professores das outras cadeiras tomarem consciência de que se demora muito tempo a preparar todos os materiais e documentos necessários à realização da Prática, de modo a que esses mesmos professores possam reduzir ou adequar a carga de trabalho que é pedida por cada um dos professores.
18	Formação do professor cooperante e acompanhamento do mesmo pelo professor supervisor da ESE.
19	Tomar em atenção os anos de escolaridade na distribuição das turmas pelos grupos. Isto porque, tanto na Prática Pedagógica I como na II fiquei com uma turma do 4.º ano, não experimentando outros anos escolares.
20	Penso que seria importante que nos dois anos de Prática fosse possível leccionar diferentes anos de escolaridade.
21	Prática Pedagógica I (1.º semestre) turma do 1.º ano do 1.º ciclo, (2.º semestre) turma do

	2.º ano do 1.º ciclo. Prática Pedagógica II (1.º semestre) 3.º ano do 1.º ciclo, (2.º semestre) 4.º ano do 1.º ciclo. Desta forma seria possível uma melhor percepção da realidade escolar do 1.º ciclo.
22	Conceder menor poder aos professores cooperantes e maior autonomia aos alunos.
23	Aumentar o tempo de observação e os diálogos/ <i>feedback</i> com os supervisores.
24	Na minha opinião considero que devia haver reuniões entre a professora cooperante, o orientador de estágio e também com os professores estagiários de modo a haver um acompanhamento mais personalizado. Penso que assim nós dificilmente podíamos cometer certos erros que à partida são tão óbvios.
25	Seleccionar os professores cooperantes.
26	Se durante a Prática Pedagógica não houvesse a preocupação com outras disciplinas, talvez fosse mais produtivo. Na Prática Pedagógica II sou da opinião que esta deveria ser única e que deveriam ser quatro dias de intervenção tanto no 1.º semestre como no 2.º semestre. Como no 2.º semestre são apenas dois dias de intervenção e os outros dias estão preenchidos com outras disciplinas existe pouco tempo para reflexão, especialmente com a professora cooperante, e seria mais produtivo e benéfico para nós se esta reflexão fosse igual à do 1.º semestre.
27	Mudar a minha postura, talvez o acompanhamento dos professores cooperantes, pois sentimos muito a falta de apoio deles.
28	Seria importante que as professoras cooperantes realizassem sempre uma reflexão com o grupo de estágio depois das aulas. A maior parte das vezes, estas pouco observam a intervenção das alunas e assim sendo como é que no fim da Prática Pedagógica estas podem atribuir uma classificação? As docentes deveriam preencher todos os dias uma tabela ou algo parecido que tenha a ver com a Prática desenvolvida pela aluna em questão.
29	Tornar obrigatória a reflexão pós-aula com o supervisor cooperante e o preenchimento semanal de uma avaliação acerca do desempenho. Além disso, promover reflexões semanais entre o formando, os colegas e os supervisores em reuniões previamente planeadas.
30	Deveria existir mais apoio e orientação por parte dos supervisores cooperantes aos alunos/futuros professores, para que vão aprendendo com os seus erros e melhorando o seu desempenho de uma forma mais eficaz.
31	Estabelecer relações mais honestas entre os supervisores e os estagiários.
32	Tudo o que faço mais tarde penso que poderia ter feito melhor, logo poderia ter melhorado um pouco de tudo.
33	Dar mais apoio a cada grupo na Prática Pedagógica, tanto ao nível da planificação como nas reflexões.
34	O maior acompanhamento do supervisor na escola da prática do formando, dadas as injustiças em termos de classificações.
35	Em primeiro lugar penso que deverá existir um grande cuidado na selecção dos supervisores cooperantes, pois por vezes não são os mais profissionais e os melhores modelos para os futuros professores. Em segundo lugar, considero que o supervisor da ESE deveria ser o mesmo quer na Prática Pedagógica I quer na Prática Pedagógica II, pois deste modo teria um conhecimento dos formandos muito mais alargado, podendo assim observar com muito mais rigor a evolução/mudanças dos mesmos.

O que poderia ser feito para melhorar tanto a Prática pedagógica I como a Prática Pedagógica II

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TRAÇOS CARACTERIZADORES	Unidades de Sentido	%
1. Organização da Prática Pedagógica	1.1. Estrutura	No 4.º ano do curso deveriam ser os dois dias de Prática Pedagógica no 1.º semestre e os quatro dias no 2.º semestre	5	7,14
		Deveria ser um período mais longo de Prática Pedagógica	6	10,71
		Deveria haver mais tempo de observação	4	7,14
		Os grupos deveriam ter menos elementos	1	1,79
		Deveria haver contacto com todos os anos de escolaridade	5	8,93
	1.2. Processo	O número de horas das outras aulas na ESE poderia ser reduzido durante a Prática Pedagógica	4	7,14
		Deveria ser feita uma melhor selecção das supervisoras cooperantes	8	14,29
		O supervisor cooperante deveria ter formação e ser acompanhado pelo supervisor da ESE	1	1,79
		Por vezes os supervisores cooperantes não são os mais profissionais e os melhores modelos para os futuros professores	1	1,79
	2. Processo de acompanhamento da Prática Pedagógica	2.1. Relacionamento entre supervisores e alunos/futuros professores	Às supervisoras cooperantes deveria ser concedido menos poder e aos alunos/futuros professores concedida maior autonomia.	1
Maior diálogo entre os estagiários e todos os intervenientes na Prática Pedagógica.			2	3,57
Estabelecer relações mais honestas entre os supervisores e os estagiários.			1	1,79
2.2. Acompanhamento da Prática Pedagógica		Maior cooperação quer do supervisor da ESE quer da supervisora cooperante.	1	1,79
		Cada grupo de Prática Pedagógica deveria receber mais apoio tanto ao nível da planificação como nas reflexões.	1	1,79
		Haver uma disciplina/acompanhamento de um docente especializado na colocação de voz	1	1,79
		Acompanhamento mais personalizado.	1	1,79
		Maior acompanhamento das supervisoras cooperantes, pois sente-se muito a falta do apoio delas.	2	3,57
		Maior observação da intervenção dos alunos/futuros professores.	1	1,79
		2.3. Reflexão	Poderia ter havido mais momentos de reflexão e de crítica construtiva por parte das supervisoras cooperantes e dos supervisores da ESE.	2
Maior tempo para reflexão, especialmente com a supervisora cooperante.			2	3,57
As supervisoras cooperantes deveriam realizar sempre uma reflexão com o grupo, depois das aulas			2	3,57
Promover reflexões semanais entre o aluno/futuro professor, os colegas e os supervisores, em reuniões previamente planeadas			1	1,79

	2.4. Avaliação	Os supervisores deveriam preencher todos os dias uma tabela, com o registo da observação da prática desenvolvida	1	1,79
		Realização semanal de uma avaliação acerca do desempenho dos alunos/futuros professores	1	1,79
		Deveria haver um maior acompanhamento do supervisor da ESE, nas escolas do 1.º Ciclo	1	1,79
TOTAL			56	100,00

ANEXO IX

Guião das Entrevistas – Quarto momento do estudo

GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: Representações dos alunos do 4.º ano do Curso do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da Prática Pedagógica.

Objectivo geral: Aprofundar/clarificar aspectos relativos às Representações que os alunos do 4.º ano do Curso de Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico possuem acerca da Prática Pedagógica.

Entrevistados: Três alunos do 4.º ano do Curso do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Determinação dos Blocos	Objectivos Específicos	Formulário de Questões	Obs
BLOCO A Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Motivar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Informar os entrevistados acerca do trabalho em curso. • Informar acerca do tema e do objectivo geral da entrevista. • Solicitar e agradecer a sua colaboração referindo a importância da mesma. • Assegurar a confidencialidade das informações e o anonimato dos entrevistados. • Solicitar autorização para gravar em áudio a entrevista. 	Tempo 5mn
BLOCO B Organização, realização e avaliação da Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as representações dos alunos em relação à organização, realização e avaliação da Prática Pedagógica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir aos entrevistados que caracterizem a Prática Pedagógica relativamente ao modo de: <ul style="list-style-type: none"> - organização (desenho, tempo...) - realização (pré-observação, observação e pós-observação) - avaliação (intervenientes, finalidades, estratégias, técnicas, instrumentos e momentos). 	Tempo 10mn

BLOCO C Aspectos problemáticos da Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os aspectos que os alunos em situação de Prática Pedagógica consideram problemáticos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir aos entrevistados que refiram os aspectos da Prática Pedagógica que consideram mais problemáticos, tendo por referência o ciclo da supervisão e o papel dos diferentes intervenientes (alunos, grupo de prática e supervisores). 	Tempo 10mn
BLOCO D Estratégias utilizadas para superar dificuldades sentidas	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as estratégias usadas para superar as dificuldades sentidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar que identifiquem algumas estratégias usadas para superar dificuldades sentidas em termos pessoais e interpessoais. 	Tempo 10mn
BLOCO E Reflexão sobre o ciclo de supervisão	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o processo de reflexão sobre os principais aspectos decorrentes do ciclo de supervisão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir aos entrevistados que refiram de que forma reflectem sobre os principais aspectos decorrentes do ciclo de supervisão e como os rentabilizam. 	Tempo 10mn
BLOCO F Efeitos da Prática Pedagógica no desenvolvimento pessoal e profissional	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer como os alunos representam os efeitos acerca dos efeitos da Prática Pedagógica no seu desenvolvimento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar que os entrevistados identifiquem os efeitos da Prática Pedagógica no seu desenvolvimento pessoal e profissional. 	Tempo 10mn
BLOCO G Motivos de satisfação e insatisfação face à realização da Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os motivos de satisfação e insatisfação dos alunos face à realização da Prática Pedagógica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir aos entrevistados que refiram quais os motivos de satisfação e/ou insatisfação face à realização da Prática Pedagógica, pedindo-lhes que os “justifiquem”. 	Tempo 10mn
BLOCO H Propostas de alteração da Prática Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os aspectos que poderiam ser melhorados na Prática Pedagógica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar aos entrevistados que refiram quais os aspectos que, em seu entender, poderiam ser melhorados na Prática Pedagógica. 	Tempo 5mn

ANEXO X

Protocolo da Entrevista E4

PROTOCOLO DA ENTREVISTA E4

Ent. - Eu sou aluna do curso de mestrado em supervisão e esta entrevista destina-se exclusivamente ao trabalho que vou desenvolver acerca da Prática Pedagógica. Todos os dados que forem recolhidos são confidenciais.

Ent. - De que forma está organizada a Prática Pedagógica?

Prot. - A Prática Pedagógica está organizada em Prática Pedagógica I, portanto, que é no 3.º ano, um dia no primeiro semestre, dois no segundo e no quarto ano, quatro dias no 1.º semestre e dois dias no segundo, apesar de ... acho que a maior parte dos alunos não concorda muito com esta distribuição porque deveria começar antes e deveria de ser mais... mais gradual. Até mesmo no 4.º ano, temos mais tempo, começámos ao contrário, o primeiro impacto são logo quatro dias e depois no segundo semestre em vez de aumentar, não, recua e temos cadeiras teóricas, deveria ser diferente.

Ent. – Considera que o período de observação de aulas é o necessário para o bom desempenho da Prática Pedagógica?

Prot. – Não, eu acho que.... que o tempo que nós levamos em observação são geralmente só as primeiras aulas e... e é pouco porque uma vez que vamos desenvolver um trabalho com a turma eu penso que deveria ser mais tempo. Em relação ao terceiro ano revelou-se suficiente mas no 4.º ano isto nota-se muito, porque este ano, nós a primeira semana que foi a semana que chegámos, que nos apresentámos, foram os únicos quatro dias que tivemos de observação. Na segunda semana já foi a leccionar e foi pouco tempo. Porque ...o que é que aconteceu, na segunda semana ainda nem sequer tínhamos memorizado o nome das crianças todas, o que para as crianças acaba por ser estranho.

Ent. – Acha que o tempo dedicado à Prática Pedagógica II é suficiente para uma boa preparação para o desempenho da profissão?

Prot. – O tempo todo somado sim, a distribuição não está feita da melhor forma, mas o tempo em si, penso que seja suficiente, sim.

Ent. – De que forma os alunos/futuros professores planificam e organizam a acção educativa?

Prot. – As nossas planificações são sempre realizadas a partir das orientações do professor cooperante da escola primária, nós planificamos e as nossas planificações são vistas pelo professor da escola primária e pelo nosso orientador da universidade. Geralmente sempre com uma semana de antecedência para dar tempo a possíveis alterações e para a preparação dos materiais, construção, etc..

Ent. – Como está estruturada a intervenção educativa com os alunos, ou seja, o período de observação da Prática Pedagógica?

Prot. – O período de observação, geralmente nós quando chegamos à Prática Pedagógica temos um período que observamos o trabalho da professora cooperante e depois acabamos por desenvolver mais ou menos de acordo com as estratégias que a professora utiliza ou pelo menos os métodos mais essenciais, vá lá.

Ent. – Mas de que forma é que depois os alunos/futuros professores, que é o vosso caso, estruturam a intervenção diária com os alunos?

Prot. – Nós fazemos uma planificação, de acordo com os conteúdos que nos são ditos, e de acordo com as competências a desenvolver, as nossas estratégias e actividades são avaliadas pelos professores orientadores e se os professores concordarem nós depois acabamos por pôr em prática no decorrer das aulas.

Ent. – E durante essa acção educativa são observados?

Prot. – Sim, a professora da turma, pois, está sempre presente, normalmente... ou raramente interfere, vá lá, mas está sempre presente na sala. O Professor da Universidade geralmente vai um bocadinho, costuma estar a assistir a partes das aulas, normalmente todas as aulas vai pelo menos uma parte.

Ent. – Em seu entender quem deve intervir na avaliação da Prática Pedagógica II?

Prot. – Pois, eu acho que quem avalia são os professores, o professor cooperante da escola do 1.º ciclo e o professor da Universidade, eu acho que a nossa própria autoavaliação deveria ter um peso maior porque afinal se nós reflectimos e se somos nós que a realizamos acho que também deveria ser levado em conta a nossa própria autoavaliação.

Ent. – Então deveria ser a supervisora cooperante, o supervisor da ESE e o próprio aluno? Acha que mais ninguém deveria intervir nesse processo?

Prot. – Acho... penso que em situação de prática que será suficiente.

Ent. – Em seu entender quais as finalidades da avaliação da Prática Pedagógica?

Prot. – Acho que o que acontece na realidade é que nós somos classificados com uma nota que facilitará ou não a nossa colocação depois a leccionar, no entanto teoricamente acho que isso diz muito pouco acerca do bom ou mau professor. Acho que as classificações são... acho que é difícil para quem avalia dissociar as suas próprias opiniões pessoais, acho que nem sempre as classificações correspondem ao verdadeiro valor do desempenho do futuro professor.

Ent. – Quais as estratégias, técnicas e instrumentos que deveriam ser utilizados na avaliação da Prática Pedagógica?

Prot. – Isso penso...penso que de alguma forma está adequada... acho que é a avaliação do nosso trabalho, a avaliação das estratégias que utilizámos, dos materiais que utilizámos, das metodologias de observação. Acho que essencialmente isto diz muita coisa aos professores. Observam como a prática decorre... enfim... se bem que também acho que de alguma forma acabamos sempre por ter um desempenho condicionado por ter a presença dos orientadores na sala. Seria ideal que no futuro pudessemos ter, vamos supor, uma câmara de filmar ou alguma coisa que registasse o nosso desempenho sem ter a presença lá, porque acho que isso conferia a quem avalia

uma perspectiva diferente e de alguma forma aliviava um pouco a tensão do estagiário que está a leccionar uma aula. Acho que seria interessante.

Ent. – Quais os momentos que considera mais adequados à Avaliação da Prática Pedagógica II?

Prot. – Acho que quando os orientadores estão os dois a avaliar, acho que deviam, se é que não o fazem, não sei, confrontar as suas próprias opiniões acerca do que se está a passar e acho que os momentos de reflexão pós-aula que nós temos com os orientadores, principalmente com o orientador da ESE, acho que são muito importantes, quer para o professor avaliar o que se passou segundo a nossa perspectiva quer para nós próprios nos avaliarmos àquilo que fizemos, se correu bem, se correu mal e porquê, aquela introspecção acho que é muito importante.

Ent. – Quais os aspectos da Prática Pedagógica que considera mais problemáticos?

Prot. – Eu penso, pelo menos da minha experiência, o que foi mais complicado foi mesmo o entendimento com a professora cooperante da escola do 1.º ciclo, porque pelo menos no nosso caso, no caso do meu grupo, é uma pessoa demasiado ditadora, impõe demasiado as suas próprias metodologias e dá-nos pouco espaço de manobra para experimentar as estratégias que nós ao longo destes anos na Universidade teoricamente aprendemos e queremos pôr em prática, novas metodologias, novas estratégias que muitas vezes nos são limitadas por imposição da professora cooperante e acho que isto pelo menos para mim foi um grande problema na prática.

Ent. – Para si foi o aspecto que considerou mais problemático?

Prot. – Foi mesmo o entendimento, do papel do professor orientador da escola do 1.º ciclo, acho que foi o pior para mim.

Ent. – E quais as estratégias que costuma utilizar para superar as dificuldades sentidas?

Prot. – Geralmente conversávamos sobre as estratégias a desenvolver, conversávamos mais sobre as planificações, tentar chegar a um acordo entre o que a professora

considerava aceitável ou correcto e o trabalho que eu gostaria de desenvolver com ele.... com os alunos...a as estratégias que eu gostaria de inovar e de experimentar, ver se funcionava, se não, como é que os alunos iriam reagir, se ficavam motivados, se desenvolviam as competências ou não, geralmente passava por aí.

Ent. – Em que momentos costuma reflectir com o supervisor da ESE e com a supervisora cooperante?

Prot. – Com o supervisor cooperante os momentos de reflexão eram sempre a seguir à aula ou por vezes durante o intervalo ou o período de almoço, falar um bocadinho sobre o que se passou. Com o supervisor da ESE, portanto quando o professor se deslocava lá ... a... também todas as semanas durante as aulas de seminário e à parte disso tínhamos as nossas reflexões escritas que fazíamos semanalmente e também fizemos no fim do 1.º semestre e depois uma final. Com o supervisor da ESE as reflexões foram muito mais frequentes e também muito mais proveitosas para os alunos porque apesar de tudo tinha uma perspectiva mais imparcial, pesava já os dois lados. As reflexões com o supervisor da ESE são geralmente as mais proveitosas porque o professor mantém uma postura mais imparcial e também porque consegue avaliar as duas perspectivas portanto já foi professor do 1.º ciclo muitos anos consegue entender melhor a perspectiva da professora cooperante e também entende as nossas porque afinal é o professor que nos acompanha na ESE antes e depois das aulas, acabamos por passar muito tempo com esse supervisor.

Ent. – Quem são os intervenientes nos encontros pós-observação?

Prot. – Sim... os dois supervisores... e nós deveríamos ter um género de uma reunião após as nossas intervenções na prática, uma reflexão conjunta, que raramente se verificou no decorrer deste ano, geralmente as nossas reflexões, em grupo, eram sempre o grupo da prática e o supervisor da ESE e também com os outros colegas das outras práticas para partilhar experiências, situações mas sempre só com o supervisor da ESE.

Ent. – Acha que os alunos do grupo ou da turma deveriam participar nesses encontros?

Prot. – Ah.... sim, os do grupo principalmente acho que é muito importante porque também são pessoas que estão presentes e que também vêm e que também têm uma

perspectiva pessoal e própria sobre o que se passou, acho que sim. Da turma... a... acho que há reflexões que fazem todo o sentido serem em grande grupo. No entanto sobre situações da prática que não viram e que não assistiram se calhar nem sempre, não quer dizer que não seja vantajoso, mas se calhar nem sempre será propriamente muito benéfico, acaba por não saber bem a situação.

Ent. – Quais os assuntos relacionados com a Prática Pedagógica que costuma tratar com a supervisora cooperante e com o Supervisor da ESE nos encontros pré-observação, portanto, antes da acção educativa?

Prot. – A... os assuntos geralmente são essencialmente o que se vai trabalhar nas aulas, portanto, é a preparação das aulas em si, escolha de estratégias, conteúdos, competências a desenvolver, materiais, tudo... normalmente é... os assuntos são quase sempre esses.

Ent. – Quais os aspectos que considera mais importantes nas reflexões produzidas nos encontros pós-observação?

Prot. – Acho essencialmente se os nossos objectivos foram ou não atingidos e o porquê, principalmente se alguma coisa funcionou mal, porque é que funcionou mal, porque acho que afinal de contas o sentido do ensino é isso mesmo é desenvolver as competências nos alunos portanto acho que o mais importante é saber se as estratégias funcionaram, portanto, se atingiram os objectivos ou não e o porquê, naturalmente.

Ent. – Considera que a Prática Pedagógica é uma boa preparação para o desempenho da profissão docente?

Prot. – Deveria ser mas acho que nem sempre o é porque acho que a nossa prática está muito dependente do professor cooperante do 1.º ciclo porque acabamos por ser demasiado... temos demasiadas imposições por parte dele e como gerir as nossas aulas logo isso dá-nos pouca autonomia, nós acabamos por descobrir pouco o que é que poderá ou não ser funcional porque temos pouco espaço de manobra, portanto acho que nem sempre.... poderá ser uma boa preparação mas nem sempre será a melhor ou a melhor possível, portanto, acho que poderia sempre ser diferente e melhor.

Ent. – Considera que os conhecimentos teóricos adquiridos na ESE preparam os alunos/futuros professores para um bom desempenho da Prática Pedagógica II?

Prot. – Alguns sim, acho que temos cadeiras demasiado teóricas com conceitos que nunca aplicámos e por outro lado acho que nos faltam cadeiras mais práticas de coisas que nos vão fazer falta e que nunca ninguém nos... nos apresenta, nunca ninguém nos põe, portanto, nós chegamos à prática e acabamos por deparar-nos com situações que temos que fazer preparação por nós próprios ou recorrer aos supervisores, principalmente ao supervisor da ESE, como é que eu vou gerir esta situação porque nunca tive nenhuma cadeira que abordasse esse tema.

Ent. – Como tem contribuído a Prática Pedagógica para o seu desenvolvimento pessoal e profissional?

Prot. – A nível pessoal acho que começo a conhecer as crianças com outros olhos, acho que nós subestimamos sempre a inteligência e as capacidades delas e acho que a cada dia que passa convenço-me mais disto, acho que foi a grande lição que tenho aprendido na prática. A... a nível profissional a... contribui na medida que nós sempre vamos confrontando com algumas situações, gestão de algumas situações com famílias, com a comunidade educativa, relações com... com outros colegas, com outros professores... a... a nível da sala de aula acho que também contribui mas penso que... que é a grande lacuna que deixam porque acho que poderíamos sempre fazer outro tipo de trabalho desenvolver outro tipo de trabalho, esse sim que contribuiria mais para o nosso desenvolvimento profissional.

Ent. – Como caracteriza o relacionamento estabelecido com a supervisora cooperante e o supervisor da ESE?

Prot. – O supervisor da ESE, no nosso caso, é um bom supervisor, é uma pessoa com uma grande abertura, é uma pessoa sempre pronta para nos ajudar com os nossos problemas. O supervisor cooperante do 1.º ciclo não é uma pessoa assim, é uma pessoa que é extremamente directiva, portanto, impõe demasiado as suas próprias opiniões, dá pouco espaço de manobra, é uma pessoa que não houve muito os nossos problemas portanto pensa demasiado no que considera correcto não dando espaço a novas ideias

portanto nem para ele... nem para a própria professora implementar nas suas aulas nem para nós e acho que isso é muito limitador, o mesmo não se verifica com o supervisor da ESE que é uma pessoa com uma grande abertura e que ouve sempre o que nós temos para dizer e os nossos receios, é uma pessoa sempre pronta a ajudar e que realmente se preocupa com o nosso desenvolvimento.

Ent. – Quais os aspectos da Prática Pedagógica que lhe têm dado mais motivos de satisfação?

Prot. – Acho que é mesmo a aprendizagem dos alunos, acho que... no meu caso a Prática Pedagógica foi num 1.º ano e acho que é muito bonito chegar ao fim do dia e saber que eles hoje conseguiram ler mais uma palavra, eles hoje conseguiram fazer mais uma situação problemática, acho que é muito gratificante ver a evolução e acho que... aqui no 1.º ano são saltos muito grandes de dia para dia e acho que é muito bonito saber que aquela criança hoje sabe mais qualquer coisa e eu contribui, eu não ensinei porque eles já sabem quase tudo, mas eu contribui, acho que isso é muito bonito.

Ent. – Quais os aspectos da Prática Pedagógica que lhe têm dado mais motivos de insatisfação?

Prot. – Ai... são mesmo as relações humanas, acho que... que a gestão com a professora cooperante do 1.º ciclo é muitas vezes muito complicada, é uma pessoa muito... obtusa por vezes, acho que isso tem sido... tem sido muito complicado.

Ent. – Quais as situações no âmbito da Prática Pedagógica que lhe têm causado mais ansiedade?

Prot. – Muitas vezes é abordar alguns conteúdos que não tenho bem a certeza como é que os alunos vão reagir se vão assimilar bem ou não, muitas vezes para abordar alguma situação nova acabo por preparar três ou quatro estratégias diferentes porque... por não saber muito bem se a primeira irá ou não funcionar e porque mesmo que funcione não vai chegar a todos os alunos porque eles têm aprendizagens diferentes, a pedagogia diferenciada por vezes também me causa algum receio em adequar... acho que passa muito por aí, adequar exactamente ao nível de aprendizagem deles, portanto acho que

passa um bocado por aí, a adequação das estratégias e das actividades aos alunos e saber se funcionarão bem ou não.

Ent. – Em seu entender o que poderia ser feito para melhorar a Prática Pedagógica I e II?

Prot. – Acho... em primeiro lugar a distribuição do tempo acho que devia estar estabelecida de uma outra maneira, a situação toda de Prática. Depois penso que a Prática I e a Prática II deveriam ser organizadas de forma a que um grupo não tivesse, portanto, na Prática I e na Prática II o mesmo ano lectivo, acho que era muito importante que os alunos passassem pelos quatro anos porque são estágios diferenciados e que isso faria todo o sentido porque houve grupos que tiveram nas duas práticas o mesmo ano, o trabalho desenvolvido acabou por ser semelhante não é que isto seja propriamente negativo mas penso que seria mais positivo se apanhasse um pouco dos quatro. Depois também penso que os professores cooperantes das escolas do 1.º ciclo são pessoas demasiado directivas e que impõem demasiado as suas próprias ideias. Eu acho que esse poder deveria de alguma forma ser-lhes retirado, vá lá, portanto, deveria ser delegada uma maior autonomia aos estagiários para que eles próprios pudessem desenvolver um melhor trabalho, eu acho que isso seria benéfico quer para o trabalho desempenhado pelos estagiários e mesmo para a aprendizagem dos alunos, porque acho que por vezes é benéfico a utilização de estratégias diversificadas porque o que hoje não funciona desta forma de outra forma poderá funcionar e sem tentar nós nunca saberemos.

Ent. – Muito obrigada pela sua colaboração.

ANEXO XI

Primeiro tratamento da Entrevista E4

1.º TRATAMENTO DA ENTREVISTA E4

[*Organização da Prática Pedagógica*] A Prática Pedagógica está organizada em Prática Pedagógica I, portanto, que é no 3.º ano, um dia no primeiro semestre, dois no segundo e no quarto ano, quatro dias no primeiro semestre e dois dias no segundo (...) a maior parte dos alunos não concorda muito com esta distribuição (...) começámos ao contrário, o primeiro impacto são logo quatro dias e depois no segundo semestre em vez de aumentar, não, recua e temos cadeiras teóricas (...)

[*Período de observação*] (...) o tempo que nós levamos em observações são geralmente só as primeiras aulas (...) é pouco porque uma vez que vamos desenvolver um trabalho com a turma eu penso que deveria ser mais tempo. Em relação ao terceiro ano revelou-se suficiente mas no 4.º ano (...) nós a primeira semana que foi a semana que chegámos, que nos apresentámos, foram os únicos quatro dias que tivemos de observação. (...)

[*Tempo dedicado à Prática Pedagógica*] O tempo todo somado sim, a distribuição não está feita da melhor forma, mas o tempo em si, penso que seja suficiente (...)

[*Planificação e organização da acção educativa*] As nossas planificações são sempre realizadas a partir das orientações do professor cooperante (...) nós planificamos e as nossas planificações são vistas pelo professor da escola primária e pelo nosso orientador da universidade. Geralmente sempre com uma semana de antecedência para dar tempo a possíveis alterações e para a preparação dos materiais, construção, etc..

[*Estruturação da intervenção educativa com os alunos*] (...) quando chegamos à Prática Pedagógica temos um período que observamos o trabalho da professora cooperante e depois acabamos por desenvolver [a prática Pedagógica] mais ou menos de acordo com as estratégias que a professora utiliza ou pelo menos os métodos mais essenciais (...)

Nós fazemos uma planificação, de acordo com os conteúdos que nos são ditos, e de acordo com as competências a desenvolver, as nossas estratégias e actividades são avaliadas pelos professores orientadores e se os professores concordarem nós depois acabamos por pôr em prática no decorrer das aulas.

(...) a professora da turma , pois, está sempre presente, normalmente... ou raramente interfere (...) mas está sempre presente na sala. O Professor da Universidade geralmente vai um bocadinho, costuma estar a assistir a partes das aulas, normalmente todas as aulas vai pelo menos uma parte.

[*Intervenientes na avaliação da Prática Pedagógica II*] (...) quem avalia são os professores, o professor cooperante da escola do 1.º ciclo e o professor da Universidade, (...) a nossa própria autoavaliação deveria ter um peso maior porque afinal se nós reflectimos e se somos nós que a realizamos acho que também deveria ser levado em conta a nossa própria autoavaliação.

[*Finalidades da avaliação da Prática Pedagógica*] (...) nós somos classificados com uma nota que facilitará ou não a nossa colocação depois a leccionar (...) teoricamente acho que isso diz muito pouco acerca do bom ou mau professor. (...) é difícil para quem avalia dissociar as suas próprias opiniões pessoais, acho que nem sempre as classificações correspondem ao verdadeiro valor do desempenho do futuro professor.

[*Estratégias, técnicas e instrumentos que deveriam ser utilizados na avaliação da Prática Pedagógica*] (...) é a avaliação do nosso trabalho, a avaliação das estratégias que utilizámos, dos materiais que utilizámos, das metodologias de observação. (...) Observam como a prática decorre (...) de alguma forma acabamos sempre por ter um desempenho condicionado por ter a presença dos orientadores na sala. Seria ideal que no futuro pudessemos ter, vamos supor, uma câmara de filmar ou alguma coisa que registasse o nosso desempenho sem ter a presença lá, porque acho que isso conferia a quem avalia uma perspectiva diferente e de alguma forma aliviava um pouco a tensão do estagiário que está a leccionar uma aula (...)

[*Momentos mais adequados à Avaliação da Prática Pedagógica II*] (...) quando os orientadores estão os dois a avaliar, acho que deviam (...) confrontar as suas próprias opiniões acerca do que se está a passar (...) os momentos de reflexão pós-aula que nós temos com os orientadores, principalmente com o orientador da ESE, acho que são muito importantes, quer para o professor avaliar o que se passou segundo a nossa perspectiva quer para nós próprios nos avaliarmos àquilo que fizemos (...) aquela introspecção acho que é muito importante.

[*Aspectos da Prática Pedagógica mais problemáticos*] (...) o que foi mais complicado foi mesmo o entendimento com a professora cooperante da escola do 1.º ciclo (...) no caso do meu grupo, é uma pessoa demasiado ditadora, impõe demasiado as suas próprias metodologias e dá-nos pouco espaço de manobra para experimentar as estratégias que nós ao longo destes anos na Universidade teoricamente aprendemos e queremos pôr em prática, novas metodologias, novas estratégias que muitas vezes nos são limitadas por imposição da professora cooperante e acho que isto pelo menos para mim foi um grande problema na prática.

[*Estratégias utilizadas para superar dificuldades sentidas*] Geralmente conversávamos sobre as estratégias a desenvolver, conversávamos mais sobre as planificações, tentar chegar a um acordo entre o que a professora considerava aceitável ou correcto e o trabalho que eu gostaria de desenvolver (...) com os alunos (...) as estratégias que eu gostaria de inovar e de experimentar, ver se funcionava, se não, como é que os alunos iriam reagir, se ficavam motivados, se desenvolviam as competências ou não (...)

[*Momentos de reflexão com o supervisor da ESE e com a supervisora cooperante*] Com o supervisor cooperante os momentos de reflexão eram sempre a seguir à aula ou por vezes durante o intervalo ou o período de almoço, falar um bocadinho sobre o que se passou. Com o supervisor da ESE, portanto quando o professor se deslocava lá (...) também todas as semanas durante as aulas de seminário (...) tínhamos as nossas reflexões escritas que fazíamos semanalmente e também fizemos no fim do 1.º semestre e depois uma final. Com o supervisor da ESE as reflexões foram muito mais frequentes e também muito mais proveitosas para os alunos porque apesar de tudo tinha uma perspectiva mais imparcial (...) consegue avaliar as duas perspectivas (...) já foi professor do 1.º ciclo muitos anos consegue entender melhor a perspectiva da professora cooperante e também entende as nossas (...) é o professor que nos acompanha na ESE antes e depois das aulas, acabamos por passar muito tempo com esse supervisor.

[*Intervenientes nos encontros pós-observação*] (...) os dois supervisores... e nós deveríamos ter um género de uma reunião após as nossas intervenções na prática, uma reflexão conjunta, que raramente se verificou no decorrer deste ano, geralmente as nossas reflexões, em grupo, eram sempre o grupo da prática e o supervisor da ESE e

também com os outros colegas das outras práticas para partilhar experiências, situações mas sempre só com o supervisor da ESE.

(...) os [colegas] do grupo (...) são pessoas que estão presentes e que também vêm e que também têm uma perspectiva pessoal e própria sobre o que se passou (...) há reflexões que fazem todo o sentido serem em grande grupo. No entanto sobre situações da prática que não viram e que não assistiram se calhar (...) nem sempre será propriamente muito benéfico (...)

[Assuntos relacionados com a Prática Pedagógica que costuma tratar com a supervisora cooperante e com o Supervisor da ESE, nos encontros Pré-observação]
(...) os assuntos geralmente são essencialmente o que se vai trabalhar nas aulas (...) é a preparação das aulas em si, escolha de estratégias, conteúdos, competências a desenvolver, materiais, tudo... (...)

[Aspectos mais importantes nas reflexões produzidas nos encontros pós-observação]
(...) essencialmente se os nossos objectivos foram ou não atingidos e o porquê (...) o sentido do ensino é isso mesmo é desenvolver as competências nos alunos(...) o mais importante é saber se as estratégias funcionaram, portanto, se atingiram os objectivos ou não e o porquê (...)

[A Prática Pedagógica como uma boa preparação para o desempenho da profissão docente] Deveria ser mas acho que nem sempre o é (...) a nossa prática está muito dependente do professor cooperante do 1.º ciclo (...) temos demasiadas imposições por parte dele e como gerir as nossas aulas logo isso dá-nos pouca autonomia, nós acabamos por descobrir pouco o que é que poderá ou não ser funcional porque temos pouco espaço de manobra (...) poderia sempre ser diferente e melhor.

[Saber se os conhecimentos teóricos adquiridos na ESE preparam os alunos/futuros professores para um bom desempenho da Prática Pedagógica II] Alguns sim (...) temos cadeiras demasiado teóricas com conceitos que nunca aplicámos e por outro lado acho que nos faltam cadeiras mais práticas de coisas que nos vão fazer falta e que nunca ninguém nos... nos apresenta (...) nós chegamos à prática e acabamos por deparar-nos com situações que temos que fazer preparação por nós próprios ou recorrer aos

supervisores, principalmente ao supervisor da ESE (...) porque nunca tive nenhuma cadeira que abordasse esse tema.

[Contribuição da Prática Pedagógica para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos/futuros professores] A nível pessoal acho que começo a conhecer as crianças com outros olhos, acho que nós subestimamos sempre a inteligência e as capacidades delas (...) foi a grande lição que tenho aprendido na prática. (...) a nível profissional a... contribui na medida que nós sempre vamos confrontando com algumas situações, gestão de algumas situações com famílias, com a comunidade educativa, relações com... com outros colegas, com outros professores (...) a nível da sala de aula (...) é a grande lacuna que deixam porque acho que poderíamos sempre fazer outro tipo de trabalho (...) que contribuiria mais para o nosso desenvolvimento profissional.

[Relacionamento estabelecido com a supervisora cooperante e o supervisor da ESE] O supervisor da ESE, no nosso caso, é um bom supervisor, é uma pessoa com uma grande abertura, é uma pessoa sempre pronta para nos ajudar com os nossos problemas. O supervisor cooperante do 1.º ciclo não é uma pessoa assim, é uma pessoa que é extremamente directiva, portanto, impõe demasiado as suas próprias opiniões, dá pouco espaço de manobra, é uma pessoa que não houve muito os nossos problemas portanto pensa demasiado no que considera correcto não dando espaço a novas ideias (...) nem para a própria professora implementar nas suas aulas nem para nós e acho que isso é muito limitador, o mesmo não se verifica com o supervisor da ESE que é uma pessoa com uma grande abertura e que ouve sempre o que nós temos para dizer e os nossos receios, é uma pessoa sempre pronta a ajudar e que realmente se preocupa com o nosso desenvolvimento.

[Aspectos da Prática Pedagógica que têm dado mais motivos de satisfação] (...) é mesmo a aprendizagem dos alunos (...) é muito bonito chegar ao fim do dia e saber que eles [alunos do 1.º ciclo] hoje conseguiram ler mais uma palavra, eles hoje conseguiram fazer mais uma situação problemática, acho que é muito gratificante ver a evolução (...) é muito bonito saber que aquela criança hoje sabe mais qualquer coisa e eu contribui, eu não ensinei porque eles já sabem quase tudo, mas eu contribui, acho que isso é muito bonito.

[*Aspectos da Prática Pedagógica que têm dado mais motivos de insatisfação*] (...) são mesmo as relações humanas (...) a gestão com a professora cooperante do 1.º ciclo é muitas vezes muito complicada (...)

[*Situações no âmbito da Prática Pedagógica que têm causado mais ansiedade aos alunos futuros/professores*] Muitas vezes é abordar alguns conteúdos que não tenho bem a certeza como é que os alunos vão reagir se vão assimilar bem ou não, muitas vezes para abordar alguma situação nova acabo por preparar três ou quatro estratégias diferentes (...) por não saber muito bem se a primeira irá ou não funcionar e porque mesmo que funcione não vai chegar a todos os alunos porque eles têm aprendizagens diferentes, a pedagogia diferenciada por vezes também me causa algum receio (...) e a adequação das estratégias e das actividades aos alunos e saber se funcionarão bem ou não.

[*Saber o que poderia ser feito para melhorar a Prática Pedagógica I e II*] (...) a distribuição do tempo (...) a Prática I e a Prática II deveriam ser organizadas de forma a que um grupo não tivesse, portanto, na Prática I e na Prática II o mesmo ano lectivo, acho que era muito importante que os alunos passassem pelos quatro anos porque são estágios diferenciados e que isso faria todo o sentido porque houve grupos que tiveram nas duas práticas o mesmo ano, o trabalho desenvolvido acabou por ser semelhante (...) seria mais positivo se apanhasse um pouco dos quatro [anos de escolaridade do 1.º ciclo] (...) os professores cooperantes das escolas do 1.º ciclo são pessoas demasiado directivas e que impõem demasiado as suas próprias ideias. Eu acho que esse poder deveria de alguma forma ser-lhes retirado (...) deveria ser delegada uma maior autonomia aos estagiários para que eles próprios pudessem desenvolver um melhor trabalho (...) por vezes é benéfico a utilização de estratégias diversificadas porque o que hoje não funciona desta forma de outra forma poderá funcionar e sem tentar nós nunca saberemos.

ANEXO XII

Pré-categorização da Entrevista E4

PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA E4

1. [*Organização da Prática Pedagógica*] A Prática Pedagógica está organizada em Prática Pedagógica I, portanto, que é no 3.º ano, um dia no primeiro semestre, dois no segundo (...)
2. (...) no quarto ano, quatro dias no 1.º semestre e dois dias no segundo (...)
3. (...) a maior parte dos alunos não concorda muito com esta distribuição (...)
4. (...) começámos ao contrário, o primeiro impacto são logo quatro dias e depois no segundo semestre em vez de aumentar, não, recua (...)
5. (...) e temos cadeiras teóricas (...)
6. [*Período de observação*] (...) o tempo que nós levamos em observações são geralmente só as primeiras aulas (...)
7. (...) é pouco porque uma vez que vamos desenvolver um trabalho com a turma eu penso que deveria ser mais tempo.
8. (...) Em relação ao terceiro ano revelou-se suficiente mas no 4.º ano (...) nós a primeira semana que foi a semana que chegámos, que nos apresentámos, foram os únicos quatro dias que tivemos de observação. (...)
9. [*Tempo dedicado à Prática Pedagógica*] O tempo todo somado sim (...)
10. (...) a distribuição não está feita da melhor forma (...)
11. (...) mas o tempo em si, penso que seja suficiente (...)
12. [*Planificação e organização da acção educativa*] As nossas planificações são sempre realizadas a partir das orientações do professor cooperante (...)

13. (...) nós planejamos e as nossas planificações são vistas pelo professor da escola primária e pelo nosso orientador da universidade. Geralmente sempre com uma semana de antecedência para dar tempo a possíveis alterações e para a preparação dos materiais, construção, etc..

14. [*Estruturação da intervenção educativa com os alunos*] (...) quando chegamos à Prática Pedagógica temos um período que observamos o trabalho da professora cooperante (...)

15. (...) depois acabamos por desenvolver [a prática Pedagógica] mais ou menos de acordo com as estratégias que a professora utiliza ou pelo menos os métodos mais essenciais (...)

16. (...) Nós fazemos uma planificação, de acordo com os conteúdos que nos são ditos, e de acordo com as competências a desenvolver (...)

17. (...) as nossas estratégias e actividades são avaliadas pelos professores orientadores e se os professores concordarem nós depois acabamos por pôr em prática no decorrer das aulas. (...)

18. (...) a professora da turma, pois, está sempre presente, normalmente... ou raramente interfere (...) mas está sempre presente na sala. (...)

19. (...) O Professor da Universidade geralmente vai um bocadinho, costuma estar a assistir a partes das aulas, normalmente todas as aulas vai pelo menos uma parte. (...)

20. [*Intervenientes na avaliação da Prática Pedagógica II*] (...) quem avalia são os professores, o professor cooperante da escola do 1.º ciclo e o professor da Universidade, (...)

21. (...) a nossa própria autoavaliação deveria ter um peso maior porque afinal se nós reflectimos e se somos nós que a realizamos acho que também deveria ser levado em conta a nossa própria autoavaliação. (...)

22. [*Finalidades da avaliação da Prática Pedagógica*] (...) nós somos classificados com uma nota que facilitará ou não a nossa colocação depois a leccionar (...)

23. (...) teoricamente acho que isso diz muito pouco acerca do bom ou mau professor. (...)

24. (...) é difícil para quem avalia dissociar as suas próprias opiniões pessoais, acho que nem sempre as classificações correspondem ao verdadeiro valor do desempenho do futuro professor. (...)

25. [*Estratégias, técnicas e instrumentos que deveriam ser utilizados na avaliação da Prática Pedagógica*] (...) é a avaliação do nosso trabalho, a avaliação das estratégias que utilizámos, dos materiais que utilizámos, das metodologias de observação. (...)

26. (...) Observam como a prática decorre

27. (...) de alguma forma acabamos sempre por ter um desempenho condicionado por ter a presença dos orientadores na sala. (...)

28. (...) Seria ideal que no futuro pudéssemos ter, vamos supor, uma câmara de filmar ou alguma coisa que registasse o nosso desempenho sem ter a presença lá, porque acho que isso conferia a quem avalia uma perspectiva diferente e de alguma forma aliviava um pouco a tensão do estagiário que está a leccionar uma aula (...)

29. [*Momentos mais adequados à Avaliação da Prática Pedagógica II*] (...) quando os orientadores estão os dois a avaliar, acho que deviam (...) confrontar as suas próprias opiniões acerca do que se está a passar (...)

30. (...) os momentos de reflexão pós-aula que nós temos com os orientadores, principalmente com o orientador da ESE, acho que são muito importantes, quer para o professor avaliar o que se passou segundo a nossa perspectiva quer para nós próprios nos avaliarmos àquilo que fizemos (...) aquela introspecção acho que é muito importante.

31. [*Aspectos da Prática Pedagógica mais problemáticos*] (...) o que foi mais complicado foi mesmo o entendimento com a professora cooperante da escola do 1.º ciclo (...)

32. (...) no caso do meu grupo, é uma pessoa demasiado ditadora, impõe demasiado as suas próprias metodologias (...)

33. (...) dá-nos pouco espaço de manobra para experimentar as estratégias que nós ao longo destes anos na Universidade teoricamente aprendemos e queremos pôr em prática, novas metodologias, novas estratégias que muitas vezes nos são limitadas por imposição da professora cooperante e acho que isto pelo menos para mim foi um grande problema na prática. (...)

34. [*Estratégias utilizadas para superar dificuldades sentidas*] Geralmente conversávamos sobre as estratégias a desenvolver (...)

35. (...) conversávamos mais sobre as planificações, tentar chegar a um acordo entre o que a professora considerava aceitável ou correcto e o trabalho que eu gostaria de desenvolver (...) com os alunos (...) as estratégias que eu gostaria de inovar e de experimentar, ver se funcionava, se não, como é que os alunos iriam reagir, se ficavam motivados, se desenvolviam as competências ou não (...)

36. [*Momentos de reflexão com o supervisor da ESE e com a supervisora cooperante*] Com o supervisor cooperante os momentos de reflexão eram sempre a seguir à aula ou por vezes durante o intervalo ou o período de almoço, falar um bocadinho sobre o que se passou. (...)

37. (...) Com o supervisor da ESE, portanto quando o professor se deslocava lá (...)

38. (...) também todas as semanas durante as aulas de seminário (...)

39. (...) tínhamos as nossas reflexões escritas que fazíamos semanalmente (...)

40. (...) e também fizemos no fim do 1.º semestre (...)

41. (...) e depois uma final.
42. (...) Com o supervisor da ESE as reflexões foram muito mais frequentes e também muito mais proveitosas para os alunos porque apesar de tudo tinha uma perspectiva mais imparcial (...)
43. (...) [supervisor da ESE] consegue avaliar as duas perspectivas (...) já foi professor do 1.º ciclo muitos anos consegue entender melhor a perspectiva da professora cooperante e também entende as nossas (...)
44. (...) é o professor que nos acompanha na ESE antes e depois das aulas, acabamos por passar muito tempo com esse supervisor.
45. [*Intervenientes nos encontros pós-observação*] (...) os dois supervisores... e nós deveríamos ter um género de uma reunião após as nossas intervenções na prática, uma reflexão conjunta, que raramente se verificou no decorrer deste ano (...)
46. (...) geralmente as nossas reflexões, em grupo, eram sempre o grupo da prática e o supervisor da ESE e também com os outros colegas das outras práticas para partilhar experiências, situações mas sempre só com o supervisor da ESE. (...)
47. (...) os [colegas] do grupo (...) são pessoas que estão presentes e que também vêm e que também têm uma perspectiva pessoal e própria sobre o que se passou (...)
48. (...) há reflexões que fazem todo o sentido serem em grande grupo. (...)
49. (...) No entanto sobre situações da prática que não viram e que não assistiram se calhar (...) nem sempre será propriamente muito benéfico (...)
50. [*Assuntos relacionados com a Prática Pedagógica que costuma tratar com a supervisora cooperante e com o supervisor da ESE nos encontros pré-observação*] (...) os assuntos geralmente são essencialmente o que se vai trabalhar nas aulas (...)

51. (...) é a preparação das aulas em si, escolha de estratégias, conteúdos, competências a desenvolver, materiais, tudo... (...)

52. [*Aspectos mais importantes nas reflexões produzidas nos encontros pós-observação*] (...) essencialmente se os nossos objectivos foram ou não atingidos e o porquê (...)

53. (...) o sentido do ensino é isso mesmo é desenvolver as competências nos alunos (...)

54. (...) o mais importante é saber se as estratégias funcionaram, portanto, se atingiram os objectivos ou não e o porquê (...)

55. [*A Prática Pedagógica como uma boa preparação para o desempenho da profissão docente*] Deveria ser mas acho que nem sempre o é (...)

56. (...) a nossa prática está muito dependente do professor cooperante do 1.º ciclo (...)

57. (...) temos demasiadas imposições por parte dele [supervisor cooperante] e como gerir as nossas aulas logo isso dá-nos pouca autonomia, nós acabamos por descobrir pouco o que é que poderá ou não ser funcional porque temos pouco espaço de manobra (...)

58.(...) poderia sempre ser diferente e melhor.

59. [*Saber se os conhecimentos teóricos adquiridos na ESE preparam os alunos/futuros professores para um bom desempenho da Prática Pedagógica II*] Alguns sim (...)

60. (...) temos cadeiras demasiado teóricas com conceitos que nunca aplicámos (...)

61. (...) e por outro lado acho que nos faltam cadeiras mais práticas de coisas que nos vão fazer falta e que nunca ninguém nos... nos apresenta (...)

62. (...) nós chegamos à prática e acabamos por deparar-nos com situações que temos que fazer preparação por nós próprios ou recorrer aos supervisores, principalmente ao supervisor da ESE (...) porque nunca tive nenhuma cadeira que abordasse esse tema.

63. [*Contribuição da Prática Pedagógica para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos/futuros professores*] A nível pessoal acho que começo a conhecer as crianças com outros olhos, acho que nós subestimamos sempre a inteligência e as capacidades delas (...) foi a grande lição que tenho aprendido na prática. (...)

64. (...) a nível profissional a... contribui na medida que nós sempre vamos confrontando com algumas situações, gestão de algumas situações com famílias, com a comunidade educativa, relações com... com outros colegas, com outros professores (...)

65. (...) a nível da sala de aula (...) é a grande lacuna que deixam porque acho que poderíamos sempre fazer outro tipo de trabalho (...) que contribuiria mais para o nosso desenvolvimento profissional. (...)

66. [*Relacionamento estabelecido com a supervisora cooperante e o supervisor da ESE*] O supervisor da ESE, no nosso caso, é um bom supervisor, é uma pessoa com uma grande abertura, é uma pessoa sempre pronta para nos ajudar com os nossos problemas. (...)

67. (...) O supervisor cooperante do 1.º ciclo não é uma pessoa assim, é uma pessoa que é extremamente directiva, portanto, impõe demasiado as suas próprias opiniões, dá pouco espaço de manobra (...)

68. (...) é uma pessoa que não houve muito os nossos problemas (...)

69. (...) portanto pensa demasiado no que considera correcto não dando espaço a novas ideias (...) nem para a própria professora implementar nas suas aulas nem para nós e acho que isso é muito limitador (...)

70. (...) o mesmo não se verifica com o supervisor da ESE que é uma pessoa com uma grande abertura e que ouve sempre o que nós temos para dizer e os nossos receios (...)

71. (...) é uma pessoa sempre pronta a ajudar (...)

72. (...) e que realmente se preocupa com o nosso desenvolvimento. (...)

73. [*Aspectos da Prática Pedagógica que têm dado mais motivos de satisfação*] (...) é mesmo a aprendizagem dos alunos (...)

74. (...) é muito bonito chegar ao fim do dia e saber que eles [alunos do 1.º ciclo] hoje conseguiram ler mais uma palavra, eles hoje conseguiram fazer mais uma situação problemática, acho que é muito gratificante ver a evolução (...)

75. (...) é muito bonito saber que aquela criança hoje sabe mais qualquer coisa e eu contribuí, eu não ensinei porque eles já sabem quase tudo, mas eu contribuí, acho que isso é muito bonito. (...)

76. [*Aspectos da Prática Pedagógica que têm dado mais motivos de insatisfação*] (...) são mesmo as relações humanas (...)

77. (...) a gestão com a professora cooperante do 1.º ciclo é muitas vezes muito complicada (...)

78. [*Situações no âmbito da Prática Pedagógica que têm causado mais ansiedade aos alunos futuros/professores*] Muitas vezes é abordar alguns conteúdos que não tenho bem a certeza como é que os alunos vão reagir se vão assimilar bem ou não, muitas vezes para abordar alguma situação nova acabo por preparar três ou quatro estratégias diferentes (...) por não saber muito bem se a primeira irá ou não funcionar e porque mesmo que funcione não vai chegar a todos os alunos porque eles têm aprendizagens diferentes (...)

79. (...) a pedagogia diferenciada por vezes também me causa algum receio (...) e a adequação das estratégias e das actividades aos alunos e saber se funcionarão bem ou não. (...)

80. [*Saber o que poderia ser feito para melhorar a Prática Pedagógica I e II*] (...) a distribuição do tempo (...)

81. (...) a Prática I e a Prática II deveriam ser organizadas de forma a que um grupo não tivesse, portanto, na Prática I e na Prática II o mesmo ano lectivo, acho que era muito importante que os alunos passassem pelos quatro anos porque são estágios diferenciados e que isso faria todo o sentido porque houve grupos que tiveram nas duas práticas o mesmo ano, o trabalho desenvolvido acabou por ser semelhante (...)

82. (...) seria mais positivo se apanhasse um pouco dos quatro [anos de escolaridade do 1.º ciclo] (...)

83. (...) os professores cooperantes das escolas do 1.º ciclo são pessoas demasiado directivas e que impõem demasiado as suas próprias ideias. (...)

84. (...) Eu acho que esse poder deveria de alguma forma ser-lhes retirado (...)

85. (...) deveria ser delegada uma maior autonomia aos estagiários para que eles próprios pudessem desenvolver um melhor trabalho (...)

86. (...) por vezes é benéfico a utilização de estratégias diversificadas porque o que hoje não funciona desta forma de outra forma poderá funcionar e sem tentar nós nunca saberemos. (...)

ANEXO XIII

Categorização da informação - Entrevista E4

**GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO
(ENTREVISTA E4)**

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
1. Organização da Prática Pedagógica	1.1. Estrutura		(...) A Prática Pedagógica está organizada em Prática Pedagógica I, portanto, que é no 3.º ano, um dia no primeiro semestre, dois no segundo (...) (1) (...) no quarto ano, quatro dias no 1.º semestre e dois dias no segundo (...) (2) (...) e temos cadeiras teóricas (...) (5)
	1.2. Processo		(...) o tempo que nós levamos em observações são geralmente só as primeiras aulas (...) (6) (...) quando chegamos à Prática Pedagógica temos um período que observamos o trabalho da professora cooperante (...) (14) (...) depois acabamos por desenvolver [a prática Pedagógica] mais ou menos de acordo com as estratégias que a professora utiliza ou pelo menos os métodos mais essenciais (...) (15) (...) O Professor da Universidade geralmente vai um bocadinho, costuma estar a assistir a partes das aulas, normalmente todas as aulas vai pelo menos uma parte. (...) (19)
	1.3. Apreciação crítica	1.3.1. Do Processo	(...) a maior parte dos alunos não concorda muito com esta distribuição (...) (3) (...) começámos ao contrário, o primeiro impacto são logo quatro dias e depois no segundo semestre em vez de aumentar, não, recua (...) (4) (...) é pouco porque uma vez que vamos desenvolver um trabalho com a turma eu penso que deveria ser mais tempo (...) (7) (...) O tempo todo somado sim (...) (9) (...) a distribuição não está feita da melhor forma (...) (10) (...) mas o tempo em si, penso que seja suficiente (...) (11) (...) Em relação ao terceiro ano revelou-se suficiente mas no 4.º ano (...) nós a primeira semana que foi a semana que chegámos, que nos apresentámos, foram os únicos quatro dias que tivemos de observação. (...) (8) (...) Deveria ser mas acho que nem sempre o é (...) (55) (...) poderia sempre ser diferente e melhor (...) (58) (...) Alguns sim (...) (59) (...) temos cadeiras demasiado teóricas com conceitos que nunca aplicámos (...) (60) (...) e por outro lado acho que nos faltam cadeiras mais práticas de coisas que nos vão fazer falta e que nunca ninguém nos... nos apresenta (...) (61) (...) nós chegamos à prática e acabamos por deparar-nos com situações que temos que fazer preparação por nós próprios ou recorrer aos supervisores, principalmente ao supervisor da ESE (...) porque nunca tive nenhuma cadeira que abordasse esse tema (...) (62)

		1.3.2. Da supervisora Cooperante	<p>(...) a professora da turma, pois, está sempre presente, normalmente... ou raramente interfere (...) mas está sempre presente na sala. (...) (18)</p> <p>(...) a nossa prática está muito dependente do professor cooperante do 1.º ciclo (...) (56)</p> <p>(...) temos demasiadas imposições por parte dele [supervisor cooperante] e como gerir as nossas aulas logo isso dá-nos pouca autonomia, nós acabamos por descobrir pouco o que é que poderá ou não ser funcional porque temos pouco espaço de manobra (...) (57)</p>
2. Ciclo de supervisão	2.1. Pré-observação/ planificação		<p>(...) As nossas planificações são sempre realizadas a partir das orientações do professor cooperante (...) (12)</p> <p>(...) nós planificamos e as nossas planificações são vistas pelo professor da escola primária e pelo nosso orientador da universidade. Geralmente sempre com uma semana de antecedência para dar tempo a possíveis alterações e para a preparação dos materiais, construção, etc.. (...) (13)</p> <p>(...) Nós fazemos uma planificação, de acordo com os conteúdos que nos são ditos, e de acordo com as competências a desenvolver (...) (16)</p> <p>(...) as nossas estratégias e actividades são avaliadas pelos professores orientadores e se os professores concordarem nós depois acabamos por pôr em prática no decorrer das aulas. (...) (17)</p>
		2.2. Pós-observação	2.2.1. Reflexão com a supervisora cooperante
		2.2.2. Reflexão com o supervisor da ESE	<p>(...) Com o supervisor da ESE, portanto quando o professor se deslocava lá (...) (37)</p> <p>(...) também todas as semanas durante as aulas de seminário (...) (38)</p> <p>(...) tínhamos as nossas reflexões escritas que fazíamos semanalmente (...) (39)</p> <p>(...) e também fizemos no fim do 1.º semestre (...) (40)</p> <p>(...) e depois uma final. (...) (41)</p> <p>(...) Com o supervisor da ESE as reflexões foram muito mais frequentes e também muito mais proveitosas para os alunos porque apesar de tudo tinha uma perspectiva mais imparcial (...) (42)</p> <p>(...) geralmente as nossas reflexões, em grupo, eram sempre com o grupo da prática e o supervisor da ESE e também com os outros colegas das outras práticas para partilhar experiências, situações mas sempre só com o supervisor da ESE. (...) (46)</p>
		2.2.3. Atitude do aluno/futuro professor	<p>(...) [supervisor da ESE] consegue avaliar as duas perspectivas (...) já foi professor do 1.º ciclo muitos anos consegue entender melhor a perspectiva da professora cooperante e também entende as nossas (...) (43)</p> <p>(...) é o professor que nos acompanha na ESE antes e depois das aulas, acabamos por passar muito tempo com esse supervisor. (...) (44)</p> <p>(...) os dois supervisores... e nós deveríamos ter um género de uma reunião após as nossas intervenções na prática, uma reflexão conjunta, que raramente se verificou no decorrer deste ano (...) (45)</p> <p>(...) os [colegas] do grupo (...) são pessoas que estão presentes e que também vêem e que também têm uma perspectiva pessoal e própria sobre o que se passou (...) (47)</p> <p>(...) há reflexões que fazem todo o sentido serem em grande grupo. (...) (48)</p>

			(...) No entanto sobre situações da prática que não viram e que não assistiram se calhar (...) nem sempre será propriamente muito benéfico (...) (49)
3. Avaliação da Prática Pedagógica	3.1. Intervenientes		(...) quem avalia são os professores, o professor cooperante da escola do 1.º ciclo e o professor da Universidade, (...) (20) (...) a nossa própria autoavaliação deveria ter um peso maior porque afinal se nós reflectimos e se somos nós que a realizamos acho que também deveria ser levado em conta a nossa própria autoavaliação. (...) (21)
	3.2. Processo		(...) quando os orientadores estão os dois a avaliar, acho que deviam (...) confrontar as suas próprias opiniões acerca do que se está a passar (...) (29) (...) os momentos de reflexão pós-aula que nós temos com os orientadores, principalmente com o orientador da ESE, acho que são muito importantes, quer para o professor avaliar o que se passou segundo a nossa perspectiva quer para nós próprios nos avaliarmos àquilo que fizemos (...) aquela introspecção acho que é muito importante (...) (30)
	3.3. Finalidades		(...) nós somos classificados com uma nota que facilitará ou não a nossa colocação depois a leccionar (...) (22) (...) teoricamente acho que isso diz muito pouco acerca do bom ou mau professor. (...) (23) (...) essencialmente se os nossos objectivos foram ou não atingidos e o porquê (...) (52) (...) o sentido do ensino é isso mesmo é desenvolver as competências nos alunos (...) (53) (...) o mais importante é saber se as estratégias funcionaram, portanto, se atingiram os objectivos ou não e o porquê (...) (54)
	3.4. Objecto		(...) é a avaliação do nosso trabalho, a avaliação das estratégias que utilizámos, dos materiais que utilizámos, das metodologias de observação. (...) (25) (...) Observam como a prática decorre (...) (26)
	3.5. Apreciação crítica		(...) é difícil para quem avalia dissociar as suas próprias opiniões pessoais, acho que nem sempre as classificações correspondem ao verdadeiro valor do desempenho do futuro professor. (...) (24) (...) de alguma forma acabamos sempre por ter um desempenho condicionado por ter a presença dos orientadores na sala. (...) (27) (...) Seria ideal que no futuro pudéssemos ter, vamos supor, uma câmara de filmar ou alguma coisa que registasse o nosso desempenho sem ter a presença lá, porque acho que isso conferia a quem avalia uma perspectiva diferente e de alguma forma aliviava um pouco a tensão do estagiário que está a leccionar uma aula (...) (28)
4. Aspectos problemáticos	4.1. Dificuldades sentidas	4.1.1. Em termos organizativos	(...) o que foi mais complicado foi mesmo o entendimento com a professora cooperante da escola do 1.º ciclo (...) (31) (...) no caso do meu grupo, é uma pessoa demasiado ditadora, impõe demasiado as suas próprias metodologias (...) (32)
		4.1.2. No plano da acção	(...) dá-nos pouco espaço de manobra para experimentar as estratégias que nós ao longo destes anos na Universidade teoricamente aprendemos e queremos pôr em prática, novas metodologias, novas estratégias que muitas vezes nos são limitadas por imposição da professora cooperante e acho que isto pelo menos para mim foi um grande problema na prática. (...) (33)

	4.2. Estratégias de superação das dificuldades		(...) Geralmente conversávamos sobre as estratégias a desenvolver (...) (34) (...) conversávamos mais sobre as planificações, tentar chegar a um acordo entre o que a professora considerava aceitável ou correcto e o trabalho que eu gostaria de desenvolver (...) com os alunos (...) as estratégias que eu gostaria de inovar e de experimentar, ver se funcionava, se não, como é que os alunos iriam reagir, se ficavam motivados, se desenvolviam as competências ou não (...) (35)
5. Contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional do aluno/futuro professor			(...) A nível pessoal acho que começo a conhecer as crianças com outros olhos, acho que nós subestimamos sempre a inteligência e as capacidades delas (...) foi a grande lição que tenho aprendido na prática. (...) (63) (...) a nível profissional a... contribui na medida que nós sempre vamos confrontando com algumas situações, gestão de algumas situações com famílias, com a comunidade educativa, relações com... com outros colegas, com outros professores (...) (64) (...) a nível da sala de aula (...) é a grande lacuna que deixam porque acho que poderíamos sempre fazer outro tipo de trabalho (...) que contribuiria mais para o nosso desenvolvimento profissional. (...) (65) (...) O supervisor da ESE, no nosso caso, é um bom supervisor, é uma pessoa com uma grande abertura, é uma pessoa sempre pronta para nos ajudar com os nossos problemas. (...) (66) (...) O supervisor cooperante do 1.º ciclo não é uma pessoa assim, é uma pessoa que é extremamente directiva, portanto, impõe demasiado as suas próprias opiniões, dá pouco espaço de manobra (...) (67) (...) é uma pessoa que não houve muito os nossos problemas (...) (68) (...) portanto pensa demasiado no que considera correcto não dando espaço a novas ideias (...) nem para a própria professora implementar nas suas aulas nem para nós e acho que isso é muito limitador (...) (69) (...) o mesmo não se verifica com o supervisor da ESE que é uma pessoa com uma grande abertura e que ouve sempre o que nós temos para dizer e os nossos receios (...) (70) (...) é uma pessoa sempre pronta a ajudar (...) (71) (...) e que realmente se preocupa com o nosso desenvolvimento. (...) (72)
6. Atitude do formando	6.1. Satisfação		(...) é mesmo a aprendizagem dos alunos (...) (73) (...) é muito bonito chegar ao fim do dia e saber que eles [alunos do 1.º ciclo] hoje conseguiram ler mais uma palavra, eles hoje conseguiram fazer mais uma situação problemática, acho que é muito gratificante ver a evolução (...) (74) (...) é muito bonito saber que aquela criança hoje sabe mais qualquer coisa e eu contribuí, eu não ensinei porque eles já sabem quase tudo, mas eu contribuí, acho que isso é muito bonito. (...) (75)
	6.2. Insatisfação		(...) são mesmo as relações humanas (...) (76) (...) a gestão com a professora cooperante do 1.º ciclo é muitas vezes muito complicada (...) (77) (...) Muitas vezes é abordar alguns conteúdos que não tenho bem a certeza como é que os alunos vão reagir se vão assimilar bem ou não, muitas vezes para abordar alguma situação nova acabo por preparar três ou quatro estratégias diferentes (...) por não saber muito bem se a primeira irá ou não funcionar e porque mesmo que funcione não vai chegar a todos os alunos porque eles têm aprendizagens diferentes (...) (78) (...) a pedagogia diferenciada por vezes também me causa algum receio (...) e a adequação das estratégias e das actividades aos alunos e saber se funcionarão bem ou não. (...) (79)

<p>7. Propostas de alteração da Prática Pedagógica</p>			<p>(...) a distribuição do tempo (...) (80) (...) a Prática I e a Prática II deveriam ser organizadas de forma a que um grupo não tivesse, portanto, na Prática I e na Prática II o mesmo ano lectivo, acho que era muito importante que os alunos passassem pelos quatro anos porque são estágios diferenciados e que isso faria todo o sentido porque houve grupos que tiveram nas duas práticas o mesmo ano, o trabalho desenvolvido acabou por ser semelhante (...) (81) (...) seria mais positivo se apanhasse um pouco dos quatro [anos de escolaridade do 1.º ciclo] (...) (82) (...) os professores cooperantes das escolas do 1.º ciclo são pessoas demasiado directivas e que impõem demasiado as suas próprias ideias. (...) (83) (...) Eu acho que esse poder deveria de alguma forma ser-lhes retirado (...) (84) (...) deveria ser delegada uma maior autonomia aos estagiários para que eles próprios pudessem desenvolver um melhor trabalho (...) (85) (...) por vezes é benéfico a utilização de estratégias diversificadas porque o que hoje não funciona desta forma de outra forma poderá funcionar e sem tentar nós nunca saberemos. (...) (86)</p>
--------------------------------------------------------	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO XIV

**Quadro geral de comparação de dados
Entrevistas E4, E5 e E6**

ANÁLISE DE CONTEÚDO (QUADRO GERAL DE COMPARAÇÃO DE DADOS)

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	TRAÇOS CARACTERIZADORES	E4	E5	E6	TOTAL 1	TOTAL 2		
1.Organização da Prática Pedagógica	1.1. Estrutura		A Prática Pedagógica está organizada em Prática Pedagógica I, no 3.º ano, com um dia no 1.º semestre e dois no 2.º	1			1	1		
			No 4.º ano há quatro dias no 1.º semestre e dois no 2.º	1	2	2	5	3		
			Existem também cadeiras teóricas no 4.º ano	1			1	1		
			No seminário de Supervisão são dadas noções essenciais para serem aplicadas na prática			2	2	1		
			O grupo é de três colegas, cada semana é um elemento a dar a aula		1		1	1		
	1.2.Processo			A primeira semana de prática foi de observação	2	1		3	2	
				O tempo de observação foi muito curto		2	1	3	2	
				O supervisor da ESE assistiu normalmente a todas as aulas, a parte das mesmas	1			1	1	
				Seguimos as estratégias /métodos da supervisora cooperante	1		1	1	1	
	1.3. Apreciação crítica	1.3.1. Do processo		A distribuição dos dias de prática devia ser ao contrário, dois dias no 1.º semestre e quatro no 2.º	3	1	1	5	3	
				O tempo global de prática é suficiente mas a distribuição não foi feita da melhor forma	3	2	2	7	3	
				O tempo de observação é muito reduzido	3			3	1	
				Existem cadeiras demasiado teóricas	1	1	1	3	3	
				A teoria adquirida é necessária a um bom desempenho da prática			2	2	1	
				Deveriam existir no curso cadeiras mais práticas	2	1		3	2	
				Os grupos deveriam ter dois elementos para permitir aos alunos/futuros professores mais horas de acção educativa		1		1	1	
				A Prática Pedagógica foi uma boa preparação para a vida docente		1	1	2	2	
		1.3.2. Da supervisora cooperante			A Prática Pedagógica é desenvolvida de acordo com as estratégias que a supervisora cooperante utiliza	1			1	1
					Está sempre presente	1			1	1
					A Prática Pedagógica está muito dependente da supervisora cooperante	1			1	1
					Dá pouca autonomia aos alunos/futuros professores	1	1	2	4	3
					A supervisora cooperante deveria ter mais confiança nos alunos/futuros professores		1		1	1
	É pedida ajuda à supervisora cooperante apenas para tirar dúvidas		1		1	1				

2. Ciclo de supervisão	2.1. Pré-observação	2.1.1. Planificação/ planificação	A melhor preparação para a docência é com os supervisores		1		1	1
			São realizadas a partir das orientações da supervisora cooperante	1		1	2	2
			A planificação é elaborada a partir dos conteúdos que são dados pela supervisora cooperante e das competências a desenvolver	1	1	1	3	3
			As planificações são feitas em grupo		2	2	4	2
			São vistas pela supervisora cooperante e pelo supervisor da ESE	1		1	2	2
			As planificações são analisadas pelos supervisores com uma semana de antecedência		1	2	3	3
			As estratégias e as actividades são definidas pelos alunos/futuros professores e avaliadas pelos supervisores	1		2	3	2
			É também elaborado um plano diário com as actividades que vão ser desenvolvidas no dia de prática			1	1	1
	2.2. Pós-observação	2.2.1. Reflexão com a supervisora cooperante	A reflexão era sempre a seguir à aula, no intervalo ou no período de almoço, para falar sobre o desempenho do aluno/futuro professor	1		2	3	2
			A reflexão era feita no final de cada “semana”		1		1	1
			Os assuntos tratados eram sobre a preparação das aulas: estratégias, conteúdos, competências a desenvolver e materiais	2		2	4	2
			Nas reflexões participavam a supervisora cooperante e os elementos do grupo		2		2	1
			Eram apresentados os conteúdos, que eram seguidos pelos manuais escolares		1		1	1
			No final da Prática Pedagógica houve mais autonomia na preparação das aulas			2	2	1
		2.2.2. Reflexão com o supervisor da ESE	Acontecia uma vez por semana no Seminário de Supervisão	1	2	1	3	3
			Com o Supervisor da ESE as reflexões eram mais frequentes e proveitosas devido a uma perspectiva mais imparcial	1			1	1
			Reflectia-se para os colegas saberem o que tinha sido feito nos outros grupos	1	1		2	2
			O supervisor da ESE raramente dizia alguma coisa		2		2	1
			As reflexões escritas eram feitas semanalmente	1		1	2	2
			Havia também uma reflexão escrita no final do 1.º semestre e outra no final da Prática Pedagógica	3			3	1
		2.2.3. Atitude do aluno/futuro professor	O supervisor da ESE consegue entender melhor a perspectiva da supervisora cooperante e dos alunos/futuros professores	2			2	1
			O supervisor da ESE é o professor que nos acompanha antes e depois das aulas	1			1	1
			Deveria haver uma reflexão conjunta, com os supervisores e o grupo, após as intervenções na prática	1			1	1

			Os colegas de grupo estão sempre presentes e também têm uma opinião pessoal sobre o desempenho dos colegas	1			1	1
			Há reflexões que fazem todo o sentido serem em grande grupo	1		2	3	2
			É importante saber o que correu menos bem para ser melhorado		2		2	1
3. Avaliação da Prática Pedagógica	3.1. Intervenientes		Quem avalia são o supervisor da ESE, a supervisora cooperante e os colegas	1	1		2	2
			A supervisora cooperante é quem deve intervir mais porque observa toda a Prática Pedagógica			2	1	1
			A autoavaliação deveria ter um peso maior	1			1	1
			Os colegas de grupo deveriam intervir na avaliação		1		2	1
			O supervisor da ESE observa poucas aulas pelo que não tem tanta noção do desenvolvimento dos alunos/futuros professores		1	1	2	2
			Todos os momentos da Prática Pedagógica são importantes para serem avaliados			1	1	1
	3.2. Processo		Os momentos mais adequados de avaliação da prática são a exposição de conteúdos e a exploração de conhecimentos			3	3	1
			Os supervisores deveriam confrontar as suas opiniões quando estão a avaliar	1		1	2	2
			Os momentos de reflexão com os supervisores são muito importantes para avaliar o que passou na Prática Pedagógica	1			1	1
			A avaliação do desempenho dos alunos/futuros professores, por parte dos supervisores, é fundamental no final das aulas		2		2	1
			Com a supervisora cooperante sempre foi feita a reflexão e avaliação de todo o processo		1		1	1
			Durante o ano não existe avaliação do supervisor da ESE, só ao nível da correcção das reflexões escritas e de materiais produzidos		1		1	1
			O supervisor da ESE não manifesta a sua opinião acerca do desempenho dos alunos/futuros professores		1		1	1
		3.3. Finalidades		A avaliação é necessária porque os alunos/futuros professores vão desempenhar uma profissão de grande exigência			1	1
			Não se pode dar aulas a crianças sem o mínimo de formação e profissionalismo			1	1	1
			As principais finalidades da avaliação são o melhoramento da acção educativa	2	1		3	2
			É importante a avaliação constante da Prática Pedagógica		1		1	1
			Diariamente era feita a reflexão e a avaliação do desempenho com a supervisora cooperante		1		1	1
			Os alunos/futuros professores são classificados com uma nota que facilitará ou não a colocação futura	1			1	1

			Teoricamente a nota final diz muito pouco acerca do bom ou mau professor	2			2	1
	3.4. Objecto		É feita a avaliação do trabalho desenvolvido, das estratégias, dos materiais e das metodologias	1			1	1
			As aulas também são avaliadas através da observação	1		1	2	2
			Deveria existir um instrumento de avaliação para ser preenchido pela supervisora cooperante em cada intervenção		2		2	1
	3.5. Apreciação crítica		É difícil para quem avalia dissociar as suas próprias opiniões pessoais	1			1	1
			De alguma forma, o desempenho é sempre condicionado por ter a presença dos orientadores na sala	1			1	1
			Deveria ser registado o desempenho dos alunos/futuros professores sem ter a presença dos supervisores	1			1	1
			O supervisor de ESE devia estar mais presente		1	1	2	2
			As reflexões orais e escritas ajudam a entender os problemas e as dificuldades			1	1	1
4. Aspectos problemáticos	4.1. Dificuldades sentidas	4.1.1. Em termos organizativos	O mais complicado foi o entendimento com a supervisora cooperante	1			1	1
			A supervisora cooperante impunha demasiado as suas próprias metodologias	1			1	1
			No segundo semestre o tempo de prática foi muito reduzido, apenas dois dias semanais		1		1	1
			Leccionar conteúdos em turmas mistas, com dois anos diferentes, é muito complicado		1		1	1
			Por vezes a supervisora cooperante impedia um trabalho mais apropriado			2	2	1
		4.1.2. No plano da acção	Indisciplina dos alunos			1	1	1
			Turma muito heterogénea, com níveis diferentes			1	1	1
			Alunos com dificuldades de aprendizagem e necessidades educativas especiais			1	1	1
			Alunos estrangeiros		1		1	1
			Turma com vinte e quatro alunos		1		1	1
	Mau comportamento dos alunos			1		1	1	
	Pouca autonomia por parte da supervisora cooperante para experimentar novas estratégias e novas metodologias		3			3	1	
	4.2. Estratégias de superação de dificuldades		Conversa com a supervisora cooperante sobre as estratégias a desenvolver	1			1	1
			Diálogo com a supervisora cooperante acerca das planificações a fim de haver acordo entre o que considera aceitável ou correcto e o	1			1	1

			que os alunos/futuros professores gostariam de desenvolver					
			Avaliação/reflexão com a supervisora cooperante		1		1	1
			Dissipação das dificuldades através do processo de avaliação		1		1	1
			Conversa com as colegas de grupo		1	1	2	2
			Adequação de estratégias e metodologias no combate à heterogeneidade, em conjunto com a supervisora cooperante			1	1	1
			Ajuda da supervisora cooperante, através da sua experiência, na superação de dificuldades		1	1	2	2
5. Contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional do aluno/futuro professor			Maior conhecimento das crianças	1			1	1
			Confronto e gestão de algumas situações educativas	2			2	1
			O supervisor da ESE é uma pessoa muito aberta, bom supervisor e sempre pronto a ajudar	4	1		5	2
			Houve falta de crítica por parte do supervisor da ESE		1		1	1
			A supervisora cooperante é uma pessoa muito directiva	3			3	1
			A supervisora cooperante é muito humana, afectiva e amiga		2		2	1
			A supervisora cooperante estava sempre pronta para ajudar e muito disponível		1		1	1
			Independentemente da supervisora ser boa ou má estamos sempre em aprendizagem		2		1	1
			A supervisora cooperante usava muito o livro e era pena		1		1	1
			Este ano houve um grande crescimento porque foram muitas horas de Prática Pedagógica		2		2	1
			Quando se entra em sala e se começa a leccionar é que se tem a noção do que é ser professor			3	3	1
			A Prática Pedagógica é essencial porque a teoria não dá qualquer noção sobre o que é ser professor			2	2	1
			O relacionamento com os supervisores tem sido muito bom			3	3	1
			6. Atitude do formando	6.1. Satisfação		A aprendizagem e a evolução dos alunos	3	2
O bom relacionamento com a supervisora cooperante e os alunos		1					1	1
Experiência muito boa						1	1	1
6.2. Insatisfação	O modo como a Prática Pedagógica está organizada, quatro dias no 1.º semestre e dois no 2.º			1			1	1
	Ter sido pouco tempo de observação no 1.º semestre			1			1	1
	Grupos de prática demasiado grandes			1			1	1
	A expectativa de conhecer a turma			1			1	1
	Receio do mau comportamento dos alunos			1			1	1
	Reacção imprevisível dos alunos			2			2	1
	Abordar conteúdos novos com os alunos sem saber como iam	1					1	1

			reagir					
			Necessidade de pedagogia diferenciada	1			1	1
			Relacionamento humano muito complicado com a supervisora cooperante	2			2	1
			Receio de não ser capaz de fazer tudo o que considera necessário			5	5	1
7. Propostas de alteração da Prática Pedagógica			A distribuição dos dias de prática deveria de ser três dias semanais ou de dois dias no 1.º semestre e quatro dias no 2.º	3	1	2	6	3
			O número de horas de Prática Pedagógica deveria ser aumentado			3	3	1
			As supervisoras cooperantes são pessoas demasiado directivas	2			2	1
			Os alunos/futuros professores deveriam poder escolher os supervisores		1		1	1
			Deveria ser dada maior autonomia aos alunos/futuros professores	1		1	2	2
			Seria benéfico a utilização de estratégias diversificadas	1			1	1
			As escolas do 1.º Ciclo deveriam ser mais próximas		1		1	1
			O número de elementos por grupo deveria ser reduzido		1		1	1
			Os alunos do grupo deveriam fazer uma reflexão escrita sobre o desempenho na prática dos outros elementos		2		2	1
			Deveria haver mais orientação e reflexão por parte do supervisor da ESE		3		3	1

Total 1 – Número de Respostas

Total 2 – Número de Entrevistados